



Sheila Cruz

Paixão em
ROMA 2



PAIXÃO EM ROMA 2

Copyright © 2018 Sheila Cruz Martino

Capa: Alex Martinowski

Revisão: Valéria Avelar

Diagramação Digital: Valéria Avelar

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Bônus - Amor Além Da Fronteira](#)

Prólogo

Abro os olhos e a primeira coisa que recordo é do dia anterior, tenho vontade de fechá-los novamente. De dormir e voltar no tempo. Retornar aos dias que eu e Luca estávamos bem, em paz e juntos. Mas, infelizmente, a realidade não é essa, e o cenário atual é outro. O conto de fadas em que vivi chegou ao fim, hora de pôr os pés no chão, encarar a verdade. Tudo que vivemos foi lindo, mágico e excitante. Mas não passou de faz de conta, de momentos passageiros.

Encarando os fatos e analisando friamente, nunca fui enganada ou iludida. Luca sempre foi transparente e autêntico, em momento algum me prometeu um relacionamento duradouro, casamento ou qualquer coisa do gênero. Quem sempre quis acreditar em tudo isso, fui eu!! E agora encontro-me aqui, com um filho na barriga, me preparando para uma nova fase. Mas é estranho! Porque estou em paz e serena. Como se uma força maior e grandiosa estivesse me apoiando e sustentando nesse momento. Apesar de triste e cabisbaixa, algo dentro de mim está mais firme, decidido. Me dando estímulo para caminhar adiante.

Levanto-me e vou para o banheiro fazer minha higiene matinal. Uma ideia está me rondando, desde que cheguei em casa ontem à noite. Ainda não tenho certeza se irá dar certo, nem falei com ninguém sobre o assunto. Mas antes de tudo, preciso conversar com minha avó e tia para sondar antes de qualquer decisão.

Pego o aparelho e telefone para Kira.

— Oi, tia, bom dia!

— Bom dia, Nina. Tudo bem?

— Tudo certo e você?

— Tudo bem também. O que você precisa, querida.

— Você e a vovó estarão livres hoje à noite? — Pergunto, pois preciso falar com as duas ao mesmo tempo.

— Eu ia sair para um jantar de negócios, mas não é nada tão urgente, posso desmarcar — Kira explica.

— Não quero atrapalhar seus planos, tia, posso marcar para outro dia — Tento tranquilizá-la.

— Não irá atrapalhar, te espero no hotel às 19:00 horas — Ela se adianta e combina o horário.

— Tá ok!!

Desligo e sigo para a cozinha. Estou morta de fome e doida para comer.

O cheiro de café está maravilhoso e minha boca saliva em expectativa. Sou movida a cafeína e não nego. Preciso marcar uma consulta com um ginecologista e ver todos os tramites necessários para fazer o pré-natal. Penso nisso assim que me sento na banqueta alta.

— Bom dia! — Clara me cumprimenta com um sorriso acolhedor e compreensivo, como se entendesse minha situação.

— Bom dia! — Respondo dando um leve sorriso.

— Dormiu bem? — Ela pergunta, preocupada.

— Mais ou menos, acordei algumas vezes, mas dei boas cochiladas — Esclareço sem ficar inventando desculpas.

— Eu imaginei — Clara conclui. — Você está sensível e magoada pelo que viu.

— Eu tô bem, Clara!! Vai passar — Concluo, mostrando que não quero mais tocar no assunto. Prefiro pôr uma pedra em cima. Lamentações e choramingo não irão me tirar desse rodadoiro de sensações.

— A mãe do Luca te ligou agora cedo — Minha irmã avisa, e não sei por que, não me encara quando diz isso. Vejo que tem algo de errado.

— O que ela queria? — Questiono, desconfiada.

— Só saber se está bem — Novamente Clara foge do meu olhar.

— O que está escondendo? — Pergunto de maneira direta, sem meias palavras.

— Nada, ué!! Por que sempre desconfia do que faço, Nina?

— Porque te conheço!! Não é do seu feitio se fazer de boba ou tonta. Desembucha, Clara!

Ela ri e comenta:

— Nunca consigo mentir para você, né!! Parece que tem detector.

— Pois é!! Então não adianta enrolar.

Ela pensa um pouco e conta sobre o que conversaram.

— Ela ligou para saber como você está, ficamos conversando, aí terminei contando de ontem à noite... — Clara me olha com um sorriso de deboche estampado no rosto. — Ela ficou uma arara com o Luca, disse que vai lhe arrancar o couro — Comenta, caindo na risada. — Tomara que leve umas boas cintadas para aprender a ser homem e não um moleque.

— Não devia ter contado, Clara! Caramba!

— Deixe de ser boba, Nina. Vai ficar protegendo aquele babaca?

— Não é proteger, mana!! Entenda que Luca sempre será o pai da minha filha, eu gostando ou não. Quero manter uma relação saudável e sem brigas, pois teremos este vínculo para o resto de nossas vidas. E colocar sua família contra ele, não é bem um início de política de boa vizinhança. Só quero ficar na minha, curtir minha gravidez em paz e sozinha. Sem confusão ou qualquer tipo de acusação.

— Desculpe!! Não pensei por esse lado. Só quis me vingar — Diz ela, coçando a cabeça e dando de ombros. — Mas e se ele mudar de ideia e quiser acompanhar a gravidez?

— Não quero contato com ele até a minha filha nascer! Ele não pode me obrigar — Digo firme e decidida, como nunca estive na vida. E também não acreditando nessa possibilidade. Luca não gosta de mim, com certeza após esfriar a cabeça, vai aceitar a criança e só isso. E para mim está de bom tamanho. — Eu aceitei que o tínhamos acabado, que Luca não gosta de mim. De agora em diante, somos pais de uma criança, só isso. E basta ter respeito e uma relação pacífica para conseguirmos dividir a responsabilidade de criarmos juntos.

— E você acha que consegue ser tão fria e evoluída assim, sem deixar seus sentimentos ou frustrações aparecerem?

Dou uma risada fraca, que não me alcança os olhos e nem a alma.

— Tenho oito meses para enterrar e aniquilar qualquer sentimento que senti por ele. E por isso mesmo que tomei uma decisão, que pode ser até um pouco drástica. Mas vai me ajudar a pôr os sentimentos no lugar.

— Hum... que mistério!! Fiquei curiosa agora — Ela cruza os braços na frente do peito.

— Vou morar em Tóquio com a vovó e a tia Kira por um tempo. Depois que o bebê nascer eu volto.

Minha irmã me encara, estática, abismada e com a boca aberta, incrédula pelo que disse.

— É sério isso? — Pergunta e engole em seco.

— É sim, mana! Vai ser bom ficar longe, respirar novos ares, conhecer gente nova. Vovó já tinha me sondado se eu gostaria de ir embora. Na época descartei a ideia, mas agora acho que é providencial e me fará bem. Pensei até em ajudar a Kira com as coisas da empresa, posso começar a aprender — Falo e lhe dou uma piscada.

— Eu não quero mudar para Tóquio, Nina. E além do mais, ainda estou terminando a escola. Faculdade só ano que vem — Percebo que Clara tenta me dissuadir, mas estou com a opinião formada e não volto atrás por nada.

— Você já provou ser uma moça responsável. Daqui a seis meses faz 18 anos e tenho certeza que irá se virar enquanto estou fora. E fora que posso confiar em Enzo, que se mostrou um bom rapaz, lhe darei esse voto de confiança.

— Vou sentir sua falta, Nina. Nós nunca ficamos separadas — Clara fala triste e uma lágrima escorre pelo rosto.

— Não tô indo embora para sempre!! É só por um ano. E fora que você vai nos visitar no natal e ano novo, não atreva a passar sem sua família.

Ela ri triste, mas parece entender.

— Eu te admiro, Nina. Queria ter um terço da sua força de vontade e garra. Mas sei que é para seu bem, que precisa se refazer. Tem meu apoio, pode ter certeza.

Nos abraçamos cheia de carinho e ficamos ali curtindo uma a outra.

Luca

Estou num sono pesado, sentindo a cama fofinha e bem aquecida. O silêncio domina a casa, até que sinto uma onda de água gelada bater em meu rosto. Abro os olhos de maneira assustada, sentando e tentando me localizar.

Me deparo com o olhar gélido e crepitante de dona Domenica. Ela está com um balde na mão e me fuzila. Sua carranca diz que está fervendo de raiva. Conheço bem essa expressão, a vi por toda minha infância, principalmente quando aprontávamos.

— Mãe! Por que jogou água em mim? — Pergunto indignado e quando olho para o lado, vejo Antonella, de calcinha e sutiã deitada ao meu lado na cama. Parece assustada e com medo.

— O que tá fazendo aqui, Antonella? — Questiono, confuso, pois lembro de nos

encontrarmos no Pub, mas depois disso está tudo nublado e em branco.

— Nós exageramos na bebida e dormimos juntos — Fala sem graça e dá de ombros.

Ah que merda, era só o que faltava!!! Porra, não acredito que fiz uma bosta dessa!!

Olho para frente e mamãe me encara com uma raiva bem explícita.

— Como entrou aqui mãe? — Pergunto, bravo.

— Chave de emergência. Lembra? — E lembro-me que lhe dei uma chave de casa para uma necessidade. — Que foi, tá com raiva porque te peguei no flagrante? Seu moleque idiota!

— Mãe! Eu nem lembro o que aconteceu ontem. Também não me recordo de ter bebido tanto para ficar desse jeito — Comento e passo a mão no cabelo, bagunçando-o de um lado a outro.

— Ah que providencial, vai dizer que foi violentando também? Que Antonella te pegou a força?

— Não! Porque nem lembro do que fiz — Sou o mais sincero possível.

— Me poupe dessa conversa fiada, filho! Estou decepcionada com essa atitude infantil e impulsiva. Na primeira dificuldade corre para transar com a primeira que vê pela frente.

— Alto lá, Domenica!! Não sou qualquer uma, trabalho com o Luca e nós saíamos de vez em quando.

Domenica a encara com indiferença, como se não tivesse lhe chamado na conversa.

— E a quanto tempo não estavam mais juntos? — Antonella engole em seco e responde.

— Uns três meses — Responde baixo.

— Era o tempo que ele estava em outro relacionamento — Antonella faz uma cara de desagrado e se cala, — Aliás, a Nina esteve aqui ontem à noite. Você sabia?

Minha mãe libera aquela bomba sem que eu estivesse preparado. Fecho os olhos, puto da vida, imaginado o que ela pode ter visto.

— Eu... eu não sabia — Até gaguejo de tão nervoso com medo da possível bomba que vou ouvir.

— Ela esteve, Luca, e advinha quem foi recebê-la na porta? — Olho para o lado e encaro Antonella. Seu semblante culpado a denuncia.

— A campainha estava tocando sem parar, achei que pudesse ser alguém da sua família por isso fui atender — Se justifica, mas nada a absolve. Ela não tinha nada que atender a porta da minha casa. Fico puto e bravo. Merda!!

Esfrego as duas mãos no rosto, porque estou me sentindo acuado. Não sou inocente, afinal, acordei pelado ao lado de Antonella e também não me lembro de nada. E por livre e espontânea vontade não teria rolado nada. E agora, em que me classifico? Culpado ou inocente?

Nina com certeza não irá querer me ver pela frente. Tenho certeza disso!

— Antonella, é melhor ir embora, as coisas não aconteceram de maneira espontânea, nós nem sabíamos o que estávamos fazendo.

— Espere lá!! Vai me mandar embora por causa daquela japonesinha enxerida?

— Querida, você não entendeu que está sendo despachada de maneira educada? Vamos lá,

trocando em miúdos e ele quis dizer que só transou com você porque estava bêbado. Compreendeu agora? — Mamãe a confronta sem paciência e decido me interferir.

— Antonella, vá, por favor!!

Ela parece indignada, mas levanta-se de calcinha e sutiã e sai em busca da roupa. Só escuto a porta de frente batendo com força.

— E agora. O que você vai fazer? — Mamãe pergunta, se sentando ao meu lado.

— Não sei, mãe!! Nina não irá acreditar que não lembro o que fiz. Afinal, eu estou errado, não é?

— Peça desculpa, seja sincero — Dona Domenica tenta me convencer.

— Mas eu ainda estou com raiva, também fui enganado — Trato de lembrar que fui sacaneado.

— Querido!! Se alguém não der o braço a torcer, onde vocês vão parar? Ela só estava com medo de te contar, ficou apreensiva. E vamos pesar as duas situações, o seu caso está pior, Luca.

— Não sei!! Preciso de um tempo.

Mamãe bufa e retruca cansada:

— Chega!! Vou para a minha casa. Vocês são adultos e que se entendam. Não posso forçar ninguém a nada.

Vejo ela se afastar e ir embora irritada e fico ali na cama, sentindo falta da minha pequena. Mas não querendo admitir tais sentimentos!!

Capítulo 01

Ao anoitecer, seguimos de Uber até o hotel para jantarmos juntas. As duas estão tranquilas e parecem curiosas pelo meu pedido. Conversamos sobre a semana, coisas da empresa e outras besteiras de mulher. Comemos e demos risada.

Kira já sabia sobre minha gravidez, minha avó havia lhe contado e perguntaram sobre a bebê.

— Como você está, querida?

— Estou bem, vó! Sinto muito sono e estou mais comilona, mas fora isso, está tudo dentro do normal — Comento sorrindo e fazendo um afago em minha barriga.

— Eu sempre abusava na comida quando estava grávida — Vovó relembra com o olhar saudosos.

— Não vou cair nessa! Depois é um custo para perder — Digo com firmeza.

— Não exagere, mas também não deixe de comer algo que tenha vontade. Afinal, gravidez é momento para ser curtido, não levado como tortura.

Kira tem razão, o problema não é comer pouco e sim comer até se saciar.

— Gente, o assunto que tenho com vocês é um pouco mais sério. E por favor, sintam-se à vontade para dizer não, se acharem que irei atrapalhar — As duas se olham e depois voltam a atenção para mim.

Conto tudo que aconteceu ontem, tia Kira ficou brava, revoltada. Percebo que é o tipo de gente justa. Mas quando sente que foi injustiçada, se transforma e não deixa por menos.

— Você não precisa dele, Nina. Nada irá te faltar, é uma promessa — Kira anuncia com veemência.

— Obrigada, tia! Me sinto muito melhor sabendo que tenho apoio e suporte da minha família. Mas quero pedir outro favor, mas volto a dizer que não quero atrapalhar — Deixo essa mensagem bem implícita.

— Nada que venha de vocês irá atrapalhar — Minha vó se adianta.

Então penso por alguns segundos e comento meu desejo de ir embora, ficar durante a gravidez em Tóquio. A ideia é comemorada com entusiasmo e alegria. As duas apoiam e se põe à disposição.

— Clara, você irá ficar? — Vovó questiona com o semblante calmo e sereno.

Minha irmã me olha triste e responde com sinceridade.

— Vó, ainda estou terminando o colégio e fora que namoro, não quero abandonar a minha vida.

— Eu entendo suas escolhas. Sua irmã vai embora, porque precisa desse tempo. Mas, Clara, você ainda é menor e se precisar tomar alguma ação em seu nome?

— Já pensei nisso, vó — Tomo a frente da conversa. — Vou emancipar a Clara e assim ela pode praticar qualquer ato de uma pessoa com 18 anos. Inclusive, recebemos de herança os aluguéis de um prédio que meu avô paterno nos deixou. Vou deixar Clara como responsável por

isso — Falo, pensando que depois terei que conversar melhor com minha irmã. Dar mais detalhes para que não tenha problemas.

— Bem, então estamos acertadas? — Pergunto para ambas. — Não há nenhum problema mesmo? Eu entendo se não puderem me receber — Falo séria, realmente irei compreender se não puder ir agora.

— Deixe de bobagem, Nina! Aquela casa é sua também — Vovó me chama a atenção. — Estamos mais que felizes em recebê-la. Mas deixe-me fazer um mimo à minha neta — Ela se remexe ansiosa e fala:

— Gostaria de fazer um tour por alguns países da Europa e levá-la comigo antes de irmos para Tóquio. O que acha da ideia?

Abro um sorriso de lado a lado.

— É claro que topo, vó!! Vou adorar.

— Então está combinado!! Resolva a parte legal com a sua irmã e depois decidimos para onde vamos.

Saio de lá andando em nuvens, sempre quis conhecer vários lugares. Pena que até pouco tempo atrás achei que poderia fazer isso com Luca. Doce ilusão!!

O dia seguinte é sábado e já me sinto depressiva ao pensar no fim de semana. Será torturante e maçante. Preciso me ocupar e dar um rumo aos meus dias até ir embora. Mente vazia, oficina do diabo!!

Penso, penso e chego à conclusão que devo ir passear. Ligo para a minha vó e pergunto se aceita ir visitar o Vaticano e fazer alguns passeios de turista. Mesmo não sendo católica, topa na hora e até a tia Kira se oferece para ir junto. Andamos muito sábado e domingo. Posso falar com toda certeza que isso me salva de sofrer e remoer o fim de semana inteiro. Aliás, nem vejo os dois dias passando. As companhias são boas e a conversa interessante. Rimos, fofocamos e aproveitamos cada segundo. Amei fazer turismo com elas e já vi que aproveitarei bastante este tour com a minha vó, que apesar da idade, é uma mulher cheia de saúde e vitalidade, arrisco a dizer que tem mais energia que eu, que sou jovem.

— Adorei fazer turismo com vocês — Falo, empolgada.

— Estou pensando em pegar uns dias para viajar com vocês — Kira anuncia. — Preciso de férias mesmo, e já vi que a viagem será animada.

— Vamos, tia? Nos divertiremos bastante — Peço com carinho.

— Vou ajeitar algumas coisas na empresa e fechamos o roteiro juntas — Kira sinaliza sua decisão.

Dou um pulo no lugar em sinal de alegria e rimos juntas.

Na segunda-feira vou a um cartório e vejo o que é necessário para fazer o procedimento da emancipação. Converso com o advogado da minha avó Corina e aviso da minha ida para o Japão. Ele promete que assinaremos a documentação passando a escritura para o meu nome essa semana. Vou até a clínica avisar da minha saída e agradecer pela oportunidade.

Enfim, a semana é corrida. E tudo deu certo. Clara está emancipada, sem nenhum obstáculo. E a escritura do prédio é passada para o meu nome e já deixo uma procuração para que Clara

possa cuidar da burocracia. Aparentemente, tudo está caminhando rapidamente. E a próxima segunda-feira, embarcarei para começar o nosso tour.

Decidimos conhecer a Turquia e Grécia. Inicialmente, viajaremos por 20 dias, mas o passeio pode ser estendido por mais 10, se for necessário. Apesar dos meus protestos, não me deixaram desembolsar nada, tudo será por conta de Kira. Iremos embarcar na primeira classe e ficaremos em hotéis 05 estrelas. Nunca viajei com tanta pompa e luxo. Só tenho a agradecer a gentileza de minha tia. Tê-las em minha companhia será muito gratificante e enriquecedor. Enquanto faço a mala, penso que de lá, irei embora para o Japão e só voltarei depois que a bebê nascer. Fecho os olhos e já sinto saudades de tudo. Da Clara, do Snop, da minha cidade, comida e clima. Das amigas que fiz no trabalho, da Fabíola da faculdade e até de Gina, que apesar de ser doidinha é minha amiga de infância. E a saudade maior, é do pai da minha filha, que sempre será meu primeiro amor. Sinto sua falta, mesmo que tente não pensar no assunto. A dor de não o ter por perto é quase física e palpável. Mas simplesmente decidi abafá-la, sufocar os sentimentos, até que estejam soterrados e silenciados.

Não pensar no assunto tem me confortado por enquanto. Fujo de tentar analisar qualquer assunto sobre ele. Às vezes o melhor remédio é o esquecimento, e tento usá-lo para apagar as lembranças do que passamos.

Clara fala que estou fugindo da verdade. Pode até ser!! Mas prefiro isso a ficar com uma ferida aberta, latejando sem cessar. Enquanto agir dessa forma estiver funcionando, em time que está se ganhando, não se mexe.

Vou tocar minhas prioridades até o dia da partida. Combino de me despedir de Fabiola e as meninas da clínica. Nos encontramos num barzinho no centro e a choradeira é geral.

— Gente, em um ano eu volto. Prometo!!

Todas riem e comemoramos juntas. Conto para a minha amiga sobre a gravidez, ela ri e chora. E diz que comprará uma lembrancinha para a minha filha. A comemoração é descontraída e posso me despedir em grande estilo das meninas.

Resolvo não contar nada para Gina, pois tenho medo dos seus surtos de obsessão. Gente assim é uma bomba relógio!! E até pensei em contar a Domenica, mas tenho receio de qualquer interferência. Afinal, sou mãe da sua neta, ela poderia criar algum tipo de caso quanto a isso. Resolvo só contar a ambas quando estiver acomodada no Japão.

O dia fatídico chega. Estamos na entrada do portão de embarque internacional. Viro-me para Clara e a abraço, choramingando.

— Cuide do Snop, pelo amor de Deus!! Você sabe que ele sentirá minha falta por uns dias. Deixe que durma com você para amenizar a tristeza — Falo em tom de instrução.

— Vou cuidar dele, Nina. E eu, não ficarei triste com a sua ida? — Questiona num choramingo.

— Eu sei que vai, mas nos veremos daqui há 04 meses. Natal e ano novo, lembra?

— Pode deixar. Ah! Enzo vai comigo, ok?

— Sem problemas, meu cunhado tem passagem liberada — Digo e pisco com cumplicidade.

— Você é uma puxa-saco, isso sim!!

Damos risada, nos abraçamos e sigo com Kira e vovó para uma nova fase da minha vida. Que

será cheia de expectativas e possibilidade!!

Capítulo 02

Luca

30 dias depois....

Enquanto digito um e-mail no computador, as imagens dos momentos com Nina, passeiam em minha cabeça sem parar. Não consigo frear esse saudosismo, a falta que me faz é tão forte e palpável, que ultimamente tenho sentido dores pelo corpo. Principalmente na região do coração, é como se tivesse levado uma pancada forte no peito. Por mais que finja e interprete um papel de homem forte, e que está seguindo em frente sem sofrer. A verdade é totalmente diferente do que demonstro. Tenho sofrido calado, amargando uma saudade avassaladora, colhendo o fruto de minhas atitudes impensadas e cheia de orgulho;

Tentei acreditar que ia passar, que o tempo me ajudaria a esquecê-la, que sair com os amigos e paquerar outras mulheres fariam as lembranças de Nina serem varridas para debaixo do tapete, mas nada mudou!! Parece que foi ontem que brigamos e fiz a maior burrada da história. Não deveria ter ido beber naquele bar e tampouco ter permitido que Antonella sentasse comigo. Aliás, está parte é como uma folha em branco, a última lembrança foi de ter levantando para buscar sua bebida, depois tomei mais um copo de whisky e bum, ausência total de memórias. Quê estranho!! Não lembro de ter bebido tanto para esquecer completamente o que fiz. O episódio de termos acabado transando no meu apartamento, ainda é algo que perturba, causando uma desconfiança. Nunca bebi a ponto de perder a consciência, algo martela dentro de mim, que tem alguma peça faltando nesse quebra-cabeça. Mas infelizmente já tentei lembrar daquela noite, fiz força, meditei, e as lembranças são nulas e sem base. Meu ramal toca e atendo no segundo toque.

— Alô! — Cumprimento quem está do outro lado e escuto a voz chata e que vem me irritando profundamente nos últimos 30 dias.

— Vamos almoçar? Acabei de conseguir uma reserva naquele restaurante japonês que você adora — Antonella anuncia animada, como se sua proposta fosse a melhor coisa do mundo.

Bufo sem paciência com suas investidas sem noção. Será que não consegue perceber que não estou interessado?

— Obrigado, Antonella! Aproveite seu almoço, mas comerei na minha mesa mesmo, acabei de pedir uma salada.

— O quê? Vai deixar de almoçar comigo, para comer na frente do computador? Ah fala sério Luca!! Você vem me evitando desde aquele incidente na sua casa. Já falei que não tive culpa, bebi tanto quanto você e não fiz por mal quando atendi a porta. Foi uma infelicidade me encontrar com a japinha mosca morta. — Tenta se justificar, mas não caia nas suas desculpas esfarrapadas. Ela fez questão de deixar claro que havíamos dormido juntos e tentou humilhar Nina.

— Economize a saliva, Antonella!! Não acredito nem um pouco em seu arrependimento, nunca gostou da Nina e aproveitou o momento para tirá-la de circulação. Mesmo quando deixei evidente que não teríamos mais nada.

Ela dá um pigarro e tenta seguir por outro caminho.

— Gosto de ficar com você, Luca!! Não pode me culpar por isso. Temos química e sintonia. Por que não aproveitar? Não estou te cobrando nada, querido. Ao contrário daquela adolescente. Sou madura e aceito um relacionamento aberto. Olha que coisa boa, o melhor de dois mundos!!! Você fica comigo e pode pular o muro de vez em quando — Se insinua com aquela voz melosa e aguda, me causando asco e sinto uma vontade tremenda de desligar; respiro fundo e procuro ser o mais claro e sincero possível.

— Como já disse outras vezes, não estou interessado Antonella!! O que tínhamos acabou, tenho certeza que podemos ser amigos e trabalhar em paz juntos. Mas por favor, esqueça!!

Ela respira fundo e parece contrariada, mas se recompõe e tenta ter alguma dignidade.

— Podemos ser amigos então!! Afinal trabalhamos juntos e somos adultos, não é mesmo?

Sua voz agora está baixa e controlada, parece ter compreendido o recado.

— Concordo!! E fico feliz que tenha entendido. Bom vou desligar, porque tenho muito serviço para finalizar. Bom almoço!! — Mal espero a resposta e desligo.

Espero uns 30 minutos e saiu para comer algo, pois só disse ter pedido a salada para despistá-la.

Descido comer num restaurante que fica há uma quadra da empresa, quando estou para atravessar a rua, vejo minha ex-namorada Natalie passando do outro lado da calçada. Estanco no lugar, sem dar um passo adiante. Observando a cena que se desenrola há minha frente. Natalia é abraçada com zelo e posse por um homem que aparenta ser um pouco mais velho, talvez uns 38 ou 39 anos. A intimidade e carinho entre ambos é evidente e explícita. Fico como um *voyer* espiando de longe. Ela para em uma vitrine e consigo vê-la de lado, enquanto aponta para algo dentro da loja. Sua silhueta mostra uma barriga de uns 5 ou 6 meses de gestação, estou sem acreditar que está grávida. Continuo olhando o casal interagindo, quando o homem que está caminhando na ponta da calçada levanta a mão, vejo o brilho da grossa aliança de casamento e constato o óbvio. Natalie, diferente de mim, seguiu em frente, e está vivendo uma vida normal e plena como qualquer pessoal de sua idade. Vê-la não me desperta nada! Nem raiva, tampouco amor. Por diversas vezes pensei em como seria vê-la após 7 anos, mas confesso que foi melhor que esperei. Sinto um misto de alívio e vergonha. Alívio por perceber que não a amo mais e vergonha por tê-la deixado controlar meus sentimentos por tanto tempo. Me proibi de desenvolver qualquer tipo de afeto ou sentimento por medo, temi ser passado para trás e assim deixei que mágoas do passado ditassem meu futuro. Fugir do amor, foi como chupar uma bala com papel, saborear um sorvete com a embalagem. Achei que o auge da maturidade, foi quando perdoei a traição do meu amigo alemão Tommas Krause a um tempo atrás. Mas mesmo diante disso, pensar em reencontrar Natalie era algo inconcebível, e agora, aqui, vendo-a passando e não sentindo absolutamente nada, é libertador e exultante. Sinto-me curado de uma doença maligna, que me aprisionou por anos. O rosto de Nina surge em minha mente e sorrio. Deixarei se ser um otário e babaca orgulhoso, e procurarei minha pequena. Por mais que Nina tenha errado em não me contar sobre a gravidez, nada justifica o modo como a tratei. E principalmente pelo erro que cometi ao dormir com Antonella, mesmo estando bêbado. Farei de tudo para ter minha japinha de volta, lutarei e me humilharei se for preciso. Não pretendo abrir mão de reconquistá-la, e principalmente de estar presente na criação do nosso filho.

Olho no relógio e vejo que são quase 14 horas. Nina deve ter chegado da clínica, passarei em

sua casa.

Sigo ansioso e com o coração acelerado enquanto dirijo. O medo de ser rechaçado é grande. Mas a saudade e melancolia são maiores. Sinto falta do seu cheiro, sabor e calor. Preciso tocá-la desesperadamente, sinto-me como um viciado em abstinência.

Ao chegar no edifício, peço para subir ao apartamento. Sou avisado que elas não estão. Aguardo na recepção, tentando controlar a inquietação.

Após 30 minutos amargando a espera, Clara aparece com o uniforme da escola. Olha-me desconfiada, com os olhos faiscando mágoa e ressentimento. Se aproxima e pergunta sem rodeios.

— Tá fazendo o que aqui? — Ela exala animosidade e não tenho nem como culpá-la. Só está protegendo a irmã.

— Eu vim em paz, Clara. Quero conversar numa boa com a Nina — Tanto transparecer veracidade em cada frase.

— Sobre o quê? — Mesmo falando calmamente, não consigo convencê-la.

— Sei que errei de várias maneiras com a Nina, que ela deve me odiar muito. Mas tô arrependido, Clara!! Quero minha pequena de volta, fazer as coisas darem certo e criar meu filho. Quase fiquei louco de tanta saudade nesses 30 dias, não estou aguentando mais ficar longe. Me ajuda por favor!!

Peço com toda sinceridade e vejo que fica balançada com a súplica.

— Vamos subir para conversar lá em cima — Aponta para que siga na sua frente.

— A Nina está em casa? — Pergunto curioso e cheio de expectativa.

Clara não responde e apenas sinaliza que eu entre no elevador. Ficamos em silêncio até o andar. Entramos no apartamento e a mesma educadamente diz para sentar no sofá.

— Serei direta, Luca, porque não gosto de enrolação! Você magoou demais minha irmã, mas do que pode sonhar. Transar com aquela cadela, no mesmo dia que terminaram, foi a maior sacanagem que você podia fazer. Nina ficou devastada, sem chão. Lutando para se manter em pé. E o pior, é você aparecer somente 30 dias depois. O que foi, só se deu conta do seu erro agora? Efeito retardado?

— Você tem razão de tudo que disse. Sou um babaca que demorou a entender que estava errado!! Mas pode acreditar, eu realmente sei que pisei na bola. Tô arrependido e quero minha menina comigo de novo. Por favor, me ajuda a reconquistar a Nina. Você pode me dar uma força, Clara? Eu prometo que estou sendo sincero, que a farei feliz. Eu juro!! — Começo a falar desesperado, porque vejo que seu semblante ainda é duro e desconfiado. Ela ainda me encara da mesma maneira e volta a falar.

— Agora tá meio tarde, Luca! Não é só chegar, e falar meia dúzia de palavras bonitas, o que fez não pode ser revertido tão facilmente.

Bufo irritado, meu gênio ruim querendo chegar a borda, mas o freio a tempo. E tento outra abordagem.

— Entendo que esteja protegendo sua irmã. Mas deixe-me falar com ela, precisamos conversar cara a cara. Preciso que a Nina escute minhas desculpas pessoalmente, Clara.

Ela coça a cabeça e volta a me encarar de maneira desconfortável.

— A Nina, não mora mais aqui, ela foi embora — Suas palavras são como um zumbido nos ouvidos, escuto-as, mas não assimilo.

— Como assim não mora mais aqui? — Pergunto sentindo um gelo me subir as pernas — Ela mudou para um apartamento maior, por causa do bebê?

Clara fica em silêncio por alguns segundos, abaixa a cabeça e quando volta a me encarar, vejo tristeza nos olhos, mas logo são substituídos por frieza. Sei que vai me dizer algo que irá me machucar.

— Ela foi embora para o Japão, Luca. O bebê nascerá em Tóquio e depois eles voltarão para Itália. Sei o que está pensando. Mas fique tranquilo!! Você vai conviver normalmente com seu filho quando nascer — O que diz não me acalma em nada, muito pelo contrário, sinto um medo aterrador de não a ver mais, de tê-la perdido para sempre.

— Ficar tranquilo! Como vou ficar tranquilo se a minha mulher e filho estão do outro lado do mundo? E nem sei quando irei vê-la novamente — Me levanto e começo a andar de um lado a outro — Ela me odeia tanto que precisa ficar em outro país? — Pergunto com a voz rouca, nervoso.

— Fique calmo!! — Clara me repreende com firmeza, deixando explícito que não aceitará nenhum show da minha parte — Minha irmã foi embora despedaçada, precisava ter equilíbrio de novo. E não deixou Roma, porque queria te fazer sofrer. Se afastou com medo de te encontrar com outras. Afinal, você cada hora está com uma, não é mesmo? — A vergonha me atinge em cheio e fico em silêncio sem saber o que responder — Não se faça de vítima, pois não combina!! — Clara pontua sem medo de dizer a verdade — Tudo isso é culpa sua, Luca. Ou você foi violentado pela Antonella?

Dou um pigarro e tento me defender da maneira que posso.

— Eu estava bêbado e nem lembro como fui parar no meu apartamento — Clara dá uma gargalha e retruca:

— Ah tá! Essa desculpa é mais velha que a minha vó Corina!! E olha que ela tem a idade de uma múmia.

Fico sem graça, pois Clara está coberta de razão.

— Sei que estou errado!! — Digo e fico calado, não tenho mais justificativas — Você pode me dar o telefone da Nina? Quero pedir desculpas, quem sabe consigo fazê-la voltar para Roma — Peço cheio de esperança.

— Sinto muito, mas não tenho autorização! Nina não quer contato com ninguém — Sua resposta é enfática e não hesita. Sinto-me acuado, zangado.

— Por favor, Clara! Não tenho para quem recorrer — A garota não se move, nem vejo qualquer sinal de pena.

— Não!! — Sua expressão é dura e não parece sentir qualquer indicio misericórdia.

— Não vou desistir da Nina — Pontuo obstinado — Diga que vou achá-la onde quer que esteja.

Clara cruza os braços e permanece na mesma posição. Tenho vontade sacudir seus ombros e

arrancar a informação na marra. Mas não tenho direito de fazer isso e decido ir embora, antes de cometer outra besteira.

No caminho para casa, lembro-me de outra pessoa que pode ter a informação que tanto preciso: “*Minha mãe*” .

Capítulo 03

Sigo de carro diretamente para casa de dona Domenica, algo me diz que terei algum tipo de sucesso em abordá-la. Sei que minha mãe adora a Nina, e duvido muito que tenham perdido contato. E com certeza a dobrarei mais fácil, que a Clara, que não amoleceu em nada com minhas súplicas desesperadas.

Ligo o rádio e viajo em pensamentos, recordando dos bons momentos, das brigas, do tempo que fui feliz e não dei valor. Minha pequena faz falta, sinto saudades até de sua teimosia, da maneira audaciosa com que me enfrentava e não arredava o pé quando sabia estar certa. Ah Nina, espero que me perdoe!! O medo de perder tudo me atormenta e tira o rumo, quase me curvo de tão aterrorizado. Um pressentimento ruim e traiçoeira, desce por minha espinha, como se um presságio de tempestade estivesse a porta, anunciando tempos difíceis e espinhosos pela frente. Engulo seco e me concentro no trânsito, afastando pensamentos negativos e empurrando os ruins para trás.

Demoro cerca de 30 minutos para chegar na casa da minha mãe. O tráfego estava pesado e lento. Mas nem cogitei desistir, segui firme e determinado para convencer dona Domenica a me dar o telefone de Nina, não sairei daqui sem essa informação.

Entro na sala e a encontro fazendo artesanato na mesa de jantar, está distraída, longe, totalmente alheia a minha presença. Sorrio, porque sei que adora fazer suas artes. Pintar quadros, confeccionar arranjos, às vezes até monta algumas bijuterias. Mamãe está sempre mergulhada em novos projetos, ocupando o tempo livre, sempre tem algo diferente para fazer. Observo as tranqueiras sobre a mesa, pedras pequenas e coloridas, de diversos tamanhos e formatos. Tudo separado e organizado numa caixa de plástico transparente.

— Mãe! — Falo me aproximando. Ela se assusta e dá um pulo na cadeira.

— Menino, deixe de ser sorrateiro! Parece seu pai, ninguém escuta os passos. Eu hein!!

Dou risada com a comparação e lembro-me de tomar várias broncas, porque a assustava sempre.

— Tem algum bolo para tomar café? Estou com fome — Falo me curvando e lhe dando um beijo carinhoso no rosto.

— Tem bolo de cenoura com chocolate. A Nadir fez hoje de manhã, espere aqui que vou buscar um pedaço. Quer um café para acompanhar?

Aceno que sim e enquanto coloca a mesa para lancharmos juntos, jogo conversa fora rodeando para chegar onde desejo.

— Sabe onde eu fui hoje? — Pergunto enquanto coloco algumas colheres de açúcar na xícara.

— Sei lá, filho!! — Ela dá de ombros com seu jeito descontraído e me encara em expectativa.

— No apartamento da Nina — Percebo que arregala os olhos e mexe-se na cadeira, o assunto a pega de surpresa.

— Mas óbvio que a senhora sabe que ela não mora mais lá — Afirmo calmamente — Por que não me disse que a Nina foi embora?

Ela engole seco, mas rapidamente se recompõe.

— Você deixou bem claro que não queria que ninguém se metesse na sua vida, passou um mês estranho, e quase nem vinha aqui nos visitar, fugindo de tudo e todos. Deixei que sua fase infantil e mimada passasse. E pelo que estou vendo foi isso que aconteceu, não é?

Sua análise me desconcerta e evidencia minha infantilidade. Respiro fundo e me calo, sei que está correta. Sou um maldito trouxa, que achava ser o dono da verdade.

— Fiz tanta merda que não sei como consertar, mãe. Quero falar com a Nina, preciso me desculpar, fazê-la me perdoar. Mas a Clara se negou a me passar o contato, também está brava, querendo me punir. Mas sei que posso contar com a senhora, não é? Vai me dar o telefone? — A encaro cheio de expectativas, usando um tom para amolecer o coração.

— Filho!! — pronuncia as palavras com bastante cuidado — Não posso te dar nada, sem consultar a Nina primeiro, espero que entenda minha posição.... — Nem deixei que terminasse a frase, e esbravejei me sentindo injustiçado.

— Caramba, ninguém quer me ajudar! Estou tentando fazer a coisa certa e só levo porta na cara, chute na bunda!! Até a senhora está me traindo!! — Mamãe fita-me vermelha e parece indignada. E logo me arrependo das palavras pesadas que usei. Como sempre sou um ogro e não penso nos outros.

— Não me culpa pela bagunça que fez, Luca!! — Estou ferrado, ela está brava e fala quase gritando — A única pessoa que foi traída foi a Nina, e não merecia ser tratada daquela maneira, sem a menor consideração ou respeito. E vou repetir, abra bem os ouvidos. Vou consultá-la primeiro, se ela permitir, lhe darei o telefone.

Nos encaramos sem desviar, dona Domenica deixou bem claro sua lealdade, deixando estampado que não irá voltar na decisão. Um desânimo tremendo tenta me engolir, mas luto bravamente para não esmorecer e mantenho-me focado. Disfarço e um plano se forma em minha cabeça.

— Tá bom, mãe! Vou aguardar a senhora intermediar o meio de campo, vou ter que esperar pacientemente. O que é uma piada!! Porque paciência é uma coisa que não tenho — Digo com um leve sarcasmo.

— Pois aprenda a ter filho!! Paciência e sabedoria são ingredientes para se ter sucesso. Seja esperto e aguarde o momento certo. Ele irá aparecer, pode ter certeza!! — Seus olhos claros, com rugas ao redor, transmitem verdade e conhecimento, de quem já viveu muito para entender as mazelas da vida. Sinto-me ainda mais idiota, e mesmo assim, não consigo desistir de encontrá-la, e a sensação de desespero me espezinha.

Ela se levanta e segue para cozinha. Passo os olhos ao redor e procuro pela bolsa, preciso pegar seu celular de qualquer jeito. Não me darei por vencido, enquanto não falar com minha pequena. Tenho certeza que irei persuadi-la a me perdoar. Nina ainda me ama, e fora que nosso filho está crescendo em sua barriga. São componentes fortes demais para serem descartados, só preciso que ela me escute, que entenda minhas razões. E tudo ficará bem e voltará a ser como antes.

A bolsa não está na sala, sigo para parte de cima da casa, entro no quarto do casal e vejo o aparelho carregando na tomada. A esperança resolveu acenar em minha direção.

Aperto o botão e o celular se ilumina, mostrando que o visor tem senha. Bufo e começo a imaginar qual pode ser. Inicio com datas de aniversário de cada pessoa da família e nada...

aniversário de casamento e nada novamente. A irritação me sobe a garganta, tenho vontade arremessar o aparelho longe, contendo-me com muito custo. E volto ao ataque, entretanto nada surti efeito. Estou de costas, distraído e sou pego no flagrante.

— Vai ficar à noite toda tentando!! — Mamãe fala rindo, mas não parece zangada — Essa senha é bem difícil, às vezes até eu esqueço — Pontua com divertimento. Largo o aparelho na cômoda e desisto.

— Tô indo embora, por hoje fui vencido — Retruco de má vontade. Mamãe se aproxima e me abraça com carinho.

— Filho! Esse tempo afastado será bom para ambos amadurecem, se perdoarem. Não veja como algo ruim ou nocivo. Ao reataram o relacionamento, iniciarão do zero, deixando as pendências no passado. Pense nisso! — Aconselha-me cheia de carinho, tentando ser meiga e terna.

— Não quero tempo mãe!! Quero minha pequena de volta, ver meu filho crescendo. Nem consigo comer e dormir direito. Sinto dores pelo corpo todo, como se tivesse sido atropelado.

— E por que demorou tanto para admitir isso? Se passaram 30 dias, Luca!

— Eu...— gaguejo com vergonha de mostrar meus sentimentos, mas que se dane!! Estou me abrindo para minha mãe e sei que posso confiar plenamente — Eu sou orgulhoso demais, a senhora sabe disso — Ela dá uma risada e retruca:

— Desde pequeno é tihoso e com gênio forte.

Sorrio de lado e volto a contar.

— Eu já não estava mais conseguindo me segurar, a saudade era forte demais, e o arrependimento me incomodava constantemente. — Tomo fôlego e continuo — E hoje vi algo, que só me fez enxergar o quanto perdi tempo todos esses anos.

Ela parece curiosa e questiona:

— O que você viu?

Passo as duas mãos no rosto e ando pelo quarto.

— Vi a Natalie grávida e passeando no centro com o marido.

Dona Domenica olha-me compadecida, me toma pela mão e sentamos juntos na beirada da cama.

— Você ainda gosta dela? — Pergunta com certa hesitação na voz.

Dou um sorriso sincero.

— Não!! Não sinto nada por ela. Mas entendi que a magoa ditou meus passos por todos esses anos, que permiti que um erro atrapalhasse o rumo da minha vida. Sinto-me um tolo, sabe!! A Natalie parece feliz e radiante, seguindo adiante. Enquanto eu, parei no tempo e me proibi de sentir qualquer coisa!! — Abaixo a cabeça com o peso da verdade, enxergando o resultado de tais escolhas.

— Quando você finalmente perdoou e se acertou com seu amigo Tommas. Achei que era o primeiro passo para uma mudança, que se libertaria daquela crença ridícula de que amor não existia e todas as mulheres não eram dignas de confiança. Mas você simplesmente permaneceu

do mesmo jeito, inalterado — Ela respira fundo e faz um afago em minhas mãos — Luca, sofrer faz parte do aprendizado. Quando eu era pequena e estava aprendendo a andar de bicicleta, levei diversos tombos no início, fiquei com arranhões e raladas pelo corpo. Mas nunca desisti!! Sabia que lá na frente iria andar muito bem e assim são percalços do destino. Às vezes trombamos com as pessoas erradas, até encontrar a certa.

Olhei para minha mãe e entendi a lógica dos conselhos.

— A senhora tem razão!! — Falo de coração, sendo sincero — Mas não quero ficar aqui me lamentando, vou para casa, ainda tenho uns e-mails para ler e algumas pendências do escritório.

— Não quer ficar para o jantar e me fazer companhia?

— Não, fica para outra vez e obrigado pelo bolo.

Ela parece hesitar um pouco, mas resolve falar.

— Prometo que falarei com a Nina essa semana e te aviso.

Aceno com a cabeça e saio silenciosamente.

No carro enquanto dirijo para casa, saco o celular e ligo para meu irmão.

— Oi, mano — Ângelo atende com rapidez.

— Você já usou o serviço de algum detetive particular? — Ele não responde e parece nem ter ouvido meu questionamento — Ângelo, tá surdo?

— Não né, nunca precisei disso. Mas tô aqui pensando, para que você quer um detetive? — Pergunta curioso.

— Coisa minha, Ângelo, nada de mais — Explano de maneira sucinta.

— Sei — Diz desconfiado — Tenho um amigo que contratou uma agência grande aqui em Roma, porque estava desconfiado que um funcionário vendeu informações de sua empresa. Vou ligar para ele e depois te aviso.

— Tá bom, mano. Só não comenta nada com a mãe, tá — Advirto para não ter surpresas desagradáveis.

— Só espero não me meter em nenhuma confusão com a mamãe, porque te ajudei — Retruca sem rodeios.

— Segredo nosso então!! — Falo rindo e desligo.

Chego em casa e aguardo ansiosamente.

Em 15 minutos recebo o contato e ligo para a empresa marcando para o dia seguinte. Amanhã se Deus quiser, iniciarei minha busca pela Nina e em breve estaremos juntos novamente.

Capítulo 04

Nina

Viajei de férias com minha família por exatos 20 dias. Infelizmente, estender o passeio se tornou inviável, porque Kira tinha uns compromissos profissionais inadiáveis. Então a melhor decisão foi seguir para Tóquio ao fim da viagem. Curti, tirei fotos e desfrutei de cada momento. Conhecer a Turquia e a Grécia foi mágico e especial. Cada qual com sua beleza, cultura e peculiaridade. Ainda bem que a viagem foi feita no início da gravidez, porque todos os dias no final da tarde, meus pés inchavam e doíam. A chegada ao Japão foi tranquila e calma, sem grandes novidades ou transtornos. Hoje faz 10 dias que estou em Tóquio e ainda me pego tentando me adaptar a pequenas coisas. A língua por exemplo é uma barreira a ser pulada, apesar de ter aprendido japonês ainda criança, ao chegar nas ruas me deparei com o linguajar popular e cheio de gírias, e por diversas vezes fiquei sem entender nada. Outra dificuldade é o jeito da população, que são mais contidos, fechados e pouco falantes, me causando estranheza e saudade de casa.

Os primeiros dias não foram fáceis, forcei-me a me adaptar rapidamente, sem dar chance a saudade e melancolia. Procurei pensar positivo, empurrando a tristeza e desânimo para o fundo, me proibindo de sofrer por Luca. Dizia a mim mesma que tomei a melhor decisão, que fui embora para me refazer e juntar os cacos que ainda teimam em não querer se colarem.

Estou olhando pela janela do quarto, e hoje o dia amanheceu nublado e chuvoso. O típico dia gostoso para ficar em casa, embaixo do cobertor, curtindo a preguiça de levantar. Espreguiço-me e busco coragem para ir ao banheiro e tomar banho. O inverno se aproxima cada vez mais e já pressinto que sentirei muito frio nessa cidade. Aqui, as temperaturas chegam a passar de zero grau tranquilamente e a neve é algo corriqueiro. Meu celular toca e vejo no visor o nome de Domenica. Sorrio e atendo:

— Alô — Falo animada.

— Minha querida! Como vocês estão? — Ela pergunta carinhosamente.

— Estamos bem e tentado nos adaptar ainda — Respondo enquanto me sento na beirada da cama.

— Que ótimo Nina, tenho a sensação que foi embora ontem — Comenta nostálgica, suspira.

— Verdade! Mas já tem 30 dias. Você acredita? Minha barriguinha de 02 meses está começando a aparecer, vou te mandar uma foto.

— Ah manda mesmo!! Quero acompanhar minha netinha crescendo — Pontua com entusiasmo, mas logo seu tom de voz se altera e parece desconfortável, sem graça — Mas Nina, o motivo da minha ligação é outro e talvez não seja algo do seu agrado — Aperto o aparelho em minha mão, porque já sei o assunto, tento preparar-me para entrar nesse terreno tão espinhoso.

— Ele já sabe? — Questiono sem rodeios, prefiro saber logo, que ficar dando voltas em um assunto tão delicado.

— Ele se arrependeu Nina e foi te procurar no apartamento — Suas palavras doeram como

navalha cortando a carne, respirei pesadamente, lamentando pelo fim da nossa história, por nem ter tido uma chance de começar como se devia. Fico alguns segundos em silêncio, analisando sobre como devo abordar o assunto.

— Agora é um pouco tarde, Domenica! Olha... Você sabe que nunca irei proibir do Luca criar e conviver com a filha, espero que possamos ser amigos e ter uma convivência amigável. Mas **nós** — Dou ênfase nessa palavra — não seremos um casal novamente, seu filho não está preparado para viver um relacionamento maduro com ninguém — Explano minha opinião de maneira clara e honesta.

— Eu entendo seu ponto de vista, Nina. Mas não vou mentir, que ainda tenho esperança de vê-los juntos, que possam superar essas mágoas e criar a filha de vocês. Ele parece tão arrependido, como se realmente tivesse conseguido enxergar seus erros e defeitos. Disse que não suporta mais ficar longe, que está com saudade e principalmente que deseja acompanhar a gravidez — Seguro-me para não chorar, inspiro e respiro, fazendo um exercício para manter o controle. Domenica está pegando pesado para me amolecer, mas não posso entrar nessa. Não agora! Preciso de tempo e distância para manter meu equilíbrio e não permitirei que ninguém roube o pouco de paz e tranquilidade que consegui. Não quero voltar para montanha russa que saí!

— Eu não confio no Luca e espero que ele entenda que preciso de distância — Respondo enfática, deixando a minha decisão evidente — Eu aviso quando a menina nascer, prometo. Até lá, não quero ter nenhum tipo de contato, Domenica.

— Escute pelo menos o que ele tem a dizer, depois você decide o que fará no futuro — Ela tentar me influenciar, mas estou irredutível e não mudarei de opinião. A dor que senti ao ser traída, espero nunca mais passar por nada parecido.

— Não mudarei de opinião, Domenica. Acredite é o melhor para todos — Sentencio sem pestanejar, mesmo quando meu coração ainda grita, por não ter certeza de nada. Mas volto a sufocá-lo.

— Vou respeitar sua decisão, Nina. Mas espero que o tempo a faça mudar de opinião.

— Obrigada, Domenica e ligue sempre que quiser. Nossa amizade e carinho continuam os mesmos. Você é avó da minha filha e uma amiga muito querida.

— Lhe digo o mesmo e boa semana.

Depois que desligo, fico remoendo a dor e a saudade. Lutando para vencer e apagar meus sentimentos. Enfrentando com ardor as lembranças dos bons momentos, dos beijos e carícias. Dizendo a mim mesma, que nada foi real ou verdadeiro, que o romance só existiu em minha cabeça oca e sonhadora. E que Luca tinha razão, ele não nasceu para relacionamentos, essa palavra não faz parte de seu dicionário.

Luca

O escritório de investigações fica num prédio bonito e localizado próximo ao centro. É uma empresa especializada em investigações empresariais, conjugais e localização de desaparecidos. Aguardo por cerca de 20 minutos e sou atendida pelo detetive Mariano Pellegrino.

Nos apresentamos e conto o motivo da minha visita. Mariano, pedi-me vários detalhes, lhe

passo seu nome, dos familiares e nome da empresa. Anota tudo e ainda lhe passo uma foto para ajudar na busca.

— Casos de localização em outro país, podem demorar um pouco. Vou acionar alguns parceiros de trabalho em Tóquio e assim que tivermos novidades, te aviso.

— Vou aguardar Mariano, só peço que deem prioridade ao meu caso — Expresso minha urgência.

— Fique tranquilo!! Logo mais teremos respostas — Me responde cheio de confiança e saio de lá com esperança, sabendo que logo mais terei minha pequena nos meus braços novamente.

15 dias depois

Estou no escritório aguardando a chegada do detetive Mariano. Conforme nossa conversa ao telefone, receberei um pequeno dossiê da vida de Nina em Tóquio. Sinto-me ansioso e eufórico. Não vejo a hora de reencontrá-la, de acabar com essa maldita espera que me consome as entranhas. A saudade é grande demais, o desejo de abraçá-la e aplacar a falta que me faz é quase insuportável. Tenho sonhado diariamente com ela, relembrando os bons momentos do seu lado, e chego até ver a carinha de um bebê, às vezes é menino, em outros, menina. Mas quase que unanime o nosso filho se parece com a mãe, cabelos castanhos e olhos puxadinhos verdes. Sinto-me um tolo, por desejar tanto sua companhia, que pareço delirar enquanto durmo. Libero a entrada de Mariano e logo estamos sentados tomando um café.

— E aí, conseguiu? — Questiono ansioso.

Ele me entrega um envelope com vários papéis.

— Sim! Aí tem a rotina da moça e os endereços. Inclusive, descobrimos que ela tem cidadania japonesa. Não está ilegal no país — Abro o envelope e espalho papéis e fotos recentes de Nina.

— Ela mora com a avó, mas tem ido trabalhar com a tia todos os dias na empresa: “*Shinzo Company*.” Aqui consta os endereços e o número de celular e fixo. Você precisa de mais alguma coisa? — Mariano, pergunta com expectativa.

Aceno negativamente e lhe estendo a mão.

— Obrigado, Mariano!! Acredito que estas informações são mais que suficientes.

Nos despedimos amigavelmente. Em seguida, ligo para empresa que costuma reservar nossas passagens aéreas e solicito um voo para o Japão. Enquanto finalizo os detalhes, um medo feroz me assola, o temor de ser rejeitado, esquecido. Mas não me deixarei ser dominado, preciso reconquistar minha menina. Tenho que pensar que tudo dará certo no final.

Reservo uma passagem para daqui a uma semana. E a euforia e expectativa me consome:

— “Tô chegando pequena, você não tem escapatória”. Anuncio para o destino.

Capítulo 05

Nina

Olho-me no espelho, de lado, tentando achar o melhor ângulo para tirar uma foto da minha pequena barriga. Viro-me para esquerda e depois direita, entretanto, nada me agrada. Minha barriga tem crescido bem pouco, para os quase três meses de gestação. Mas estou em paz e tranquila, segundo minha obstetra as medidas estão dentro do padrão e tudo caminha nos conforme. Talvez, minha filha seja pequena como eu. Acaricio a leve protuberância e sorrio feliz, exultante. Nunca pensei que ser mãe fosse me transformar desse jeito, já não penso em mim, agora minha boneca vem em primeiro lugar, seu bem-estar e segurança sempre estrarão na frente. Ainda com o aparelho na mão, encontro um ângulo adequado que destaca o ventre arredondado e tiro uma sequência de fotos, na mesma posição, digito uma mensagem linda, anexo algumas fotos e envio para Clara e Domenica, Sempre as deixo atualizadas sobre a gravidez e o crescimento do bebê.

Alguns dias após chegar ao Japão, entrei em contato com minha ex-sogra e com Gina. Com Domenica, a conversa foi difícil no primeiro momento, mas depois nos entendemos e ela passou a me apoiar de ficar longe por um tempo. Já com minha amiga, foi guerra e discussão, não queria entender e se sentiu indignada por ter ido embora sem avisá-la. Até pensei em contar sobre a gravidez, mas depois deixei para lá, não lhe devo satisfações e do jeito que anda fora de controle, prefiro que não saiba da existência da minha filha. Ao finalizar o envio da mensagem, o aparelho toca e vejo mais uma ligação insistente de Gina, cáí na besteira de ligar do meu número aqui do Japão e agora não tenho mais sossego. Ela se acha no direito de ligar todos os dias, de cobrar alguma satisfação!! Mas tenho a ignorado completamente, não atendo as ligações e sequer olho às milhares de mensagens que envia no Facebook e WhatsApp. Na verdade, tomei uma decisão, que deveria ter tomado antes, não quero mais manter nenhum tipo de relação com Gina, pretendo excluí-la por completo da minha vida. Infelizmente, minha amiga está doente e qualquer contato está fora de cogitação. Ainda não sei como farei isso ao voltar à Itália, mas o veredito foi tomado. Tomo o primeiro passo e a bloqueio em minhas redes sociais. E provavelmente, terei que mudar o número do meu aparelho, para me livrar dessa perseguição.

Desço a escada e encontro vovó me esperando na sala, com o aparelho no ouvido e parece aborrecida.

— Tá tudo bem, vó? — Pergunto preocupada, assim que noto que desligou.

— Está sim, Nina. São alguns probleminhas na empresa — Responde com aquele seu jeito calmo e pacífico.

— É alguma coisa que eu possa ajudar?

— Não se preocupe, querida. Você já está se esforçando para aprender o serviço, nem sei como agradecer por tanta dedicação. São apenas divergências de opinião com sua tia, nada demais — Sorri e faz um afago em minha mão esquerda — Vamos ao shopping comprar algumas coisinhas para minha bisneta? — Pergunta animada.

— Essa menina está mimada e ainda nem nasceu — Constato sorrindo e caminho para saída. O motorista nos aguarda de portas abertas. Entramos no modelo luxuoso da Mercedes, Maybach

S600, ainda custo a me acostumar com tanto dinheiro, aliás, a casa onde elas moram é maravilhosa, num dos condomínios mais exclusivos de Tóquio. Temos empregados para cada tarefa da casa, simplesmente não preciso levantar um copo. Não serei hipócrita e dizer que dinheiro é ruim e que não ter que fazer os afazeres de casa, me deixa deprimida. Não mesmo, muito pelo contrário, estou adorando essa parte de não me preocupar com jantar, lavar louça ou roupa.

— Não pude fazer essas coisas por vocês, então pretendo fazer por ela — Pisca de maneira descontraída, e aponta para minha barriga.

Levanto os braços em rendição e dou uma gargalhada.

— Tá, a senhora venceu! Só vou deixar porque é sua primeira bisneta, mas já estou imaginando que será uma bela manhosa, isso sim!! — Rimos e seguimos conversando coisas sem importância no caminho. O shopping fica um pouco afastado do bairro que moramos e é um dos mais caros da cidade. Se chama Venus Fort e em uma das alas, tem uma praça bem parecida com as de Roma. Senti um aperto e uma grande saudade de casa.

— Que lugar bonito, vó! Parece com as fontes que temos em Roma — Exclamo com a perfeição do lugar.

— Verdade!! Gosto desse shopping, porque é bem diferente do que estamos acostumados. Tóquio é conhecida pela modernidade e tecnologia de ponta, e o Venus Fort foge do padrão. Temos a sensação de estar na Itália! — Ela exclama com verdadeira admiração e prazer. Mas para alguns segundos, me encara séria, compenetrada. Parece que falará algo importante — Não vou mentir Nina, gostaria muito que ficasse de vez no Japão, mas sei que não posso lhe pedir isso, afinal, Roma é seu lar, sua casa. E fora, que o pai da sua filha mora lá e sei que seu desejo não é separá-los — Absorvo suas palavras sinceras e penso com seriedade em tudo que diz.

— Eu ainda amo o Luca, mas hoje, tenho plena consciência que não daremos certo. Confesso que já me passou pela cabeça ficar de vez por aqui. Mas a Itália é meu lar, meu povo está lá. Não sei viver em outro lugar — Reflito com sinceridade, jogando limpo — No começo será difícil conviver com ele, separar os sentimentos, esquecer o passado. Mas pela minha menina serei forte e vamos encontrar um equilíbrio e conviver amigavelmente. Tenho certeza! E fora que um dia irei me apaixonar de novo, achar alguém que faça meu coração pulsar novamente — Falo com veemência, tentando me fazer acreditar nessas palavras. Na esperança que um homem me conquiste, como o Luca. Mesmo que no fundo, saiba que isso será quase impossível — Vamos olhar as lojas infantis? — Mudo o foco da conversa, para algo que não me lembre esse amor perdido.

Rodamos por vários minutos, olhando vitrines, entrando em algumas lojas. Entrei numa loja de roupas de grávidas e amei vários vestidos e calças mais soltinhas. Comprei algumas peças chave, que vão combinar com tudo. E para compor o visual, uns acessórios como brincos, colares e pulseiras. Fiz a festa sem pensar muito, me dei de presente!! Agora que estou trabalhando com tia Kira, tenho recebido um belo salário, mesmo dizendo não ser necessário. Então aproveitarei esse sábado frio, porém ensolarado, para gastar o dinheiro do fruto do meu trabalho.

Caminhamos por uma loja de roupas e acessórios infantis. Percebe-se que se trata de produtos exclusivos, coisas caras e de ótima qualidade.

Enquanto caminho e olho tudo com atenção, comento:

— Cada coisa linda, mas os preços são bem salgados! — Falo baixo, para que somente vó Keiko escute.

Seus olhos idosos e cheios de vivacidade, me encaram com ternura. Ela parece pesar o que irá dizer.

— Filha! A *Shinzo* também é sua, tem que se acostumar que agora é uma moça com posses. Aquilo — Ela estende o braço e aponta para os produtos da loja — Estão ao seu alcance. Nunca mais irá passar por dificuldade ou precisará se preocupar com dinheiro — Respiro fundo, tentando me acostumar com minha nova realidade, reprogramar o cérebro a não sentir temor pelo amanhã.

— Obrigada!! Mas o maior presente é ter uma família por perto, me sentir protegida — Pontuo com os olhos marejados.

— Nós sempre cuidaremos de vocês três, querida — Lhe dou um abraço apertado e voltamos a sapear as roupinhas lindas de menina. Uma mais fofa que a outra.

A vendedora me mostra algumas mantas e fico na dúvida de qual levar. Umas são pesadas, grossas, mais indicadas para o inverno. E outras com tecido leve e suave, para serem usadas na primavera e verão. Vejo tudo e não sei qual escolher. Olho para trás e vovó não está ao alcance. Resolvo procurá-la para que me ajude.

— Vou procurar minha avó para que me ajude a escolher — Anuncio para a moça e saio em sua busca. Rodo de um lado a outro e decido ir até o primeiro andar, onde ficam os móveis, talvez ela esteja espiando os berços e cômodas.

Subo a escada rolante distraída, olhando os lindos móveis que estão em exposição. Em um cantinho escondido, atrás da exposição de um quarto infantil de princesa, encontro vovó e alguém que não pensei que veria tão cedo. Sinto-me tonta e zozza, de pernas bambas com a visão. Luca parece estar discutindo com Keiko. Ela lhe aponta o dedo e não abaixa o olhar. Sei que tenho que me aproximar, intervir e saber o que ele faz aqui, mas não consigo, pareço estar pregada ao chão, travada e sem forças para me mover. Sinto tantas coisas!! Dor, saudade, mágoa, tantos sentimentos guerreando e lutando entre si, um tentando se sobrepor sobre o outro. Luca parece perfeito como sempre, lindo, imponente e inabalável. Enquanto eu, quase me quebrei em mil pedaços, sofri, chorei e tive que ir embora para me manter em pé e sã. O que Luca perdeu? O que ele deixou para trás? Nada!! Meu subconsciente grita. Está pleno e inteiro como sempre, o único esforço foi pegar algumas horas de voo. E isso porque foi proibido de entrar em contato, foi tolhido de fazer o que bem entende. Uma raiva borbulha em meu interior, como uma onda criando força e triplicando de tamanho. Lembro-me da cena ao descobrir a gravidez, das palavras ácidas e maldosas, de como me humilhou com prazer e sem o menor respeito. Me chamou de fingida, sonsa e não feliz, me expulsou da casa de Domenica. Tudo volta com força, vívido e feroz. E uma calma sinistra e estranha me envolve, uma certeza que ninguém e nada irá me derrubar. Uma força de vontade absurda, um desejo de lutar por mim, pela segurança da minha gravidez que me consome por inteira. Firmo as pernas, e caminho segura, cheia de certeza, não desvio o olhar. De cabeça levantada e séria, me aproximo de ambos. Ele é o primeiro a me ver, para de falar e seus olhos claros me inspecionam inteira, se aproxima, sorri e vejo que está prestes a me tocar. Como se nada tivesse acontecido e estivesse tudo ótimo entre nós. Desvio de seu corpo e paro ao lado de Keiko, que me olha preocupada.

Sem rodeios, questiono.

— O que você faz aqui? — Seus olhos arregalam diante de tanta hostilidade.

— Eu vim... vim conversar — Ele gagueja e parece nervoso, mas não me compadeço e nem alívio.

Respiro fundo e decido ser direta, nem quero arrumar confusão e nem fazer cena na loja.

— Você vai conviver normalmente com sua filha, Luca. Fique em paz em relação a isso, não sou do tipo que priva o pai dos seus direitos — Explano o modo que pretendo agir, quando minha filha nascer.

— Filha? É menina mesmo? — Sua voz treme, aparenta estar comovido.

— Pela ultrassonografia ainda não dá para ter certeza, mas é coisa de mãe, sexto sentido — Digo seca, sem muita emoção.

— Será que podemos conversar em particular? — Vejo que a presença da minha avó o incomoda. E quando estou para responder que não, que não temos nada mais para falar, vovó se atravessa e o convida para jantar em sua casa.

— Jante em nossa casa, assim vocês conversam como dois adultos que terão uma filha — Sentencia de modo a não ser contrariada, bufo e engulo seco — Em que hotel você está? — Ela pergunta séria.

— No Grand Hyatt, no bairro Minato — Ele responde sem tirar os olhos de mim.

— Tá, meu motorista irá buscá-lo às 19:00 horas, seja pontual, Luca. Até mais tarde — Ela estende a mão e o cumprimenta educadamente. Quando saio do meu transe, aceno com a cabeça e quando vou passar ao seu lado, ele entra na minha frente, dou um passo atrás, não querendo contato. Como se tivesse uma doença contagiosa.

Luca se mexe desconfortável, mediante meu rosto sem nenhuma expressão amigável. Estou com a cara amarrada, sisuda. Seus olhos estão tristes e mais parece um cachorro que caiu da mudança, querendo atenção.

— Posso só te dar um beijo no rosto de despedida? — Pergunta com expectativa, mas seu olhar de gato de botas não me comove. A burra que morava em mim, está fora por tempo indeterminado.

Encaro-o cheia de frieza e lhe estendo a mão, assim como minha avó.

— Até mais tarde, Luca! — Nossas mãos se tocam e sinto um leve choque, mas não demonstro e sigo para a saída de cabeça erguida, sabendo que será duro e difícil ter que o ver depois.

Ao entrar no carro, estou fervendo, uma pilha de nervos.

— Por que fez isso vó? Não tenho nada para conversar com esse cara!

— Se você quer ser tratada com respeito, aja da mesma forma. Sei que está com raiva, magoada e que tem todos os motivos do mundo para não o receber, mas conversem como adultos e pessoas civilizadas. Mostre a ele que é a madura da relação, que sabe se portar e que daqui para frente terão uma relação amigável. Se lhe negar essa conversa agora, já começarão uma convivência em pé de guerra e sei que não é isso que deseja.

Respiro fundo, passo a mão na cabeça, mas mesmo brava, sei que ela tem razão. Preciso direcionar a situação da melhor forma possível.

— Eu sei que a senhora tem razão. Vou conversar com ele direito, prometo!!

Ela sorri e segura minha mão.

— Sei que vai, querida!! Você tem bom coração, fará a coisa certa — E seguimos caladas pelo caminho. Cada qual perdida em seus pensamentos.

Capítulo 06

Fico nervosa e caminho pelo quarto sem parar, sinto-me inquieta, aflita, com medo de estar tão próxima de quem tenho tentando esquecer nos últimos dois meses. Aliso a barriga, como uma maneira de entrar nos eixos, buscar equilíbrio. Ledo engano! Nada me acalma! Deito na cama em busca de relaxar os músculos, mas não surti efeito.

Uma batida na porta, olho de soslaio e vovó entra com seu caminhar calmo e despreocupado, como se o mundo estivesse dentro dos conforme e nada fora do lugar.

— Lhe trouxe um chazinho de camomila, sabia que estaria agitada — Estende-me uma pequena xícara de porcelana e se senta.

— Como sabe que estou agitada?

Ela ri e coça a testa, analisando o que dirá.

— Você é como sua mãe, não sabem esconder as emoções, são transparentes demais para isso. Mas entendo seu dilema, sei que está confusa, não sabe qual caminho tomar. Mas qualquer que seja sua decisão, ficarei do seu lado e apoiarei incondicionalmente.

Olho para aquela senhorinha na casa dos 70 anos, de rosto enrugado, mas que transmite uma sabedoria de quem viveu e viu tanta coisa. Sorrio feliz, por saber que posso contar com familiares tão amorosos e fiéis, que sempre estarão por perto para me ajudar e estender a mão.

Respiro fundo e sinto uma força interior surgindo e tomando forma. Colocando as coisas em equilíbrio, numa nova perspectiva, estabilizando o que está fora do lugar. Olho para ela sabendo o que tenho que fazer, sem medo de errar. Com decisões tomadas para este momento.

— Confiança é tão forte quanto o amor — Sussurro, fitando seus pequenos olhos puxados — Um não vive sem o outro. E infelizmente, não confio no Luca. Não mais! — A encaro com determinação, sem receios.

Levanto-me e lhe dou um abraço apertado.

— Obrigada vó! Sempre posso contar com seus conselhos, a senhora tem o dom de mostrar as coisas com mais clareza.

— Eu confio no seu poder de julgamento, mas algo me diz, que esta história ainda vai se desenrolar.

Dou uma risada seca, sem achar graça na verdade. Levanto as sobrancelhas numa dúvida genuína e respondo:

— Queria muito acreditar nisso, mas... não consigo — Respondo de maneira triste, quase em um fio de voz.

Keiko nada diz e sai do quarto. Fico lá sentada na cama, rodando a xícara de chá de um lado a outro.

Após tomar o chá, deito e durmo por umas duas horas, tenho tempo de sobra para me arrumar. Por volta de 19 horas o aparelho desperta, levanto-me, tomo uma ducha e procuro no guarda-roupa algo adequado e simples.

Coloco um vestido tomara que caia vermelho, não estou com vontade de mostrar o formato da

barriga, então opto por disfarçar. Sei que é besteira! Mas no momento, sinto-me sem clima nenhum para ficar confraternizando com Luca. Borrifo um perfume novo que comprei, chamado, “Good Girl” da Carolina Herrera. Coloco alguns acessórios para combinar e sigo para sala.

Quero que essa noite termine logo, sem delongas ou surpresas desagradáveis.

Na sala já estão Keiko e Kira, ambas arrumadas e calmas.

— Você está bem, Nina? — Tia Kira pergunta com um olhar preocupado.

— Tô sim, tia. Preciso enfrentar isso e seguir com a vida — Digo com determinação, sem traços de arrependimento.

— É assim que se fala, querida. E lembre-se, estamos aqui para te apoiar — Fico mais segura e serena. Apenas aguardo, mexendo no celular de modo que o tempo passa, sem que perceba.

A campainha toca e a empregada se encarrega de atender. Luca surge na sala com toda aquela presença marcante, máscula, que me atinge em cheio. Coração acelera, suco frio, tento com afinco me recompor e não deixar transparecer meu desconforto.

— Boa noite! — Ele nos cumprimenta animado, chegando como se nada tivesse acontecido. Como se o clima entre todos, estivesse na maior santa paz. Encaro Luca discretamente, está relaxado, seguro de si, sem sinais de nervosismo, tampouco arrependimento.

Percebo que ele não se dá conta do que fez, ou do quanto me magoou e feriu. Acredita que chegará com meia dúzia de pedidos de desculpa, se desmanchando em gentilezas e bum! Tudo resolvido. Que a burra aqui, perderá a memória e não se lembrará de nada que aconteceu.

Como se fosse possível esquecer a imagem de Antonella só de camiseta em sua casa. Não! A imaturidade de Luca, ultrapassou todos os limites. Sua incapacidade de enxergar os próprios erros, a falta de percepção e humildade, brilham como um farol.

Tenho mais que certeza que seremos bons pais, mas nunca perfeitos como um casal.

Deixo que adentre o ambiente de maneira alegre, não corto seu momento mister simpatia. E ainda atijo seu comportamento.

— Você parece bem-disposto, feliz — Comento com a voz normal, sem demonstrar deboche.

— E por que não estaria? Nós finalmente estamos juntos.

Bingo! Maldito presunçoso, acha que é só chegar e levar. Que não criarei problemas, nem resistência. Mal sabe, que não está lidando com aquela bobinha do passado. Não, Luca! Você me ensinou muito bem, aprendi a lição como ninguém. Nunca mais serei passada para trás.

Uma raiva fenomenal percorre minhas veias, remexo-me no sofá, entretanto, permaneço inexpressiva, indiferente, sem sinalizar meu desagrado.

Kira, olha-me e nota o clima pesado.

— Aceita uma bebida, Luca? Logo o jantar será servido.

— Um Whisky com gelo.

Kira se retira da sala e vovó a segue, deixando-nos a sós.

Ele espera estarmos sozinho e senta-se do meu lado. Se achegando charmosamente, de modo natural, despretensioso. Não abro a boca, não facilitarei sua vida.

— Como está nossa filha? Gostaria de saber se está indo ao médico e se também posso ir a uma consulta? — O encaro me esforçando para não demonstrar raiva ou amargura. Digo a mim mesma, que preciso conduzir essa conversa de maneira sábia e sem confrontos desnecessários. Espero de verdade, que Luca entenda.

— Nossa filha está bem e crescendo dentro do esperado — Faço uma pequena pausa e descido entrar de vez no assunto sobre nosso suposto “relacionamento” — Mas precisamos conversar, sobre como será nossa interação daqui para frente. Tomo fôlego e continuo, apesar do olhar de desconfiança que ele me lança — Enquanto eu estiver grávida, não teremos contato, Luca. Prometo te manter informado sobre as consultas e ultrassonografias. Não te deixarei fora de nada. Mas só voltaremos a nos encontrar, após o nascimento da nossa filha. Pretendo voltar a Roma 3 meses após ela nascer.... — Luca se levanta num pulo e parece enjaulado, como um leão ferido, levanto-me logo atrás.

— Você está brincando, não é? Está fazendo isso para me torturar, porque fui um canalha dizendo aquelas coisas horríveis. Pode gritar, me bater ou xingar, pequena!! Eu mereço, sei disso, mas por favor me perdoe, não disse nada de coração, foi no momento de raiva, nem pensei direito.

Um furor descomunal me sobe pela boca. Não consigo manter a calma e toda a raiva e mágoa jorra como água.

— Tregar com a Antonella foi no momento da raiva ou por puro tédio mesmo? — Jogar-lhe isso na cara, parece desestabilizá-lo.

— Olha sei que não é desculpa, mas bebi tanto que nem lembro o que aconteceu, Nina — Se defende com o olhar sincero, mas não caio nessa!

— Que desculpa clichê! Achei que fosse mais inteligente, Luca. Que contaria algo mais elaborado.

Ele se exaspera e levanta a voz:

— Não estou mentindo, me escuta! A Antonella apareceu no bar por coincidência, pediu para sentar, porque estava esperando um cara para um encontro, deixei e ficamos bebendo juntos. Não sei como, e nem em que momento, apaguei e só acordei no dia seguinte, com ela na minha cama. Nem lembro o que aconteceu... — Corto sua narrativa descabida, pois não suporto mais mentiras. Tô cansada de tanta merda! Quero paz e sossego, grávidas precisam de ambientes saudáveis e não fugi de Roma, para ficar brigando no outro lado do mundo.

— Chega! — grito — Não quero saber das suas transas e nem das vagabundas que fazem rodizio na sua cama. Não temos nada e nunca teremos! A partir de agora, o único vínculo que nos une é essa criança. E seremos pais educados e equilibrados, que se tratam com respeito, visando sempre o bem-estar dela. Posso contar que seja maduro, pelo bem da nossa filha?

Luca se aproxima e tenta me beijar.

— Me perdoa pequena, vamos esquecer isso, por favor! Não é possível que esqueceu como somos bons juntos. Sinto falta do seu cheiro, dessa boca — E parte pra cima, tentando me encurralar. Porém, estou no limite e não tolero seu toque. Esquivo-me e Luca continua insistente — Não vou te largar, você é minha namorada e vamos voltar para Roma juntos. Pare de palhaçada! — Tento empurrá-lo, parece uma rocha que não se mexe. Entro em desespero, sinto-me cada vez mais sobrecarregada.

— Me larga, por favor, preciso de ar — Ele não se move e me abraça mais forte, procuro desvencilhar-me novamente, sem sucesso. Um choro de sofrimento rompe por minha garganta, é alto e cheio de sentimento. Me assusto com tanta dor represada. Luca dá um passo atrás e percebe que exagerou.

— Desculpe, amor. Não chora! — Tenta me consolar afastando, porém, sinto a pressão abaixar de maneira vertiginosa. E desabo no sofá, suando frio.

— Chame a Kira, preciso de ajuda — Quando o encaro, está pálido e de olhos arregalados.

Ele some da minha vista e quando volta, todos estão ao meu redor.

— O que você sente, Nina? — Kira pergunta afobada.

— Minha pressão abaixou rapidamente e tô sentindo uma cólica forte — Respondo fazendo careta e colocando as mãos na barriga.

— Vou chamar o motorista e vamos para o hospital.

Vovó permanece ao meu lado no sofá, e Luca fica afastado, me olhando em silêncio. Percebo que está tão abalado quanto eu.

Logo todos descemos e seguimos para o hospital.

Inicialmente sou atendida por um clínico geral de plantão. Entretanto, e após uma hora, uma obstetra que foi chamada me examina e diz, que foi apenas um sangramento leve.

— Você fez algum esforço ou teve algum aborrecimento?

Não consigo olhar para Luca, só encaro a médica.

— Tive um pequeno aborrecimento — Sinalizo com a voz baixa.

— O primeiro trimestre é o mais crítico na gravidez, precisa se manter calma e tranquila. Te darei uma medição para ajudar no sangramento e recomendo descanso — Assinto positivamente. E ao olhar para Luca e Kira, vejo que ela traduziu toda a conversa com a medica japonesa para ele. Seu rosto transparece vergonha e arrependimento.

Antes de entrarmos no carro, Kira anuncia.

— Vão vocês duas para casa, que preciso ter uma conversa com o Luca.

Ele me encara espantado, mas logo se recompõe. Mas antes de se afastar diz:

— Desculpe, não quis machucar vocês — Seu olhar é verdadeiro, sincero.

— Eu sei que não — Viro-me e entro no carro. Quando o veículo se movimenta, sinto uma tristeza devastadora, porque ainda o amo. Mas só isso, não é capaz de aplacar minha mágoa.

Capítulo 07

Luca

Observo Nina indo embora pelo vidro do carro, sinto um gelo subindo pelas pernas, um vazio na alma. Entendo que fiz besteira novamente, a levei ao limite sem lhe dar chance. Que merda! Por que sempre faço besteira?

Desde que cheguei, minha intenção era lhe conquistar, ganhar a confiança. Mas não! Achei que a batalha estava ganha, não tive humildade de me desculpar da forma correta, lhe perdi perdão. E quase a fiz perder nossa filha. Droga, maldito excesso de confiança!

Em meu devaneio de auto piedade, esqueci completamente da presença de Kira. Que me encara sem nenhum traço de felicidade. Como o italiano dela não é muito bom, já começo a me justificar em inglês.

— Pode acabar comigo, sei que sou um idiota — Desatino a falar sem parar — Eu não queria que a Nina passasse mal, eu juro — lhe dou um olhar sincero — Mas como sempre, sou um imbecil que agi por impulso, tomando decisões erradas — Kira continua me encarando inexpressiva, não dá nenhuma pista sobre o que está pensando.

— Apesar de não te conhecer bem, te farei apenas uma pergunta e não minta, porque saberei — ela respira calmamente, e encara-me com intensidade. Fitando-me como uma águia, como se pudesse enxergar a alma — Você gosta da Nina de verdade? E quando digo de verdade, não é tesão e nem afeição. É gostar mesmo de coração, com disposição para fazer tudo dar certo. Gosta, ou é só despeito por ter sido dispensado?

Nas feições de Kira, vejo uma leoa que defende sua cria, está disposta a tudo para preservar o bem-estar de Nina, e por mais difícil que seja, sinto alegria que tenha familiares que se importem. Levanto o queixo sem medo de responder, com certeza dos meus sentimentos. Demorei muito para ter coragem de encarar o que sentia, agora não é momento de recuar, tampouco titubear.

— Sim, eu gosto, e não tenho a menor dúvida de que quero construir uma vida juntos. Sei que tem motivos para desconfiar das minhas intenções. Mas eu mudei, quero criar minha filha junto com a Nina — Justifico-me sendo o mais sincero possível. Sem nenhuma gota de arrogância ou soberba. Só espero que ela acredite.

Kira comprime os lábios num movimento de dúvida, como se analisasse algo diante de uma decisão. Abaixa os olhos e após uns segundos fita-me de novo.

— Eu acredito! E espero que não me decepcione — Declara o dedo em riste — Você não me quer como inimiga, pode ter certeza!

Respiro aliviado, sentindo que a maré está mudando para o meu lado. Espero ter uma boa aliada para planejar outro tipo de abordagem.

— Então o que sugeri para me aproximar da Nina?

— Recuar — Diz sem preâmbulos.

Tenho a sensação de ter escutado errado e pergunto novamente.

— O que disse?

— Recuar — Repeti sem nenhum resquício de dúvida na expressão facial. Em alto e bom tom.

— Como assim, recuar? Nem consegui seu perdão e quer eu me afaste? Não farei isso. Seria loucura! Ela precisa de mim nesse momento. Não vou deixá-la sozinha.

— Seja inteligente! Nina precisa de paz, tranquilidade e principalmente de tempo para te perdoar e acalmar os sentimentos. Recuar, não significa desistir, e sim retornar na hora certa, com a melhor estratégia. Se gosta dela como diz, lhe dê espaço e espere o momento certo para voltar ao jogo. Tenho certeza que o amor que vocês sentem, não irá acabar. Muito pelo contrário. Irá amadurecer e se aprimorar, seguir para um outro nível.

As palavras de Kira me deixam triste, melancólico, pois tudo que mais quero, é voltar para Roma com minha pequena nos braços. Mas talvez ela tenha razão. Fiz besteiras desde o início, estraguei quase todas as chances de reconciliação. Preciso aceitar essa derrota temporária, e preparar-me para o futuro. Sempre de olho do que farei lá na frente.

— Você acha que irá demorar para a Nina, me perdoar? — Questiono num sussurro de voz.

— Não sei, cada pessoa reage de um jeito e tem seu tempo. Mas prometo que te deixarei informado sobre tudo que acontecer. E proponho-me a te ajudar sempre que puder.

Essas palavras não me acalmam completamente, mas é o que tenho no momento e será necessário aceitar.

— Cuide bem dela, Kira... voltarei para Roma amanhã mesmo — Lhe estendo a mão, nos cumprimentamos educadamente e saio dali alquebrado, com o coração em cacos. Sabendo que a dor e saudade serão minhas companheiras fiéis pelos próximos meses e que Deus me ajude a aguentar, porque não arredarei o pé até ter minha mulher de volta.

Nina

Sigo num silêncio absoluto dentro do carro, sem vontade alguma de abrir a boca. Vovó percebe minha apatia e entende que preciso de um tempo. Respeita esse momento de introspecção e recolhimento. Tenho plena convicção, que não deveria sentir pena de Luca, mas eu tenho, não consigo ter prazer em desprezar ninguém. Mas infelizmente, perdoá-lo ainda é impossível. Acredito que com o passar do tempo, o coração se abrande e sentimentos pesados se dissipem. Mas hoje, o rancor ainda retumba dentro de mim, e prefiro me manter distante, seguindo com a vida e curtindo minha bebê.

Ao entrar em casa, sigo vagarosamente para o quarto, vovó me segue pacientemente, observando calada.

— Como está a dor? — Questiona com o semblante preocupado.

— Passando, quase não sinto nada.

— Ótimo! Vou mandar fazer um lanche bem gostoso.

— Obrigada, vó. Eu sinto muita falta dos meus pais, mas com você por perto, a dor sempre é menor — Seus olhos idosos e sempre ternos me fitam com tanto amor, que tenho vontade de

abrir o berreiro, mas contendo-me e deixo para chorar sozinha, na solidão da minha cama. Braços pequenos e magros me rodeiam e sua presença pequena, acalenta o vazio que teima em se esmiuçar no meu interior.

— Essa fase ruim vai passar querida, parece uma eternidade, mas esse ciclo chegará ao fim. E aí sua felicidade estará te esperando lá na frente.

Sorrio fracamente, tentando pensar de maneira positiva, mas devido as circunstâncias, só vejo o pessimismo pela frente.

— Quero muito acreditar nisso, mas tá difícil.

— Vai sim, meu sexto-sentido nunca me engana.

— Então manda ele me visitar, ando precisando de muito estímulo.

Ela ri, e segue vagarosamente para cozinha. Um forte desejo de comer um bolo de chocolate, me enche a boca. Posso até sentir o gosto.

— Vó, pode pedir para fazerem bolo de chocolate com recheio? Tô com um desejo, que não aguento — Sorrio envergonhada. Pode parecer frescura ou manha, mas não é. Só as grávidas entendem.

Ela gargalha e balança a cabeça.

— Daqui a pouco chega o bolo.

Entro no cômodo, sento na cama e sinto-me um pouco mais leve. Como se a nuvem estivesse se dissipando. Lembro das roupinhas que comprei a tarde e nem tive tempo de arrumar na cômoda infantil. Tia Kira sugeriu fazer um quarto para a bebê, mas não deixei, não pretendo morar por aqui por muito tempo. Seria um desperdício de dinheiro, então compramos uma cômoda branca de tamanho mediano, um berço com trocador e alguns acessórios indispensáveis. Abro as sacolas e jogo tudo em cima da cama, pego cada pecinha cheiro e acarício. Sinto a textura e leveza dos tecidos, sorrio como uma boba. São tantos vestidos, macacões e conjuntos de calça e blusa. Tudo nas cores rosa, lilá e amarelo. Minha pequena ficará linda, não tenho dúvida.

Dobro e guardo as roupas, ajeito cada coisa em seu lugar. Daqui a uns dias coloco tudo para lavar e higienizar.

A empregada traz um pedaço do bolo chocolate e quase tenho um treco de tanto recheio. Oh delícia!

Como quase de olho fechado e tenho pequenos tremores de tanta satisfação. Preciso agradecer a cozinheira, essa mulher tem mão de ouro.

Com a pança cheia e totalmente saciada, encosto na cabeceira sentindo um leve cansaço e sonolência, abro a boca num bocejo. Hum que sono bom! Fecho os olhos e nem percebo, entrego-me a inconsciência.

Um sonho aconchegante me carrega para um lugar conhecido, no qual fui imensamente feliz. Estou no antigo apartamento da família, onde vivi até a morte dos meus pais. Há um barulho vindo da sala, uma verdadeira confusão de vozes e risadas. Encontro tantos rostos conhecidos e amados, que me sinto anestesiada. Respiro fundo para controlar a surpresa, Tia Kira e vovó conversam sem parar, se divertem e estão relaxadas. Clara e o namorado, interagem com Domenica e Benício. Marcelo e Antônio sorriem de alguma besteira que Luca falou e mais

adiante, mas não tão longe, uma menininha loira corre para os braços do pai. Luca a suspende lhe arrancando risos e pequenos sons de alegria. Foco no rostinho delicado e de feições perfeitas. Uma lágrima escorre pelo canto do olho, porque sei quem é essa criança. É linda, alegre e cheia de saúde, uma sensação de paz me invade o peito, que quase me curva de expectativa. A felicidade de ambos é contagiante, transborda amor, zelo e carinho. Uma voz surge de trás do meu corpo e dou um pulo ao reconhecer de quem se trata. Minha mãe. A encaro pasma e sem palavras. Seu sorriso meigo e terno não mudou nada.

— Minha neta é linda, parece com você quando criança — Sem aguentar de tanta saudade, me lanço em seus braços com um choro tão doído, que vem do fundo da garganta.

— Mãe, você voltou para mim? — Ela sorri, e faz um afago pelos meus cabelos. Sentir o calor do seu corpo é tão libertador e poderoso, que facilmente poderia me entregar a essa sensação. Poderia ficar ali e não ver o tempo passar. Porque a saudade, é uma das coisas mais difíceis de superar.

— Filha isso é um sonho e logo irá acordar. Mas escute-me! Isso que está vendo é seu futuro, não se engane pelas maldades dos outros. Abra seu coração e enxergue além.

— Enxergar além. Do que a senhora tá falando, mãe? É sobre o Luca?

Ela se afasta, sorri e fala que me ama. Mas antes de partir sussurra:

— Não tenha medo de nada, a Manuela será uma criança muito abençoada.

E assim como apareceu do nada, some da mesma forma. Acordo de sobressalto, suada e tremendo. Encolho-me como um feto no ventre, ainda sentindo sua presença de maneira forte. “Manuela”, que nome lindo, mãe! Repito mais algumas vezes, me acostumando com o som. Será Manuela, eu prometo!

Capítulo 08

Luca

Fui para o hotel triste, cabisbaixo, sem vontade até de comer. Liguei a televisão e passei por vários canais, mas na verdade, não me atentei a nenhum. Fiquei lá simplesmente olhando a tela, longe de qualquer programação que passava pela emissora. Sentindo o vazio e a frustração como companheiras de quarto, me lembrando da derrota recente.

O rosto frágil e abatido de Nina, ainda me assombrava fortemente. Mostrando-me como sou fraco, impulsivo e imaturo. Acabei de espantar minha mulher, a empurrei para mais longe ainda. Sinto um desejo irresistível de bater a cabeça na parede, de esbofetear meu rosto. Mas de nada iria adiantar, ela continuaria me detestando. Como vou conseguir esperar? Sinto tanto a sua falta, mas a burrada está feita, aliás, até eu estou farto de tantas tolices. Penso que nem nos despedimos, nem tive chance de lhe tocar uma última vez. Isso me arrasa ainda mais, não ter a chance de dizer até mais, lhe fazer um afago na barriga, tocar uma única vez nossa bebê.

E uma ideia aparece inesperadamente, nem sei se daria certo, mas traria um pouco de conforto em minha partida.

Com o celular na mão, faço uma ligação para Kira.

— Oi — Responde secamente sabendo que sou eu.

— Kira, posso te pedir um último favor antes de partir? — Ela fica silêncio por uns segundos e responde:

— Claro! Desde que se seja algo coerente, estou ouvindo.

— Gostaria de ver a Nina uma última vez — Declaro com receio, sabendo que irá protestar.

— Luca, já conversamos sobre isso.... — Corto-a mediante uma explicação.

— Ela não irá me ver, ficarei afastado. Por favor me ajude, preciso disso para conseguir esperar.

Kira faz um barulho de insatisfação, mas aceita.

— Ok! Porém, seja cuidadoso, não quero me indispor com minha sobrinha.

— Prometo! — Atesto com veemência.

— Vou chamá-la para almoçar amanhã e te envio o endereço. Mas não me decepcione, Luca — Alerta de maneira séria, sem sinais de brincadeira.

— Pode confiar! — E finalizo a ligação, ansioso e inquieto. Torcendo para vê-la nem que seja por poucos minutos.

Meu sono é agitado, conturbado e cheio de pesadelos. Mal consigo descansar na cama. Levanto-me com um humor péssimo, azedo. E tomo apenas um café preto, para me manter em pé. A sensação de estômago mexido não me deixa.

Por volta de 10 da manhã, Kira me envia o endereço de um restaurante que fica um pouco longe do meu hotel. Saio com antecedência, para escolher um lugar estratégico. Minha intenção é

sentar numa mesa escondida, mas que tenha visão privilegiada. E assim fico num canto de pouco acesso, coberto por uma planta gigante. Posso ver os outros clientes com facilidade.

Ao meio-dia e trinta, as duas cruzam a porta, reteso-me em expectativa. Nina, nem percebe estar sendo vigiada. As roupas simples, porém, elegantes, lhe favorecem e acentuam a barriga pequena, redonda. Tenho uma vontade insana de levantar e abraçá-la, dizer que sou um idiota, mas que a quero loucamente, e por pouco quase faço. Mas as palavras de Kira me assombram, e procuro aquietar a ansiedade que me devora.

Observo em silêncio, comendo pouco a pouco a salada que pedi. Até engolir, tem se mostrando uma tarefa difícil. A gravidez lhe fez bem, ganhou um pouco de peso, mas nada exagerado. A pele antes pálida, tem tons corados, o corpo mion, se transformou em formas voluptuosas. Nina está linda e radiante, e um ciúme voraz me sobe pelas entranhas. Assim como eu notei sua beleza, outros também enxergariam. E o pior, eu nada posso fazer para impedir, estarei longe, sem acesso a sua vida. Infelizmente, terei de engolir essa sensação ruim por muitos meses. Continuo sentado e a admirando como um bobo, completamente hipnotizado. Nina se mostra feliz, descontraída, e não lembra nem de longe, o rosto sofrido de ontem. Parece outra pessoa, uma mulher em paz, seguindo com a vida.

Vê-la diferente, madura, me traz um gosto amargo na boca. Mostra-me o quanto fui tolo e arrogante. Mesmo grávida, acaba de mostrar que não precisa de mim, que pode virar a página facilmente e posso ser esquecido num piscar de olhos. Logo ambas acabam de almoçar e vão embora. E fico ali parado, digerindo a nova descoberta, com um medo que nunca senti na vida. A compreensão descendo como uma cortina. Acabei de descobrir que amo a Nina e não posso perdê-la!

Nina

Enquanto saio do restaurante, após o almoço com a Kira, tenho uma leve sensação de estar sendo observada, vigiada. Olho para os lados em busca de algo que nem sei o que se trata.

— Que foi? — Kira pergunta desconfiada.

— Não sei, uma sensação estranha, parece que tem alguém me olhando — Ela me olha surpresa, mas desconversa.

— É só impressão, não vi ninguém conhecido.

— Pode ser! — Comento e não paro de caminhar.

— Vamos voltar para o escritório? Ou quer ir em algum lugar?

— Vamos voltar, tenho um monte de coisas para fazer — E a tarde passa num piscar de olhos, estou aprendendo os trâmites do trabalho na empresa. E como a quantidade de serviço e coisas para aprender são sem fim. Nem lembro das coisas que aconteceram no dia anterior.

Ao fim do dia, Kira me chama na sua sala.

— Lembra daquela empresa de departamento que fiquei sócia na Itália? — Kira questiona.

— A empresa do pai do Lorenzo?

— Sim, eles virão nos visitar semana que vem, gostaria que me ajudasse a recebê-los — fala

de maneira despreocupada.

— Claro! — Digo gaguejando. Mas a ideia de ver Lorenzo me deixando um pouco temerosa.

— Que cara é essa? Não gosta do rapaz, do Lorenzo? Ficou desconfortável quando falei dele — Ela sinaliza de maneira direta. Minha tia não é uma pessoa de rodeios.

— Não é isso, é que... — pigarro e volto a falar — O Lorenzo me chamou para sair, mas como estava com o Luca declinei — Declaro o que aconteceu.

— Bem que eu queria que um bonitão daquele me chamasse para sair, aceitaria na hora — Diz de modo divertido e dou risada com sua maneira de ser despreendida.

— Gostaria de ser livre como você, sem amarras. Às vezes acho que vivo numa bolha moral, só minha — Murmuro para Kira.

— Casamento não é para mim, querida. Já basta o cabresto que tiver de suportar todos esses anos do seu avô. Então curto esses relacionamentos sem futuro mesmo, são ótimos e deixam a pele bonita. Uma boa noite de sexo, vale ouro — Ela fala e pisca sem a menor vergonha.

Vamos embora juntas comentando sobre Lorenzo e seu pai. Um frisson de algo desconhecido me incomoda. Mas deixo o assunto de lado, porque tenho coisas demais para pensar daqui por diante. Uma simples visita não tem espaço para me tirar o sossego. Ponho uma pedra e deixo o assunto morrer.

Capítulo 09

Nina

A semana passou rápida como sempre, estou aprendendo o serviço no departamento financeiro e tem tanta coisa ainda por vir, que minha cabeça lateja sem parar. Porém, o pior de tudo, é o sistema utilizado na Shinzo, que coisa chata. Estou há duas semana mexendo nele, e ainda tenho dúvidas e mais dúvidas. Parece que a cada dia tem algo novo, uma nova função descoberta. Falaram-me que o SAP é complexo mesmo, e que estou no módulo mais complicado, que os outros serão mais fáceis de assimilar. Assim espero!

Sento-me numa mesa perto de outros funcionários, não quis uma sala separada ou cheia de pompa. Estou aqui para aprender, e nada mais justo que me sentar próxima de quem põe a mão na massa. Os funcionários sabem que sou sobrinha da CEO, então tratam-me com respeito e sem muita intimidade, parecem temer por seus empregos, como se a qualquer momento fossem ser deletados por algum erro. Tento quebrar esse gelo, esse distanciamento sem fundamento, mas está difícil. A única que se permite certa intimidade, é a gerente do departamento, que não se ameaça com minha presença. Muito pelo contrário, se mostrou aberta e amigável.

— Você pode me ajudar com essa tela, Yumi? — Solicito sem graça, pois estou perguntando pela segunda vez.

— Claro! — Levanta da sua cadeira e segue em minha direção — Aperte o *F1* duas vezes e o *enter*. Pronto! Agora está na tela certa, é só preencher — Sinaliza parecendo otimista.

— Vou anotar tudo, assim não te pergunto de novo — Mostro o pequeno caderno de capa dura.

— Pode me perguntar sempre que precisar, Nina. Sei que no começo é difícil memorizar todas as sequências. Mas logo vai se tornar automático e estará uma super usuária no SAP.

— Não vejo a hora, parece impossível aprender — Digo sorrindo e colocando as mãos no rosto.

— Todo mundo que mexe pela primeira vez, diz isso.

Volto a me atentar, anotando tudo, e prestando atenção nas instruções. Ao chegar no fim do dia, decido abordar um assunto um pouco delicado, que percebi desde que cheguei na empresa.

— Yumi, você é próxima do Hiro, do diretor financeiro?

Ela faz uma cara de desgosto e acena negativamente.

— Na verdade, ele não é muito próximo de ninguém daqui, nem da Kira. Acho que só está na Shinzo ainda, porque era muito amigo do seu avô. Pois até onde sei, sua tia e ele não se gostam.

Agora minha pergunta está respondida. Deve se sentir ameaçado de alguma maneira. Achando que vou lhe roubar o cargo.

— Eu percebi que não se agrada com minha presença. Notei alguns olhares de repreensão.

— Não ligue! Ele faz o mesmo comigo, é impiedoso no trabalho, não aceita nada que não seja a perfeição. Não quero nem pensar em cometer algum erro, é capaz de me decapitar! — Fala

rindo. Mas olho para Yumi com pena, deve ser terrível trabalhar com um chefe tão inflexível, andando em ovos.

— Você já contou para Kira que é tratada dessa forma?

Yumi me encara com o olhar pacífico, sem ressentimentos.

— Até o ano que vem, Hiro se aposenta e Kira irá pedir que deixe o cargo. Na verdade, ela já ofereceu para mim. Estou esperando com paciência minha vez. Não quero passar a perna em ninguém, sei que com honestidade e muito trabalho, alcançarei a oportunidade que desejo.

Fico feliz por ela! Mesmo sendo pressionada por um chefe tirano e intolerante. Trata todos bem, com respeito e humanidade. E isso me mostra que caráter, é algo que vem de berço. Uns tem, outros não.

Pego uma carona com Kira para casa e vamos pelo caminho conversando sem parar.

— Notei que você se deu com a Yumi. Ela é uma ótima funcionária, muito promissora e com garra — Comenta com sinceridade.

— Ah sim, ela tem me ajudado muito e inclusive conversamos sobre o Hiro, hoje — Kira entorta o nariz e faz cara de que sentiu um cheiro ruim. Não me seguro e dou uma gargalhada — Pelo jeito ele não é nada popular na empresa.

— Não é mesmo! É arrogante, tem pensamentos arcaicos e não passa de uma machista. Acha que mulheres não devem ter cargo de liderança, que são incapazes de tomar boas decisões. Mas ano que vem, ele cai fora. Esse martírio tem data para acabar.

— Por que esperar até ano que vem, se não gosta dele?

Kira me olha triste e desabafa.

— Hiro foi amigo de faculdade do meu pai, sempre batalhou na empresa e trabalhou duro. Não vou descartá-lo antes da aposentadoria. Aqui no Japão, nós valorizamos muito os idosos, Nina. Respeitamos suas histórias de vida e o quanto contribuíram, por isso, estou aguardando para afastá-lo, quero que saia de cabeça erguida — Entendo sua posição e me resumo a aceitar, afinal, é da essência do japonês respeitar os mais velhos.

Kira bate na testa parecendo se lembrar de algo.

— Putz, esqueci que os italianos chegam amanhã! Teremos uma reunião pela manhã, e quero que participe. Pode ser?

Remexo-me no banco e assinto.

— Sim, eu participo. Que horas?

Ela consulta a agenda do celular e diz:

— Começa às 10:00 horas, depois almoçamos juntos — Decreta sem tirar os olhos da tela. Kira é uma mulher prática e de fibra. Tenho muito a aprender.

Sigo pelo caminho com o estômago revirado, não entendo o motivo da inquietação. Será que estou sem graça por estar grávida e sozinha? Com vergonha do Lorenzo? Sei lá!! Não vou ficar analisando nada, eu tenho minha vida e não devo satisfações a ninguém.

Em casa jantamos juntas e conversamos mais um pouco sobre o dia puxado. Recolho-me cedo e vou até o guarda-roupa, separar uma roupa elegante e adequada para a reunião. Como a barriga

ainda é pequena, coloco um vestido soltinho e quase não se percebe nada, para compor o visual um blazer cinturado, que veste como uma luva.

Tomo um banho e antes de deitar, tiro uma foto da barriga de lado. Envio para Clara, aproveito e pergunto se já comprou a passagem para passar o natal e as festas de fim de ano conosco. Ficamos batendo um papo gostoso, matando a saudade. E do nada, resolvo mandar a foto para Domenica também, afinal, está sempre perguntando pela neta.

Ela me liga no mesmo instante, é tão bom escutar sua voz. Domenica sempre irá morar no meu coração, percebo que já ama minha filha e será uma avó adorável.

— Oi, pode falar? — Pergunta receosa.

— Claro que posso, tô no quarto sozinha. Você está bem? — Pergunto aproveitando para jogar conversa fora.

— Estou sim, Nina. Aqui tá tudo bem — Comenta com a animação costumeira — Sua barriga está linda e tão redondinha, a minha ficou assim na gravidez do Luca — Diz cheia de nostalgia — Mostrarei essa foto para o Benito, tá todo bobo, não vê a hora da neta nascer. Está querendo mandar fazer um quarto para menina, me pediu ajuda inclusive — Me emociono imediatamente, lembro-me da cena do sonho, daquela família perfeita, do quanto Manuela recebia amor. E apesar da tristeza de não ter dado certo com Luca, algo me conforta, saber que minha filha terá amor e cuidados de sobra.

— Manuela será mimada viu, nem nasceu e já terá um quarto na casa dos avós — Um silêncio perdura na ligação e tenho impressão que caiu — Domenica? — chamo-a.

— O nome... você escolheu. Manuela — E repeti baixinho.

— Sim. Gostou? — Pergunto em expectativa.

— É lindo! É um nome forte e ao mesmo tempo meigo. Gostei! Tenho certeza que o Luca irá gostar também — Assim que fala nele, sinto um bolo na garganta, um ardor nos olhos. Mas esforço-me para ignorar.

Domenica percebi que fico calada.

— Ele me contou que foi até aí e o que aconteceu. Desculpe, querida! Como sempre, Luca age no impulso, fazendo besteiras — Sussurra tristemente — Mas posso te contar uma coisa?

Quando estou para dizer que não, que não quero falar dele. Ela se apressa.

— Ele não está nada bem, Nina. Parece que não dorme há uma semana, sua aparência não é das melhores. Arrisco a dizer que está sofrendo, remoendo o que fez, se culpando. Não estou dizendo isso, porque quero que sinta pena, não. Infelizmente, meu filho faz parte daquelas pessoas que só aprendem na dor, quando perdem e são esmagadas para olhar para frente e deixar de enxergar o próprio umbigo.

Não digo nada, sinto-me travada, sem fala. Com muito esforços, algumas poucas palavras me escapam pela boca.

— Não consigo perdoá-lo, Domenica. A mágoa é muito grande.... — A voz some e solto um suspiro.

— Eu só queria que soubesse, não vamos tocar mais nesse assunto. Então, me dê uma ideia para o quarto da Manu, o que acha de lilás e branco?

O tema ameno me faz relaxar e volto a conversar normalmente.

No dia seguinte estou um pouco ansiosa, mas tento relaxar. Chego na sala de reunião faltando 15 minutos. Lorenzo está sentado ao lado esquerdo de Kira e do direito um senhor que é sua cópia mais velha, deve ser o pai. Outras pessoas que não conheço param de falar e se viram para me cumprimentar.

Quando Lorenzo vira o rosto e me vê, fica chocado, surpreso e com os lábios levemente entreabertos. Ele não sabe que sou uma das herdeiras da Shinzo, parece não acreditar que caminho em sua direção. Tenho vontade de rir!

— Nina! — Ele olha para Kira e depois para mim — O que faz aqui? — A expressão perplexa no rosto é genuína, sem nenhum fingimento.

Antes que eu responda, Kira se adianta.

— Nina, é minha sobrinha mais velha e futura herdeira do conglomerado.

Lorenzo parece nem se dar conta de que a boca está quase aberta, está sem acreditar no que escuta.

— Achei que fosse só fisioterapeuta — Retruca quase em um fio de voz.

— Eu era, até me reaproximar da família da minha mãe. Mas é uma longa história, um dia te conto — Ele assente ainda atordoado e volta e meia me olha de soslaio. Como se ainda não acreditasse que estou ali. E assim que tem oportunidade, vira-se para me olhar.

— Ainda não acredito que está aqui e ainda por cima é uma das donas. Vovó achará que estou mentindo quando contar — Ele fala e sorri.

Dou risada também, só de imaginar a cara de dona Gemma.

— E como ela está? — Pergunto porque sinto saudades.

— Está bem! Mas reclama sem parar da fisioterapeuta nova — Lorenzo balança a cabeça, como se ela fosse um caso perdido.

— Eu imagino! Donna Gemma é exigente.

— Você está sendo boazinha, vovó é ranzinza quando quer — comentamos mais algumas coisas sobre ela e logo a reunião começa.

A pauta é sobre novas estratégias de marketing e o fato de que a “La Rinascita” irá assumir a distribuição dos produtos da Shinzo na Itália, Suíça, França, Espanha e Portugal. São acertados vários pontos importantes e o principal é deixado para o fim.

— Lorenzo, seu pai ofereceu um andar do prédio administrativo, para que montemos a estrutura de distribuição. Minha única exigência é que a Nina, tenha uma sala. Pode ser?

Ele me olha com atenção e dá um sorriso sincero.

— Sim, sem problemas! Providenciarei assim que chegar na Itália. Quando quer começar suas atividades, Nina?

Agora sim, me remexo nervosa. Não gostaria de comentar da gravidez na frente dos outros funcionários. Mas não tem jeito! Kira ao perceber que não disse nada, toma a frente.

— Nina, está grávida e só voltará para Roma após o nascimento do bebê. Então não precisa ter pressa sobre a sala.

Lorenzo empalidece e não consegue disfarçar. Imediatamente olha para minha barriga.

— Parabéns pela gravidez! Desculpe, não percebi — Fala sem graça e desvia o olhar.

Dou um sorriso amarelo e abaixo a cabeça.

Após o fim da reunião, seguimos todos juntos para o elevador, e ando bem devagarzinho para fugir de Lorenzo. Mas ele fica para trás e me espera.

— Você está de pouco meses, não é? Não dá para perceber a barriga — Tenta ser simpático.

— Três meses, está pequena mesmo — Continuamos conversando sobre coisas sem importância da gravidez. Percebi que queria ser gentil, nada de mais.

Seguimos para o restaurante e senta-se ao meu lado. Após pedirmos os pratos.

Um assunto inapropriado surge de repente. Sei que Lorenzo, não perguntou por mal ou por ser xereta, quis apenas puxar assunto, sermos amigos, afinal, trabalharemos juntos no futuro.

— E a logística com o namorado, deve ser difícil, não é? — Pergunta num sorriso sincero. Mas quando percebe que fiquei séria, sem reação. Sua expressão muda de descontraído para envergonhado.

— Dei uma bola fora! — Afirma ruborizado — Não é da minha conta, Nina. Nem precisa responder — Trato de me recuperar, porque vejo um olhar de pena e isso é o pior dos sentimentos. Não quero ser tratada como um bichinho que foi abandonado. Tiro forças do interior e faço uma cara de mulher segura, resolvida.

— Não tem problema! Não é um assunto que me afeta — Falo com a voz mansa, transparecendo tranquilidade — Não demos certo, então, entramos num acordo de sermos bons pais e criar nossa filhar com maturidade.

Lorenzo me olha com intensidade, pasmo. No mínimo achou que me veria derrotada, desolada. Ledo engano! Essa nova versão, será a que todos irão ver daqui para frente. A Nina, que se levanta e não olha pra trás.

Um sorriso lindo surge nos lábios do homem a minha frente. É verdadeiro, transparente e sincero.

— Você ainda vai ter uma família linda! Tenho certeza disso.

Capítulo 10

Luca

Se passaram três semanas após minha chegada de Tóquio e os dias se arrastam sem graça alguma. Tudo parece igual, sem novidade e cor. Trabalho com afinco, com a sensação de que o tempo passará mais depressa, que os dias andarão mais rápido. Mas isso é mera ilusão, nada preenche a falta que minha pequena faz. E quando penso que fui o único culpado, que busquei cair nessa situação, me sobe uma revolta, uma vontade de me socar sem parar. Arrogante! Grito bem alto dentro da cabeça. Por que não enxerguei que a felicidade estava há minha frente? Maldito medo de gostar! Olha a situação que cheguei. Sem minha mulher e filha, sozinho.

Como meu humor não andava dos melhores, os funcionários pouco se aproximavam, somente quando era realmente necessário. Mas isso não se aplica a Antonella, que cada vez mais me tira do sério. Parece não se mancar que não agrada, que não vejo graça em suas investidas vulgares. Chego ao limite e lhe peço que venha em minha sala. Ela vem correndo, sem demonstrar qualquer resistência, crente que terá o que deseja.

— Sente-se, digo sem rodeios — Ela percebe meu semblante sério e duro, e obedece.

— Pode falar, Luca. Tá acontecendo alguma coisa? — Pergunta desconfiada.

— Está sim. Você está me incomodando demais! — Dou ênfase na frase — Cansei de falar que o nosso lance acabou, mas parece que a minha mensagem não foi entendida. Devo ter falado num outro idioma, não é possível.

— Não posso aceitar que queira terminar algo tão bom que existe entre nós. Luca, escuta... — E volta com a mesma ladainha de sempre, que temos química, sintonia e blá... blá... blá... Irrito-me como nunca antes e lhe dou uma patada, digna de um cavalo.

— Não me interessa o que acha, não quero nada com você agora e nem no futuro. Não sinto nada, nem tesão. Fui claro, Antonella? Porque foi isso que estava tentando dizer todos esses dias — Ela arregala os olhos e me encara com fúria e raiva, percebo que se sente humilhada, comprime os lábios em puro desagrado.

— Acha que será feliz com aquela asiática de meia tigela, que lhe deu um golpe da barriga? Pensei que fosse mais inteligente, esperto. Mas é burro como a maioria dos homens e se deixa cair na conversa da virgem sem sal.

— Chega, se continuar com essa insistência descabida, serei obrigado a te desligar da empresa — Anuncio sem paciência, estou de saco cheio das cenas que tem feito.

— Pode mandar! — Enfrenta-me brava, com olhos raivosos, a ponto de pular em meu pescoço — Arrumo outro emprego do dia pra noite, não é a única empresa do ramo — Levanta o dedo em riste, revoltada — Se acha que fazendo isso, será feliz com aquela cópia malfeita de Chinês, vá em frente. Mas fique sabendo que não sou a única pedra no sapato, tem alguém pior esperando sua queda — Balbucia com satisfação, como se soubesse de algo que não sei. Na mesma hora, lembro-me do nosso último encontro. Ainda não consigo entender como fiquei bêbado tão rápido e nem como me levou para casa. Na época há interroguei e me deu desculpas esfarrapadas, sem muita profundida. Agora, depois de mencionar que tem alguém esperando

minha queda, só me deixa com a certeza que tem algo errado ou alguém por trás disso.

— De quem você tá falando? — Pergunto com a voz alterada, ela nota que falou demais e desconversa.

— De ninguém, só estou com raiva! — Diz e olha para o chão, de modo a esconder que menti.

— Pode abrir o bico, Antonella! Quem é esta pessoa que está esperando minha queda?

— Já disse que não tem ninguém, só falei isso para te irritar — Mexe os braços tremendo nervosamente, percebendo que foi pega na mentira.

— Arrume sua mesa e passe no RH. Você está sendo desligada oficialmente da empresa. E saiba que aquele episódio do bar, não me cheira bem, tem coisa aí — Ela ri sarcasticamente, se levanta de maneira altiva e retruca:

— Quê pena que a insossa nunca irá acreditar em você. Continue tentando, Luca. Nunca terá provas — Sai pisando duro e me deixa pegando fogo no lugar. Puto! Sem saber por onde começar, para descobrir a verdade. Mas de uma coisa ela tem razão, Nina, nunca irá acreditar em mim.

Ligo para o RH e dou as instruções sobre a demissão de Antonella. Não quero ver essa pilantra, nem pintada de ouro na minha frente. Quando penso que de alguma forma ela armou para mim, tremo da cabeça aos pés. Quem está por trás de tudo? Penso... penso e não chego em nenhum nome. Vou embora pois não estou funcionando mais, depois dessa, nem tenho mais clima para ficar.

Vou pelo caminho batendo cabeça e tentando chegar em um ponto comum.

Ligo para meu irmão, afim de pedir ajuda. Ele me convida para tomar um café perto da sua casa.

Entro numa pequena confeitaria e logo o vejo sentado no fundo.

— E aí, Antônio. Não te vi no escritório hoje — Comento.

— Tive uma reunião em um dos fornecedores e resolvi vir mais cedo para casa.

— E o Marcelo vai voltar a falar comigo quando? — Pergunto sobre o marido do meu irmão, que cortou relações comigo, na época que briguei com a Nina.

Antônio dá risada e balança a cabeça.

— Não irei me desentender com meu marido por sua causa, Luca. Vocês que se resolvam! E vamos combinar, você merece receber esse gelo, foi um babaca egoísta.

— Eu sei disso e estou pagando por minhas burrices. Podem comemorar, me sinto uma merda!

— Tô vendo! Tá com olheiras, barba para fazer, malvestido.... — E o corto sem rodeios.

— Vim até aqui para ser detonado? — Pergunto rindo.

— Deixe de frescura, tá parecendo um sem teto mesmo — Damos risada e sigo para assunto sério.

— Na verdade, vim te contar uma coisa que descobri sobre a Antonella — Conto tudo e Antônio parece pensativo, reflexivo.

— Ela com certeza colocou alguma droga na sua bebida, mas só saberia se fizesse exame de sangue no outro dia, agora já era — Ficamos pensativos, tentando achar alguma brecha — E se colocar aquele detetive na cola dela? Pelo menos pode descobrir com quem Antonella está mancomunada.

— Boa ideia! — Digo animado — Nem pensei nisso, cara. Vou ligar para o Mariano agora.

Pego o celular e ligo.

— Mariano, como vai? — Lhe cumprimento educadamente.

— Tudo bem, Luca. No que posso ajudar?

— Preciso que siga uma mulher — Anuncio.

— É sobre aquela garota japonesa? — Pergunta sobre a Nina.

— Não, é outra, e ela mora aqui em Roma mesmo.

— Me manda os dados e foto se tiver.

— Tá ok, mas tarde receberá meu e-mail — Encerro a ligação e olho para Antônio — Agora vamos esperar para descobrir quem está por trás disso.

Capítulo 11

Nina

No dia seguinte, chego cedo ao escritório, tenho ido junto com Kira para aproveitar a carona. E ela praticamente madruga na empresa, gosta de ser uma das primeiras, dar o exemplo de estar no horário. Vou direto para minha mesa, dou bom dia para Yumi, que também costuma madrugar. A manhã passa depressa e quando estou distraída, olhando para tela como se nada existisse ao redor. Escuto um pigarro, Lorenzo se encontra há minha frente. Bem vestido, cheiroso e sorridente. Aliás, ele parece estar sempre de bom humor, parece que nada o abala ou tira do prumo.

— Bom dia! — Cumprimento sorrindo também.

— Bom dia, Nina. Pelo horário — Aponta para o relógio — Vim te convidar para almoçar?

Olho para meu pulso espantada com o avanço do tempo, a manhã voo como um relâmpago e nem me dei conta.

— Wow! Hora do almoço? Eu nem percebi, estou tão concentrada que me desliguei totalmente — Mostro a quantidade de coisas para fazer sobre a mesa.

— Não estou diferente, só percebi que o horário porque o estômago roncou — Fala rindo.

— Vamos sim, deixe-me desligar o computador. Yumi quer ir conosco?

Ela vira o rosto e declina o convite, diz que tem muito trabalho e irá almoçar na esquina e voltará.

Sigo com Lorenzo para o elevador.

— E seu pai, vai junto? — Pergunto por não o ver pelos arredores.

— Irá almoçar mais tarde com a Kira — Justifica.

— Você come de tudo, Lorenzo?

— Sim, sou mente aberta, pode me levar a qualquer lugar.

— Sei que é até clichê, mas topa comida japonesa? Só não posso comer sushi e nem nada parecido — comento num lamento.

— Não vai dizer que não gosta sendo filha de japonês? — Questiona de sobrancelhas arqueadas.

— Errou! Eu adoro, mas grávidas não podem comer frutos do mar sem cozimento.

— Sem problemas! Eu como por você — Pisca e acomoda-se na parede do lado esquerdo.

Andamos por cerca de uma quadra, o local está cheio, mas não lotado. A recepcionista nos encaminha para o meio do salão. O restaurante é bonito, moderno e cheio de grandes janelões de vidro. De dentro, temos acesso há vista de uma grande avenida.

— Quanto tempo terá que ficar em Tóquio, Lorenzo? Pergunto curiosa.

— Uns 20 dias, acho. Vou aprender o serviço da equipe de comércio exterior e logística, e

aplicar os mesmos procedimentos na Itália — Ele diz e parece bem animado com a nova empreitada.

— Passarei por esses departamentos também — Sinalizo — Logo, logo estarei na Itália te ajudando, prometo recuperar-me rapidinho — Sorrimos um para o outro e fazemos o pedido.

Enquanto aguardo, jogamos conversa fora. Falamos um pouco sobre coisas pessoais. Sinto-me a vontade com Lorenzo, ele é calmo, sereno e parece ser muito família. O fito enquanto fala e penso triste. Porque não conheci você primeiro? Talvez estivesse feliz agora, num relacionamento sério. Mas não! Me apaixonei pelo homem mais encrenqueiro de Roma. Burra!

— O que foi? — Lorenzo, percebi que o encaro.

— Nada! — Disfarço ao perceber minha gafe.

Entramos num silêncio constrangedor e Lorenzo é o primeiro a se manifestar.

— Meu pai vai embora amanhã, fim de semana ficarei sozinho e jogado pela cidade. Topa fazer passeio de turista comigo? — Fico um pouco arredia com o convite, não quero que ache que estou dando abertura para nada. Mas depois penso, estou grávida de outro, caramba! Óbvio que ele não está mais interessado, e trabalharemos na mesma empresa na Itália, seremos amigo daqui por diante. Deixe de besteira, Nina!

— Ok, eu topo! Serei sua guia e tradutora nesses passeios — Apertamos as mãos e voltamos a conversar.

Luca

Faz três dias que falei com o detetive, me consumo de ansiedade e perturbação. Preciso saber quem é o inimigo, que se esconde atrás de Antonella. Mariano a tem seguido, temos esperança que entre em contato com o comparsa o quanto antes e aí bingo! Saberei quem está por trás dessa armação sacana. O dia corre lento e o fim da tarde parece nunca se aproximar. Resolvo algumas pendências e o Mariano me liga.

— Alô — Atendo ansioso.

— Luca! Tô seguindo a moça, que acabou de chegar numa confeitaria com outra. Quer que te mande a foto da acompanhante?

— Quero! Assim eu vejo se a conheço.

Desligo e ando de um lado a outro. Estou nervoso, quero resolver essa pendência o quanto antes. A verdade será essencial para me aproximar de Nina.

O som de mensagem recebida desperta-me, saco o aparelho e clico nos botões necessários. A foto está longe e com uma resolução ruim, abro e aumento. E quando vejo o rosto que está posicionado em frente à Antonella, mato a charada e entendo todo o contexto.

Gina filha da puta, vadia! Por que não pensei nela? Essa pilantra tem todos os motivos para me afastar de Nina. Esmurro a mesa e sinto meus dedos doerem e se anestesiarem imediatamente. Retraio a mão e confiro se não a quebrei. Droga! Tenho que tomar cuidado com esses rompantes de raiva.

Tomo uma decisão, pego o celular e ligo para Mariano novamente.

— Mariano, elas estão no mesmo carro ou separadas?

— Chegaram juntas, no mesmo carro. Por quê?

— Não é nada! É só uma ideia. Depois a gente se fala.

Desligo e me remexo enfurecido, enjaulado. Exalando fúria e indignação. Sigo para saída e vou direto para o carro. Agarro o volante com dedos brancos, de tanto que os aperto. Procuro me acalmar para não perder a cabeça.

Paro em frente ao prédio de Antonella, em algum momento as duas chegarão de carro e aí eu apareço.

Espero ansiosamente, e aproveito esse tempo, para amansar o leão que teima em querer surgir, transbordar. Após uma hora e 40 minutos um jeep Compass vermelho estaciona, escondo-me e vejo que Antonella e a maldita Gina, descem para conversar na calçada. Falam descontraidamente, como se nada tivessem feito, como amigas íntimas. Me aproximo como um felino que espregueia a presa. Busco controle, equilíbrio, pois afinal o que posso fazer agora? Gravar a conversa, isso, boa ideia, Luca! Aciono o botão de gravar e o coloco no bolso da camisa social. Espero que seja suficiente para pegá-la no flagrante.

Quem me vê primeiro, é Antonella, Gina está de costas, mas ao ver a expressão da outra, vira-se rapidamente. As duas arregalam os olhos, parecem nervosas. Encaro Antonella mortalmente, lhe reduzindo a nada com os olhos. Ela se encolhe, vejo que treme. Gina se recupera da surpresa, e encara-me altiva, erguendo o queixo numa demonstração de qualquer falta de medo e respeito.

— Luca! — Antonella pronuncia meu nome com a voz trêmula, afetada. A encaro e não digo nada — Olha, não quero confusão, to arrependi..... — Gina corta sua fala e coloca o dedo na boca, pedindo silêncio. Não sei como, mas ela parece desconfiar da minha visita.

— Luca! A que devemos a visita? — Pergunta com uma voz descontraída, como se não devesse nada.

— Pensam que me enganam? Descobri a armação toda. O teatro acabou! A Antonella já deu com a língua nos dentes. Sei que armaram para mim e a Nina.

— Não sei do que está falando, Luca. Andou bebendo? — Fala de maneira descarada. Como se realmente fosse inocente — Tá surtando porque a Nina, te largou e foi para Tóquio?

Gina de alguma forma, desconfia que posso estar gravando. Vagabunda! E agora está jogando conversa fora, desconversando. E Antonella ao notar, entra no jogo.

As duas riem, parecem se divertir da minha tentativa frustrada. Enfureço-me e já que não conseguirei pegá-las desse jeito. Chutarei o pau da barraca e vou lavar a alma.

— Espero que não precise de referências profissionais Antonella, porque não terá, muito pelo contrário, irei sujar o seu nome em qualquer empresa que procure emprego aqui em Roma. Sugiro que comece procurando em outra cidade — Seu sorriso some do rosto e vejo que toquei num ponto fraco. Ela não sabe com quem mexeu!

— E você — aponto o dedo na cara de Gina, vejo que quer me estrangular, fura-me com um olhar de ódio — ria quanto quisesse, é minha filha que Nina carrega no ventre. E no final o amor e a família é que irão ganhar. Você não tem nada a seu favor — Suas íris faíscam de amargor, não consegue esconder que se desestabilizou, a acertei em cheio.

— Saia daqui — Cicia irada, exalando rancor por todos os poros. Dou uma risada de escárnio

e lhe dou as costas. Mas um temor me aperta as entranhas, porque sei que vem chumbo grosso pela frente.

Capítulo 12

Nina

Os vinte dias que Lorenzo ficou aqui, foram realmente ótimos. Nos aproximamos e desenvolvemos uma grande amizade. Ele é gentil, paciente e cavalheiro. Abria a porta do carro, puxava a cadeira, ajudava-me a colocar o casaco. Quem faz isso hoje em dia? Lorenzo parecia um príncipe encantado saído de um conto, daquele que cuida e protege da parceira e cada vez mais lamento não o ter conhecido primeiro. Mas a vida é o que é. Meu primeiro sempre será o Luca, só não precisa ser o último. Depois que Manuela nascer, com certeza estarei bem emocionalmente e madura para conhecer outra pessoa. A esperança preenche meu coração e faz-me olhar sempre para frente. Não permitirei tornar-me amarga ou ressentida. Não mesmo, se não deu certo com Luca, ok, bola pra frente. Faço votos que dê certo com outro.

Enquanto estou no trabalho, o som de mensagem, desperta-me e interrompo a digitação de um e-mail. Olho no visor e se trata de um WhatsApp de número que não está salvo nos meus contatos, mas pelo código do país e cidade, trata-se de um número de Roma. Curiosa como sou, abro o display imediatamente.

Desconhecido: *Espero não atrapalhar, como vocês estão? Saudades, Luca.*

Estranho por não conhecer este número, com certeza deve ser novo. Mas mesmo assim, bufo com sua impertinência. Quando disse que não quero contato, não menti. E pior, achei que tivesse entendido que incluía celular também. Penso em desligar o aparelho e ignorar qualquer forma de aproximação. Mas a garota de coração bom dentro de mim, senti pena e resolve ser educada e responder à mensagem.

Nina: *Nossa filha tem crescido com saúde e estamos bem, obrigada.*

Com o coração acelerado, deixo o aparelho de lado e retorno a meus afazeres, tentando ignorar a inquietação que teima em surgir.

Outro som de mensagem chega, tento arduamente esquecer, mudar o foco para outra atividade mais complexa, que exija maior atenção e falho veemente. A ansiedade me belisca e não me deixa em paz. Pego o aparelho buscando a resposta.

Desconhecido: *Saber que estão bem, deixa-me feliz. Você está fazendo pré-natal? O que o médico diz? Desculpe pela sabatina, é preocupação de pai ??*

É impossível não rir! Mandão do jeito que é, até que demorou a mandar um questionário querendo saber tudo e ainda por cima um emotion de carinha, como se quisesse amenizar o clima. Não o recrimino, quer notícias da filha, está mostrando interesse e por isso respondo educadamente seus questionamentos.

Nina: *Faço pré-natal com uma das melhores obstetras de Tóquio, pode ficar tranquilo! Estamos bem cuidadas e tudo corre dentro da normalidade. Semana que vem tenho exame de ultrassom, a médica quer confirmar o sexo, mas sei que é menina. ??*

Mando outro emotion de carinha, como uma forma de dizer que estamos num momento de paz. Que de agora e diante somos apenas pais da Manuela e não mais um casal. Olho para a tela esperando resposta e nada, aguardo mais 5 minutos e nenhum sinal. Paro de me preocupar com

isso e volto a trabalhar. Na hora do almoço saio com tia Kira, mas não toco no assunto, fico quieta, no meu lugar.

— Está calada, aconteceu alguma coisa? — Kira pergunta com o cenho franzido.

— Não, é só sono. E como estão a transição para Itália? — Desvio o foco, porque não quero comentar nada do Luca.

— Uma correria! Lorenzo está 100% focado nessa área, quando você voltar para Roma, tudo já estará rodando e nos eixos, só precisará de uma boa gestão para manter os números e a qualidade.

Respiro fundo, pois a responsabilidade será grande e tia Kira apesar de justa, não gosta de desculpas, tampouco fracassos. Os negócios da família precisam ser geridos com afinco e competência. Ela deixou claro desde o primeiro momento, que serei sua substituta na presidência. Sinto até arrepios diante da perspectiva. Não sei se nasci para tanto, mas preciso tentar.

A tardezinha, quando menos espero e estou compenetrada no computador, o celular dá sinal de vida e a tela brilha. Outra mensagem! Pego o aparelho correndo, cheia de curiosidade e olho.

Desconhecido: *demorei para responder, porque não sabia como te pedir isso. Olha....sei que me pediu distância, que só iremos nos ver quando nossa filha nascer. Eu aceitei e vim embora. Mas agora falando de ultrassom, veio o sentimento de querer conhecer meu bebê, vê-la na sua barriga. Por favor, Nina, abra uma exceção. Deixe-me ir com você pelo menos nesse exame. Não me tire esta alegria!*

Uma tristeza profunda me atinge no peito, um sentimento de vazio, abandono. Não quero ser injusta, mas tampouco rancorosa. Mas ainda é tudo muito recente, fresco. O sentimento de raiva e indignação, tá aqui na memória e pelo que sinto. Não será fácil de ser esquecido.

E fico no maior dilema. Ele está interessado na filha e tem demonstrado. E ao mesmo tempo, preciso da distância para esquecê-lo, sua ausência ajudará a arrefecer os tentáculos da mágoa. Deixo ou nego, eis a questão de um milhão de dólares. E responder a coisa mais sensata, se não tenho resposta para estas questões.

Nina: *Preciso de um tempo, te mando uma resposta quando tiver.*

Pelo que conheço, sei que ficará bravo e indignado. Mas não irei facilitar. Prometi a mim mesma, nunca mais fazer nada forçada, minhas decisões serão em cima do que acredito. Cansei de sempre querer agradar a todos, mesmo que me anulasse no caminho. Então irei responder, assim que tomar a decisão certa.

Desconhecido: *Obrigado, pense com carinho.*

Salvo o nome dele e volto a dar andamento nas coisas, mas sempre pensando no meu dilema. E assim passou o fim de semana, aproveitei para comprar mais algumas coisas para Manuela. Ela irá nascer em março, então estaremos saindo do inverno para a primavera, ou seja, os dias ainda estarão um pouco frios. Então compro roupinhas de manga, nada pesado. Uns bodies, conjuntos de calça e blusa, 3 vestidos, que são maravilhosos, meias, entre outros. Tudo parece em paz, na normalidade e dentro dos conformes.

Até quando chego em casa e Kira está com uma cara de irritada e nervosa.

— O que foi? — Pergunto receosa, preocupada.

— Gildo foi atropelado, tá em coma — Arregalo os olhos e estremeço.

— O pai do Lorenzo? — Ela acena que sim e põe a mão sobre a testa, como se sentisse uma pontada de dor de cabeça — Foi o Lorenzo que te avisou?

— Sim, está devastado, coitado e preocupado. Porque com a transição das distribuições para Roma, ele deixou a direção da “La Rinascita”, nas mãos do pai e agora terá de tomar a frente novamente.

— E a transferência e montagem dos nossos departamentos de distribuição, com quem ficarão? — Questiono, porém algo me diz que não gostarei da resposta.

Kira olha-me triste, desconcertada, parece sem jeito de falar. Vovó a encara com reprovação nos olhos, como se não concordasse com que seria dito.

— Eu gostaria muito de poder ir, mas estou com tanta coisa acumulada, que seria suicídio me afastar agora. Sei que combinamos que precisa ficar longe, mas prometo que no máximo um mês ou dois, você volta.

Olho para elas assustada, assimilando a notícia, sem acreditar que serei obrigada a voltar tão cedo. Buscando ar para não entrar em pânico.

Como vou conseguir conviver com Luca estando tão perto? Passo as mãos no rosto de modo a me acalmar.

— Olha o estado dela, Kira — Vovó sinaliza preocupada — Não devemos tomar uma decisão dessa no calor do momento, é a vida da Nina. Não vê que não está preparada, se sente insegura.

As duas começam a discutir e minha avó apesar de pequena e idosa, tem um gênio que lhe impõe tamanho. Não arreda o pé. Prevendo que as coisas irão piorar, tomo uma decisão que não me agrada, mas faço parte da Shinzo e assumo minha responsabilidade.

— Eu vou, parem de brigar, por favor — anuncio a ambas — Ficarei bem vovô, logo mais estou de volta, não se livrará de mim tão cedo.

Ela ri, abana a cabeça como se tivesse dito besteira.

— Quer que eu vá com você?

— Não precisa, como disse, logo estarei de volta.

Kira sorri satisfeita e me abraça.

— Obrigada, querida! Sei do sacrifício que faz para nos ajudar. E ficarei eternamente grata.

— Nós somos família e família sempre se ajuda — Recebo mais um abraço e sigo para meu quarto — Ao estar sozinha, que encolho como um feto na cama, e estremeço de medo. E agora?

Capítulo 13

Nina

Ando de um lado a outro conferindo o que levarei na mala. Amanhã embarco para Roma, com previsão de voltar em no máximo dois meses. Até porque é o prazo máximo para grávidas andarem de avião, passando disso, já é considerado bem arriscado.

Fiz uma lista para não esquecer nada, ando com a memória péssima, tenho certeza que deixarei passar algo se não fizer uma dupla checagem.

Coloco todas as roupas novas de grávida, maquiagens, acessórios e sapatos. Ah o principal, casacos pesados. Afinal, o frio já está por lá!

Ao finalizar, subo na mala porque não consigo fechá-la. O zíper parece que explodirá a qualquer momento.

— Está indo embora de vez? — Kira ao chegar no quarto, encara minha mala com as mãos no quadril, surpresa.

— Não sei fazer mala, levo coisas demais, sou exagerada. Vi vários tutoriais no You Tube, mas quando ponho a mão na massa, a mala continua grande, dobro tudo errado, sou uma lástima.

— Não se atormente, viajo a trabalho por tantos anos e até hoje também não aprendi — Ela fala rindo.

— Vim te avisar que as duas pessoas que irão te auxiliar na integração na Itália, embarcaram hoje. Masumi e Satoru irão se virar até sua chegada.

Aceno positivamente e volto a me movimentar pelo quarto. Estou ansiosa, agitada. E tenho dois grandes motivos para me sentir desse jeito. Luca e a grande responsabilidade de liderar um projeto.

— Hey! Tá tudo bem? Parece de andar e vamos conversar — Aponta para as duas poltronas e sentamos uma de frente a outra — Pode me contar, Nina. Está aflita pelo desafio ou é o Luca?

Passo as mãos pelo rosto e a encaro com sinceridade.

— Ambos, tia. Me sinto inexperiente, crua e sem expertise para gerir algo assim. Não quero decepcioná-la — Confesso sendo o mais transparente possível — Até um dia desses, eu era fisioterapeuta e agora sou executiva. Tenho a sensação de estar tentando correr, antes de aprender a andar — Sinalizo mexendo as mãos sem parar, ocultando meu nervoso.

— Eu sei de tudo isso, querida! E jamais te jogaria na toca dos leões. Sua ida é para dar um suporte para Lorenzo, ser uma mão extra nesse momento difícil. Porém, a liderança na implementação, ainda é dele. Terá toda ajuda necessária, te prometo.

Fico tranquila diante dessa nova perspectiva, em paz, sabendo que terei assessoria quando necessário.

— Obrigada, tia. Sinto-me mais confortável agora — Respiro aliviada e lhe dou um sorriso aberto.

— A questão do Luca, não tenho como te ajudar ou interferir. É uma decisão sua, de ninguém

mais. Só tenho um conselho! Siga seu coração, sua intuição. Independentemente, de outras opiniões, faça sempre aquilo que acreditar ser o certo.

Kira se inclina e me dá um beijo na testa. Seu gesto, é uma maneira de me dar sua bênção, seu aval.

— Só me responde uma pergunta — Kira questiona antes de sair — Ele sabe que está voltando para Roma?

Comprimo os lábios e repondo:

— Avisei via WhatsApp, mas não dei muitos detalhes, ele nem sabe o dia que vou chegar. Não quero muito proximidade — Falo tentando convencer a mim mesma. Kira ri, arqueia uma sobrancelha.

— Não tenha dúvida, que logo ele irá descobrir que voltou.

Bufo porque sei que é verdade. Não pretendo me esconder, em algum momento serei vista e delatada.

— Não vou me preocupar agora, isso é assunto para depois — Digo. Ela balança a cabeça concordando e deixa-me sozinha, com meus pensamentos que não se calam nunca.

Luca

Fico exultante com a novidade, seu retorno é providencial para meus planos. O que antes com a distância era complicado e cheio de obstáculos, agora o destino virou a meu favor. Mesmo que passe somente dois meses, será mais que suficiente para lhe ganhar a confiança novamente. Não vou desistir, tampouco recuar. Mostrarei para minha pequena, que mudei e cresci. Que pode confiar de olhos fechados, que finalmente, temos objetivos iguais. Só quero ficar com minha mulher e filha, esquecer as burrices do passado. Passar uma borracha, na nossa história complicada, atribulada.

Sem conter a alegria que me invade, ligo para mamãe, quero compartilhar a boa notícia.

— Mãe!

— Oi, filho! Tá tudo bem? Parece afoito — Comenta.

— Estou, sim. Tenho uma ótima notícia para contar.

— Opa, estou curiosa! Fala logo, não gosto de mistério.

Aguardo alguns segundos antes de abrir a boca, para dar um ar de segredo.

— Fala logo, menino! — Dona Domenica me rechaça sem piedade — Estou quase tendo uma síncope.

— A Nina está voltando para Roma, falei com ela agora a pouco.

Minha mãe dá risada e tosse ao mesmo tempo, parece prestes a se afogar na saliva a qualquer instante.

— Não acredito!! — Fala surpresa, embasbacada — Mas o que aconteceu? Ela parecia tão decidida, obstinada a ficar no Japão.

— Ela não entrou em detalhes, mãe. Só que houve problemas sérios de trabalho, que a forçaram a tomar essa decisão de voltar por uns dois meses.

— Que notícia boa, Luca! Agora seja esperto e mostre seu melhor, agarre a chance de ser feliz, de mostrar que é um novo homem, disposto a uma segunda chance. Ela disse quando chega? Hum...acho que podemos lhe oferecer um jantar. O que acha?

— Calma, dona Domenica. Algo me diz que ela não virá amigável ou sorridente. Nina, tá magoada, ressentida. Tenho que ir devagar, pelas beiradas. Agindo com cautela e sabedoria. Vou ligar para Kira para saber quando volta. Depois vou pensar numa estratégia de aproximação, sem nada forçado ou imposto. Farei de um jeito natural, que parece coincidência.

— Tem razão, é melhor agir com prudência. Nina, tá arisca e não podemos culpá-la, não é mesmo? — Mamãe me alfineta sem dó.

— Não vamos voltar nesse assunto, ok? Agora vou desligar, preciso fazer outra ligação, beijos.

Aproveitando que o celular está na mão, ligo para Kira.

— Olá Luca. Como vai?

— Estou bem, Kira. Você pode falar? — Pergunto porque sei que é muito ocupada.

— Claro! Pode falar — Responde educadamente em inglês, mas percebe-se um leve sotaque.

— Nina, me avisou que voltará para Roma temporariamente. Você sabe quando?

— Vocês andam se falando? — Kira pergunta com um ar de divertimento.

Dou um pigarro sem graça, mas me abro com ela.

— Resolvi investir pesado e comecei a mandar mensagens no WhatsApp. Achei que nem iria responder. Mas por um milagre, retornou as mensagens. Mas percebo que ainda é arredia e desconfiada. Não cederá fácil, e sei que tenho que lutar para tê-la de volta.

— Não quero te desanimar, mas é isso mesmo. Nina, é teimosa como a mãe. E já te adianto, que terá que se esforçar bastante.

— Não vou desistir. Eu a amo de coração, quero formar família. Pode ter certeza que se ela é teimosa, sou cem vezes mais — Pontuo cheio de certeza, sem demonstrar qualquer receio ou temor. Porque de uma coisa não tenho dúvida, nunca quis tanto alguém, como quero a Nina.

— Gosto de pessoas obstinadas, Luca. Prometi te ajudar e manterei a palavra. Mas lembre-se, se pisar na bola. Não a verá mais. Entendido?

— Entendido! — Respondo com firmeza, sem titubear.

— Assim que tiver a data da passagem, te aviso. Só não apareça no aeroporto, pelo amor de Deus! Nina, não pode sonhar com meu envolvimento.

— Não sou tão amador a esse ponto! Irei me aproximar de outra maneira. E obrigado pela ajuda — Digo com tom agradecido.

Desligo e enquanto sigo para o carro, fico analisando maneira de aproximar-me da Nina, sem levantar suspeitas.

Capítulo 14

Nina

O voo para Roma foi tranquilo, no início senti um pouco de azia e queimação. Mas logo passou, e dormi como uma pedra. Só acordei nos horários de serviço de bordo, apagando em instantes.

Tive tempo de pensar em minha vida durante todo o percurso, na situação que estou com Luca. Preciso ser mais forte que nunca, equilibrar nosso relacionamento, conduzir meus sentimentos para um lugar neutro, imparcial. Não será fácil abafar as emoções, sufocar o amor. Mas pela Manuela, faço tudo e muito mais! Acaricio a pequena barriga de quatro meses que marca a camiseta e levanto-me ao sinal de desatar cintos, após a aterrissagem. Respiro fundo e agradeço à Deus mentalmente por chegarmos em segurança.

Sigo para área de retirada de bagagem e espero pacientemente por minha mala. Um senhor ao meu lado, se oferece para puxá-la da esteira, aceito de bom grado. Afinal, não é recomendado em meu estado pegar peso.

Ao chegar no portão de desembarque, tenho uma bela surpresa. Clara, Enzo e minha amiga da Faculdade Fabíola, me aguardam com flores e balões com frases de “bem-vinda”.

Sorrio e apresso o passo para lhes abraçar. Estou com uma saudade que não cabe no peito. Tão bom estar perto de quem se ama. Vê-los após 3 meses é maravilhoso!

— Sua barriga tá linda, mana. Olha isso, Enzo! Como a Manu tá grande! — Diz Clara fazendo festa e aproveita para acariciar meu ventre.

— Gente como é bom estar em casa, no meu país, ouvir minha língua. Vocês não fazem ideia — Confesso de coração aberto, abraçando e cumprimentando a todos.

— Você faz falta amiga! Precisei tanto de colo esses dias — Fabiola comenta com um olhar triste.

— O que aconteceu, Fabi? — Pergunto preocupada.

— Nada de mais, só levei um fora e tô depressiva.

Olho-a com cara de compadecida e lhe seguro o ombro carinhosamente.

— Bem-vinda ao clube das rejeitadas, amiga — Nos olhamos por alguns segundos e gargalhamos dando de ombro.

Minha irmã que não perdi uma oportunidade, logo solta uma graça.

— Vamos parar com essa história de rejeitada. Eu hein! Se um não quer, tem outro que queira. Essa vibe de gente jogada as traças não combina com vocês.

Sorrio, Clara tem razão. Não podemos desistir na primeira dificuldade ou obstáculo. Faz parte levar tombos, cometer erros. Os meus estão sendo bem dolorosos, mas sei que quando passar, estarei forte, calejada e com certeza, tirarei alguma lição de tudo. Só que neste momento, não tenho disposição ou vontade de me interessar por outro cara. Além do fato de estar grávida, ainda amo Luca e para seguir em frente, meu coração tem que estar desocupado.

Seguimos para uma cafeteria que fica no caminho de casa. Minha boca se enche de água, só de pensar em comer algo tipicamente italiano. Peço um pedaço de torta caprese, que nada mais é, que um bolo de chocolate com rum, polvilhado com açúcar de confeiteiro. Me lambuzo e como com vontade. Todos riem da minha gana, pareço estar sem me alimentar por vários dias.

Ao chegar em casa, tenho outra recepção calorosa e cheia de festa. Snop corre e late sem parar, quer mostrar o quanto está feliz com minha chegada. Lhe pego no colo e aperto sem parar. Esse pequeno trapaceiro me enche de felicidade.

— Calma, Snop! — Clara o repreende — Desse jeito irá jogar a, Nina, no chão.

Gargalha vendo tanta energia, parece ter tomado um choque.

Enzo se despedi, após subir com a mala e ficamos sozinhas. A casa está do mesmo jeito, nada mudou. E isso me traz paz, tranquilidade e a sensação de volta ao lar. Gosto do Japão, é um país moderno, que sempre tem algo a te ensinar, principalmente de estar aos cuidados de Kira e vó Keiko. Entretanto, a Itália sempre será minha casa de verdade, e isso nunca mudará.

— A vovó e a Kira, estão bem? — Clara pergunta despreziosamente.

— Sim, tá tudo certo! Voltei por conta daquele problema com o novo sócio da Kira. Mas vou ficar dois meses no máximo. As companhias aéreas não aceitam embarcar grávidas após 6 meses, é muito arriscado.

Clara se remexi no sofá, parece a ponto de falar algo e não consegue.

— O que foi? Fala Clara! Parece que irá explodir a qualquer momento — Falo rindo.

— Não precisa ir embora, Mana, seu lugar é aqui! Não faz sentido voltar somente para ter a Manu no Japão. A vovó vem para cá e eu também vou te ajudar.

Olho para baixo, pois estou com vergonha de dizer a verdade. Que no fundo, sou uma covarde!

— Não é só pelo nascimento da Manu — Não é uma pergunta, é uma afirmação — Está com medo de sucumbir ao que sente, não é?

Engulo seco e passo a mão direita no cabelo. Não queria dizer a verdade, mas nunca consegui mentir para, Clara.

— Eu ainda o amo, e tenho medo de sofrer de novo. Ele está me cercando novamente, mas sei que é fingimento, nada do que diz pode ser levado a sério. Luca é infantil, imaturo e volúvel. Fui burra uma vez e não pretendo ser mais uma vez — Sentencio firmemente, tentando acreditar em cada palavra.

Clara, respira fundo, pensa um pouco antes de responder.

— Entendo seus argumentos. Mas sou da opinião que todos merecem uma segunda chance. Então no seu lugar, faria ele sofrer um pouco, deixaria de molho para aprender e depois teria meu final feliz.

Ela diz, como se fosse fácil esquecer todas as merdas que me fez. As palavras de desprezo e humilhação, a dor de ser expulsa e acusada injustamente. A traição. Não, não dá! Não consigo, a dor ainda está viva na alma!

— Gostaria de ser como você, mas não consigo! Ainda tenho mágoa e não sei o que fazer — Respondo com sinceridade e verdade.

— Deixe as coisas rolarem então, tenha paciência. Não faça nada precipitada ou no calor da raiva. Seja a garota que sempre foi, Nina! Gentil, de bom coração e ótima índole. Porque algo me diz, que no final tudo se ajeitará e ficará no devido lugar. É uma sensação forte, um pressentimento. Eu tinha que falar com você.

Sinto um arrepio que corre pela espinha e na hora lembro-me do sonho com minha mãe. Sei que são apenas sonhos, mas mexem comigo, com meus sentimentos.

Abraço, Clara, com todo carinho e lhe encaro nos olhos.

— Não posso te prometer, mas tentarei, ok?

Ela sorri e assenti animada.

Luca

Saio para almoçar com Antônio, porque preciso de ideias para me aproximar de Nina. Ando com a mente vazia, sem criatividade. Não consegui pensar em nada original e que não denunciasses que fui informado da sua chegada.

— Então teve alguma ideia? — Pergunto para Antônio ansioso, louco para pôr o plano em ação.

— Simples! — Diz de maneira relaxada — Faça campana na frente do prédio dela e ao vê-la sair, finja que a encontrou sem querer — Antônio fala como se tivesse tido a melhor ideia de todos os tempos.

— Sério! Essa é sua ideia? — Questiono sem acreditar na asneira que escutei, óbvio que ela mataria a charada na hora. Ia desconfiar que sabia da sua chegada. Impossível nos esbarrarmos justo na sua porta.

— Boa, não é? Não sei como não pensou nela antes, Luca! — Ele ainda teima em se achar o máximo. Não aguento e lhe dou uma patada.

— Porque sou mais inteligente que você, por isso nem cogitei essa idiotice — Falo num rompante — Nina irá perceber na hora que foi armação. Acha que ela burra, que não perceberá a coincidência? Preciso de outra situação, algo natural.

Então Antônio fala outra coisa realmente interessante.

— Ah sei lá! Põe o tal detetive Mariano, mande que ele a siga e quando achar o momento e lugar ideal, você aparece.

Hum, essa ideia sim, foi excelente. Pego o celular na mesma hora e combino com o homem, passando os detalhes necessários. Ficarei alerta e usarei o momento adequado para aparecer.

Dois dias se passam, e recebo relatórios constantemente. Mas nada parece bom, continuo aguardando, tentando conter a euforia e ansiedade.

Enquanto analiso um relatório de fornecedores, Mariano liga novamente.

— Oi, Mariano!

— A moça acabou de entrar no shopping Porta di Roma, ficarei observando e te mantenho informado — Ele anuncia e percebo que está ofegante, por descer do carro.

— Mariano, fique de olho, porque estou indo para aí, ok? — Levanto, junto minhas coisas e saio em disparada. Achei a situação perfeita para nosso reencontro.

— Combinado, Luca. Até mais!

Corto o trânsito em disparada, tenho certeza que levarei uma multa, mas não me importo. Não perderei esta oportunidade por nada.

Ao estacionar, já ligo para o detetive.

— Oi — Ele atende e fala quase em um sussurro.

— Ela está comprando numa loja de criança no segundo andar, se chama “ Piccolo”. Venha logo — Subo a escada rolante e logo chego ao destino.

— Obrigado, Mariano! Eu assumo agora — Digo num tom de voz calmo, sereno. Tentando ocultar o nervoso que me consome.

Fico observando de longe, esperando o momento exato em seguir pelo corredor e nos esbarrarmos. Ela está feliz, exultante. Escolhe as roupas para nossa filha com uma satisfação, que dá gosto de ver. Nina, será uma mãe dedica, amorosa e sinto meu coração palpitar de orgulho. Ela é que tudo que preciso para ser feliz, para começar uma família. Observo atentamente o quanto está mais bonita, parece ter desabrochado em poucos meses de gestação.

Nina segue para o caixa e logo se movimenta para porta. Carrega duas sacolas enormes de papelão. Está distraída, longe de perceber que me aproximo. Ajeita o cabelo e quando levanta a cabeça para focar no corredor, me encontra, parado na sua frente. Ela paralisa e enrije. Percebo que engole seco e mal consegue pronunciar meu nome.

— Luca...

Capítulo 15

Luca

Percebo seu nervosismo, agitação. Noto as pupilas dilatarem, por mais que tente negar, eu lhe abalo as estruturas, mexo com as emoções. Nina ainda me ama, mesmo que lute contra, que se esforce para me esquecer. E é nessa brecha que atacarei, nessa fraqueza que irei persistir. Tenho ciência que mereço sua desconfiança e desprezo. Coloquei-me nessa posição e nem posso lamentar. Mas a amo e não pretendo desistir de construirmos uma família juntos.

Ela olha para os lados, como se buscasse uma rota de fuga, um jeito de escapar. Mas não lhe dou chance e a abordo mostrando-me surpreso, assombrado. Ninguém nem sonha que eu sabia de sua localização e paradeiro.

— Luca... — Balbucia perdida e sem rumo, parece frágil, pálida, mas logo se recupera e busca disfarçar e ocultar os sentimentos — O que faz aqui?

Pigarro para esconder o nervosismo e empunho a voz numa tentativa que saia rouca e decente.

— Vim comprar uma camisa social e vou aproveitar para comer alguma coisa. E você quando chegou? Se tivesse avisado, te buscaria no aeroporto — Anuncio de modo descontraído, sem vacilar. Afinal, não quero que perceba a mentira.

Ela muda o peso de pernas e mexe-se de um lado para outro, parece desconcertada, envergonhada.

— Não era preciso! Clara e Enzo me buscaram. Não quero dar trabalho — Anuncia com orgulho, como num alerta que não precisa de ninguém.

Ah pequena! Pode lutar, espernear, que mesmo assim não vou recuar, tampouco desistir.

— Qualquer coisa para você e minha filha não é trabalho, faço com prazer — Meu comentário lhe desconcerta ainda mais e aproveito-me para lhe pegar de guarda baixa, desprevenida — Já que está disponível, vamos almoçar comigo — Não é um convite, é uma afirmação. Nem me atrevo a perguntar, porque temo pela resposta.

— Oh, não! Tenho que ir embora, ainda voltarei para o escritório — Nina procura fugir pela tangente, mas não permito.

— Não iremos demorar muito e pelo que me disse, você é sua própria chefe, então pode se dar ao luxo de chegar um pouquinho atrasada.

Ela faz cara de desgosto, mas não responde nada. Sigo para um restaurante de comida típica, que fica situado numa área não tão lotada do shopping. Sentamos próximo ao corredor, dali ainda é possível ver alguns clientes circulando. Nina, está silenciosa, introspectiva, querendo manter certa distância. Não querendo romper a barreira, que duramente elevou.

Com o cardápio levantado, permanece por um tempo indeterminado. Nota-se a enrolação, não quer se ver desprotegida.

— Algum problema, quer ir para outro lugar?

Olha-me desconfiada, resistente. Respira fundo e finalmente decide-se.

— Quero um risoto de camarão e um suco de tomate — Diz com a cara de quem realmente está com desejo.

— Não sabia que gostava de suco de tomate, não é algo muito comum — Questiono curioso.

Ela franze a sobrancelha como se lembrasse de algo engraçado.

— Na verdade, eu sempre odiei, mas agora tenho vontade de beber todo-dia. Acredita? — Comenta rindo e dando de ombros — Vai entender! Dizem que esse negócio de desejo é uma coisa estranha e tô começando a acreditar.

Nina dá sinais que começou a relaxar, então tento levantar assuntos impessoais e sem peso.

— E quanto ao médico, já tem alguém aqui em Roma?

Ela parece pensar um pouco e responde:

— A ginecologista que eu ia, também é obstetra, marquei uma consulta para a semana que vem — Sinaliza de forma tranquila, mostrando um pouco daquela menina meiga que tanto amo. Parece estar desarmada.

— Posso ir junto? — Pergunto esperançoso, cheio de expectativa.

— Essa consulta será uma prévia para ela ver os outros exames que fiz em Tóquio, saber como estou. Acho que a ultrassom ficará para outro dia — Diz tentando ser educada, mas não querendo companhia.

— Não tem problema, quero ir do mesmo jeito. Sou curioso sabe! Daqueles que gostam de tirar as dúvidas, de saber como a gravidez funciona.

— Mas é só consulta de rotina, Luca. Quando for a ultrassonografia, eu juro que te aviso. Dou minha palavra. Por enquanto a Manu está muito bem.

Ela fala rápido o nome, mas escuto muito bem e um certo amargor me vem a boca no mesmo instante. “Manu”, Nina escolheu o nome sem nem avisar. Me sinto descartável e sem valor, como se minha presença nem fizesse diferença. Devo ter ficado com uma expressão de dissabor, porque logo recebo uma explicação.

— Não fui eu quem escolhi o nome — Se manifesta com um olhar honesto, aguardo sua explicação — Eu sonhei com a minha mãe e ela disse que a neta se chamaria, Manuela — alívio e compreensão se estampam em meu semblante. E pareço até respirar melhor. Entendo-a, eu faria a mesma em seu lugar. Dou-lhe um sorriso sincero, verdadeiro.

— É um nome lindo e sua mãe tem bom gosto — Os pequenos olhos de esmeralda ficam marejados e desviam-se para outro lugar, fogem de minha inspeção calorosa.

Mas não deixo por menos e insisto no quesito consulta, não serei desmotivado.

— Sobre a consulta, que dia será? — Nina olha-me exasperada, com vontade de retrucar, mas percebe que nada adiantará.

— Quarta-feira, dia 5 — Responde sem muita animação, percebo resistência. Nina, não irá facilitar meu lado, luta com afinco para me afugentar. Mas não permitirei, nossas vidas estão atreladas e não tem volta.

— Te busco antes da consulta — Encara-me em desaprovação, mas nada diz.

Conversamos sobre assuntos sem muita importância. Perguntou sobre meus pais, Ângelo e

Marcelo. Ao levantarmos já passava das 16 horas. Quis prolongar nosso tempo juntos, inventei um motivo para ficar mais tempo.

— Gostaria de comprar um presente pra Manu. Me ajuda a escolher? — Faço uma cara de menino pidão e pelo jeito a dobro. Ela aceita de boa vontade.

Rodamos algumas lojas e espero que, Nina, se interesse por algo. Ela para numa loja de brinquedos, entramos, seguimos para aérea da Barbie e lá tem um número gigante de bonecas de tudo quanto é jeito e tipo. Algumas como personagens de filme, celebridades da história, de contos de fada, etc... Espio e vejo a adoração com que as olha, parece uma criança deslumbrada.

— Quero essas cinco Barbies — Sinaliza contente e explica de maneira adorável — Vou começar uma coleção para Manuela, tenho certeza que irá brincar com todas. Escolherei outras, mas aí serão por minha conta — Diz e segui para a prateleira ao lado. Fico calado, deixo-a escolher. Mas óbvio que pagarei, não sou do tipo que mulher paga a conta.

Passamos um bom tempo ali dentro, até perdi a noção do tempo, com Nina ao lado, nem me interessei do olhar o relógio.

Ao saímos percebo que está radiante, relaxada. Nem parece a garota que encontrei horas atrás. O semblante é calmo, sereno e sem peso. E pensar que tive isso e joguei fora. Quero me esmurrar!

— Então, te levo no seu trabalho?

Quando vê a hora, arregala os olhos e percebe o quanto esteve distraída.

— Nossa perdi a hora, que droga! — Se lamenta e comprime os lábios aborrecida — Vou ligar para o pessoal do escritório e avisar que vou para casa, não adianta chegar agora e ir embora daqui há uma hora.

— Ok. Te deixo em casa. Ainda mora no mesmo lugar? — Pergunto sabendo a resposta. Kira adiantou as informações.

— Sim, moro com a Clara por enquanto.

— Pretende mudar dali?

— Ah sim, é muito pequeno para nós três. A Manu irá precisar de espaço para brincar. Mas não tenho pressa, após ela nascer, eu procuro com calma.

E tomo uma decisão importante, irei ajudar a procurar uma casa, assim terei oportunidade de aproximar mais e mais, e não desperdiçarei.

Nina pega o aparelho e liga enquanto estamos no caminho.

— Oi Lorenzo, sou eu. Desculpe não ter voltado. Vim no shopping almoçar e aproveitei para comprar umas coisinhas e perdi a hora. Você ainda precisa de mim? — Escuto o nome Lorenzo e tenho uma certa lembrança, forço a mente, indo fundo para recordar de onde escutei. Do nada recordo-me do cara do parque, o tal neto da paciente de Nina, e as lembranças surgem como cascata. O mesmo rapaz que a Kira entrou em sociedade. Balanço a cabeça não podendo crer que trabalham juntos. Escuto a conversa íntima demais de ambos e uma ira descomunal me sobe a espinha — Então vou pra casa, acho que andei demais — Ela sorri simpática e descontraída. Com esse babaca se abre toda, parecem ter uma amizade de anos. Comigo fica estranha, preciso quase implorar por atenção, recebendo migalhas, o resto. Aperto as mãos no volante, vendo os dedos quase brancos, sem sangue. Busco em meu interior, forças para não estourar e colocar tudo

a perder. Engulo seco! — Se precisar de ajuda me liga, tá bom? Não precisa se preocupar, vou jantar em casa mesmo. Tá ótimo, até amanhã — Desliga e fica em silêncio, como se nada estivesse acontecendo. Que papo é esse de jantar? Será que ofereceu levá-la para algum lugar? Ah, esse bunda suja está achando que é só chegar e levar! Ah não vai mesmo! Mas preciso ter certeza antes de fazer qualquer coisa. Finjo-me de bobo.

— Achei que você não tinha chefe aqui, que só respondia para sua tia — Comento fazendo-me de desentendido.

— Nós trabalhamos juntos, mas não é meu chefe. Na verdade, ele é sócio da Kira. Só liguei para dar uma satisfação, pois estamos engajados no mesmo projeto. E ficaremos fisicamente no mesmo prédio — Nina explica a transição da distribuição para alguns países da Europa, mas nem presto atenção. Minha mente só foca que o engomado do caralho, estará com ela todo dia. Rondando, esperando sua vez para atacar.

— Eu acho que eu lembro dessa história de sócio, não é o cara do parque? — Questiono só para ter certeza, esperando o golpe final, para acabar com a minha pouca paz.

Nina gagueja e percebi minha inquietação.

— Sim... é ele mesmo — Não respondi mais nada, como se não devesse nenhuma explicação.

— E vocês trabalham no mesmo andar, ou tipo na sala ao lado? — Pergunto roendo-me de raiva. Sentindo uma possessividade que não lembrava de ter sentindo antes.

— Onde você quer chegar, Luca? Lorenzo é um colega de trabalho, está lá pra me ajudar no que for preciso, pra implementarmos esse departamento novo aqui em Roma. Precisamos trabalhar em sintonia, em parceria. Não venha com insinuações descabidas.

Não exploda meu subconsciente grita. Não seja burro! Engulo meu orgulho e desfaço o mal-entendido. Preciso ser esperto para ganhar sua confiança.

— Não estou insinuando nada, Nina. Só perguntei, porque tenho interesse na sua rotina. Me preocupo com as duas — Respondo com o tom de voz seguro, tranquilo. Lhe desarmando.

Nina se convence da minha explicação e deixa a animosidade de lado. Ufa! Finalmente consegui ganhar uma batalha, agora falta a guerra.

Capítulo 16

Nina

Ao chegarmos na frente de casa, sinto uma vontade irresistível de lhe abraçar, me aninhar em seu colo como fazíamos antes de nos separar. Seu cheiro é tão bom, familiar e traz recordações aos montes. Uma saudade descomunal, o amor querendo emergir das profundezas. Porém faço força, não me entrego, luto para abafar os sentimentos. Tenho medo! E as lembranças do desprezo e rejeição são duras demais, para sumirem de uma hora para outra. Aliás, nem sei se conseguirei algum dia.

— Obrigada pela carona e principalmente pelos presentes para Manu. Vão ficar lindos no quarto que estou montando — Agradeço a gentileza de coração. Mas quero dar no pé desse ambiente pequeno e claustrofóbico. Não confio em mim, tampouco em Luca.

Quando estico as mãos para destravar a porta, ele me intercepta e fica bem próximo, pouco centímetros nos separa.

— Espera! — Seu hálito invade meu espaço e sinto um arrepio de prazer, que não é bem-vindo. Maldito corpo traidor — Eu te ajudo a levar as sacolas. Não quero que carregue peso.

Se oferece solícito, nem percebendo em como estou perturbada, agitada.

— Essas sacolas não pesam nada, Luca! Fique tranquilo, estou acostumada.

Ele bufa e parece não se dar por vencido. Oh homem teimoso!

— Sem peso, sua médica me dará razão — Sai do carro e me ajuda a descer, trata de arrancar as sacolas de minhas mãos. Seguimos juntos para o elevador, Bartolomeu o porteiro, sorri e cumprimenta Luca, como se fossem amigos.

— Vocês ficaram amigos? — Pergunto franzindo a testa.

Ele ri, comprime os lábios de um jeito engraçado e responde:

— Nunca se sabe do futuro, então prefiro ser amigo do porteiro — Comenta rindo.

Bufo e sigo calada.

Logo que entro na sala, pego minha irmã e Enzo numa situação bem constrangedora. Os dois se escondem atrás do sofá. Que vergonha! Devo estar mais vermelha que um tomate.

— Desculpem, foi mal! — Falo já passando direto para meu quarto, escuto eles cumprimentando, Luca, logo em seguida. Dão risada e caçoam da própria situação. Clara é a pior.

— Gostaria muito de te dar um abraço cunhado. Mas agora estou impossibilitada — Anuncia sem um pinga de vergonha — Luca gargalha e responde:

— Não faltarão oportunidades, cunhada — Diz feliz, e em alto e bom tom.

Nem tenho coragem de olhar para Luca. Sinto-me mortificada, embaraçada. Não era intenção ser obrigada a levá-lo ao meu quarto. Mas na sala, infelizmente, não dá para ficar.

— Não repare na bagunça, nem desfiz a mala — Aponto a desordem geral no lugar.

— Meu quarto não está muito diferente — Dá de ombros e coloca as sacolas num canto, perto da cama.

Minha bexiga aperta e não consigo esconder a necessidade de urgência.

— Vou no banheiro, grávidas não conseguem segurar por muito tempo — Sigo para o banheiro do meu quarto e o deixo em pé, no meio do cômodo.

Após me aliviar, retorno mais relaxada e tranquila. Encontro Luca sentado em minha cama, está com o controle da televisão.

— Hoje é final da champions league, Real Madrid x Liverpool. Posso ver? — Ele pergunta educadamente. Tenho vontade de negar, mas não posso mandá-lo para sala, posso? Teremos que ficar trancados por enquanto.

— Claro! Vou trocar de roupa e já volto — Pego um pijama quentinho e volto ao banheiro. Saiu de lá trocada e confortável. A blusa é justa, e molda minhas novas curvas. Os seios mais cheios, volumosos e a barriga maior e redonda. Caminho tranquilamente, alheia a atenção que despertei. Ao levantar a cabeça, sou capturada por olhos azuis esfomeados, que transbordam excitação, desejo e algo mais. Sentimentos que não sei distinguir, tampouco explicar. Ignoro, finjo não ver, ele percebe meu desconforto, mas não para e nem desvia o rosto. Ser escrutinada desta forma, parece me queimar por inteiro. Viro-me e começo a retirar as bagunças que estão sobre minha poltrona, pretendo me sentar ali. De modo algum ficarei com Luca, na cama. É perigoso na certa!

Sinto sua presença em minhas costas, nem sei explicar como. O cheiro delicioso de perfume amadeirado, com pele limpa, deixa-me tonta, zozza. Olho por cima do ombro para constatar o que já sei. Luca está quase colado em minhas costas, sua voz grossa e rouca, ressoa no ouvido. Estremeço involuntariamente.

— A gravidez só te deixou mais linda, pequena. Você parece uma flor que desabrochou, tem um brilho próprio — Respiro fundo, para não sucumbir ao desejo que emergi como um vulcão — Não quero te desrespeitar, tampouco que faça algo contra a vontade. Mas quero te pedir uma coisa, algo que talvez não te deixe feliz. Mas que preciso fazer para não ficar doente de tristeza. Vou me comportar, juro! — Não sei o que ele quer pedir ou fazer, mas os olhos transmitem verdade, não vejo truque ou armadilha por trás do pedido.

— O que quer? — Pergunto curiosa, com o cenho franzido.

— Eu quero dormir com a minha filha — Responde tranquilo, com um olhar honesto, sem hesitar. Sorrio, sem na verdade achar graça. Não entendo onde quer chegar!

— A Manu está dentro de mim... — quando falo em voz alta, entendo o discurso do “algo que talvez não te deixe feliz”. A primeira reação é ruim, nego. O medo de fraquejar e não aguentar, deixa-me arredia, arisca.

— Não foi o que combinamos! Eu já disse que sempre poderá ficar com a Manu quando quiser, após ela nascer, dormirá com a bebê, teremos guarda compartilhada — Explano a situação do futuro — Você até poderá participar das consultas.... — Ele me corta com um semblante de dor, derrota, parece angustiado.

— Eu só quero beijar minha filha, abraçá-la, lhe fazer carinho. Dormir sentindo seu calor. Pelo menos uma vez, quero poder ter isso, ela crescendo dentro de você — Seu rosto está distorcido de desespero, pavor. Sei que não está fingindo ou armando. Mas é tão difícil abrir uma

brecha, abaixar os escudos que foram construídos a tanto custo. E se Luca me trair novamente? Tenho certeza que nunca amarei de novo e isso me aterroriza profundamente, esse amor pode me destruir. Mas por um vislumbre de segundos, lembro-me do sonho com minha mãe, da família toda junta. Dele brincando com a filha, cuidando e zelando. E algo se acalmou, uma tranquilidade quase celestial me dando certeza que não estou sozinha, que tem um Deus maior e soberano cuidando de nós duas. E abrando, lhe dando a chance de fazer o que pedi. E sua reação deixou-me estarelecida e emocionada.

— Tudo bem, eu...eu deixo — Respondo com a voz tremida, num fio — Pode ficar aqui comigo — Sigo para cama e encosto-me na cabeceira. Luca olha-me como se não acreditasse, parece perdido, não sabe como reagir. Aproxima-se e deita no meu colo, enrijeço. Ele vem hesitante, com dedos trêmulos e toca minha barriga. A emoção que estampa em seu semblante, é de cortar a alma. Nada digo, apenas deixo que os dois se conheçam pela primeira vez. Luca se aproxima e beija minha barriga, está nervoso, abalado.

— É tão bom sentir você aqui pertinho, filha! Prometo que nós sempre estaremos juntos — Diz de maneira terna, acariciando e beijando sem parar. E sorrio feliz, com o coração apertado, porque sei que é a mais pura verdade. Talvez não fiquemos juntos, mas tenho certeza que nunca abandonará Manuela.

E como um passe de mágica minha barriga mexe, fico um pouco assustada, porque Manu não tinha se manifestado ainda. Paro, presto atenção e sinto a pequena pontada imediatamente. Sorrio feliz demais com a sensação e experiência de sentir meu bebê dando sinal de bem-estar.

— Você está sentindo? — Pergunto a Luca, quase exultando de alegria.

— Não! O quê?

— A Manu está mexendo, é a primeira vez — Anuncio com a voz embargada.

Luca se posiciona, coloca a mão novamente e observa de joelhos, um de frente ao outro. E o milagre acontece. Ele mexe e dessa vez é forte, com vontade. Percebe-se a barriga ficando pontuda de um lado. Sorrimos como dois tolos, *curujando* nossa pequena criação. A emoção é tanta, que não aguento e choro com vontade, sem me segurar ou reprimir. Desabo de verdade, Luca me abraça com proteção, fazendo carinho nas costas, beijando meu pescoço. Nada diz, apenas consola com carinho. Quando me solto, vejo que também está chorando, não parece se envergonhar ou fazer questão de esconder. Sorri com olhos brilhantes e diz:

— Sempre tive medo, receio de ter que cuidar de alguém, temia não dar conta. Mas agora vendo ela crescendo, tão miudinha, dependendo de nós para viver, me faz ver as coisas de outra maneira. O amor que sinto por ela é tão grande, que sinto se alastrando dentro de mim. Obrigado, Nina! Minha filha é o maior presente que poderia receber — Luca volta a me abraçar e ficamos ali, curtindo a presença um do outro. Durmo que nem percebo, a paz de estar em seus braços, a tranquilidade das coisas que dissemos me fez bem, tirou um peso ruim das costas. Acho que não relaxava dessa maneira há muito tempo. Acordo com a luz da cortina aberta. O dia está nublado, frio. Olho para o lado e estou sozinha na cama, uma certa decepção aparece, mas aceito as coisas como são. Levanto, vou direto ao banheiro esvaziar a bexiga. Ao voltar, vejo algo que não vi antes. Um pequeno bilhete em cima da poltrona é do Luca.

Bom dia, pequena!

Tive que ir trabalhar e você dormia tão gostoso que não quis atrapalhar. Sei que não me prometeu nada, mas por favor, depois de hoje não me afaste! Aceito qualquer coisa, até o cargo

de amigo.

Beijos, Luca.

Oh meu Deus, o que faço? Eu o amo tanto, mas sinto um medo tão grande que fico congelada. Ainda não sei como agir, como fazer dar certo, se tenho desconfiança. Sou da seguinte opinião. Ou se perdoa de vez e esquece, ou não recomeça nada. E é por isso, que prefiro ficar onde estou. Ainda não consigo dizer que esqueci o passado.

Levanto e vou me arrumar para seguir com meu dia-a-dia.

Capítulo 17

Luca

Ao sair da Nina, resolvo passar em casa para trocar de roupa. Não é nada agradável ir trabalhar com a roupa do dia anterior. Mando alguns e-mails enquanto dirijo pelo trânsito e faço uma ligação para o escritório antes de estacionar. Ao chegar, sigo direto para o chuveiro, nada como um banho, para começar o dia. Separo uma calça de sarja preta, uma blusa azul clara de manga e um sapa-tênis azul escuro. Ponho as peças sobre a cama, para verificar se o visual se completa, detesto me sentir malvestido. Já basta que não andei nada alinhado esses últimos dias, mal tinha vontade de levantar para trabalhar, quem dirá combinar as roupas. Ao pisar em casa já escuto a algazarra dos cachorros. Aliás, não vejo a hora de apresentar o novo integrante da casa para Nina. Mediante os maus momentos que estamos passando, nem tive espaço para contar a novidade. Após adotar madona, a cachorrinha que resgatamos, encontrei outro cachorro vagando nos lixos perto de casa. O dia havia esfriado e uma garoa insistente não dava trégua, desci do carro correndo para não me molhar. Escuto um barulho de algo caindo, olho em direção a esquina e vejo um pequeno cachorrinho sujo e maltratado, fuçando as latas sem parar. Parece faminto, desesperado por comida. Estaco no lugar e assisto a cena deplorável se desenrolando logo a frente. Encontra restos de comida e o ataca com tanta gana, fome, que meu coração doe de tristeza, tenho que fazer algo. Penso em Madona, que ganhou peso, está quentinha e confortável na minha casa. E esse pobre coitado magro, esfomeado e com aparência de doente. Resolvo tomar uma atitude, não basta apenas ver e lamentar. Tento chamá-lo e me aproximar, mas ele parece arredo, assustado. A cada dois passos que dou, o cachorro recua três. Então uso outra tática. Subo correndo e procuro por alguma comida na geladeira, espero que dê certo! Acho um restinho de macarrão à bolonhesa, esquento no micro-ondas e carrego a vasilha para rua. Procuro um lugar com cobertura e deposito a comida longe dos respingos. Afasto-me o deixando a vontade, apenas permito que me veja, que saiba que estou na redondeza. Minha intenção é que lhe dar confiança, que perca o medo.

Ele se aproxima, cheira a vasilha e come com vontade, saciando a fome. Continuo onde estou, apenas me agacho e fico de cócoras, ficando quase no mesmo nível de altura. Ele para, olha e se aproxima devagarzinho, cauteloso. Sem me mover, deixo que cheire minha mão, e logo recebo pequenas lambidas de amizade. Sorrio feliz, exultante, sabendo que acabei de conquistar um novo amigo.

— Oi cara, estava boa a comida? — Com uma balançada de rabo, demonstra satisfação. Levanto calmamente e o chamo.

— Vem comigo, vamos subir — Caminho para entrada do hall, ele hesita por um instante, agacho-me novamente para transmitir confiança. E logo a barreira é derrubada, parece sentir-se confortável. No começo foi um pouco difícil, Madona, não se esforçou para recebê-lo bem, mas aos poucos os dois foram se ajustando e criando uma rotina amigável.

Agora Madona e roliço vivem felizes e em paz.

Deixo os potes de comidas cheios e sigo para o escritório.

Ao entrar, encontro a mesa cheia e começo a resolver pequenos problemas de início de dia.

Perto da hora do almoço, Ângelo liga no meu ramal.

— Oi, Ângelo — Cumprimento sério.

— Bom dia, é o Marcelo — Meu cunhado responde.

— Oi Marcelo, tudo bem? — Pergunto por educação, porque ele anda de cara virada, desde o episódio da briga com a Nina.

— Tudo certo — Fala sem muita emoção — Ângelo disse que você está procurando casas para comprar? Vou te passar um contato de uma amiga corretora — Anuncia de maneira direta, sem muita enrolação. Então, resolvo puxar conversa, quem sabe sou perdoado.

— Estou sim. O apartamento da Nina, ficará muito pequeno após o nascimento da nossa filha. Então pensei em comprar uma casa e lhe dar de presente — Marcelo fica mudo e só escuto a respiração mediante o silêncio — Marcelo.... tá na linha?

Ele respira fundo e parece se recuperar.

— Vocês voltaram? — Questiona surpreso.

— Ela ainda não me perdoou, mas estamos trabalhando nisso — Respondo de maneira positiva, porque tenho total certeza que nosso destino é ficarmos juntos.

— Ah que tudo gente... — Diz ele num grito de biba feliz, em êxtase. Dou risada com seu jeito espontâneo, Marcelo parece uma moça — Que felicidade! Gosto tanto da Nina, é uma menina de ouro. Mas olha aqui garoto — Me repreende com a voz subindo um tom — Toma vergonha e não apronta mais, ou juro, que te dou na cara — Ameaça sério, sem titubear. E não aguento e gargalho. Meu cunhado é uma figura, sei que está brincando. É incapaz de fazer maldade para qualquer pessoa.

— Então entra na fila, porque já recebi várias ameaças por causa da Nina.

— Se você precisar de ajuda me avisa, tenho bom gosto — Anuncia rindo e penso que ter sua ajuda, pode ser uma ótima ideia.

— Você me ajudar a procurar?

— Claro que sim! Me avisa com antecedência que reservo um horário na minha agenda — Nos despedimos agora num clima ameno e de reconciliação. Graças a Deus sua raiva passou!

Busco na agenda do celular, um lugar para pedir comida. Estou lotado de coisas para fazer e sair para almoçar será impossível.

Nina

Como Masumi e Satoru não falam italiano, tenho almoçado com eles quase todos os dias. Os coitados passaram vários apuros antes de pedir minha ajuda.

— E aí fizeram turismo esse fim de semana? — Pergunto animada, pois Roma é um lugar extremamente turístico e encantador.

— Conhecemos o Vaticano no sábado e domingo foi o Coliseu, Fórum e Palatino.

— Gostaram?

— Sim, só queríamos ter mais tempo para conhecer outros lugares. Apenas fim de semana, não é suficiente — Respondem com pesar.

— Verdade! A Itália tem muito a se ver, vocês precisariam de no mínimo, uns 15 dias de férias — Anuncio com os lábios comprimidos.

— Tenho férias para vencer no início do ano — Satoru comenta — com certeza pretendo voltar com minha esposa. Gosto de fazer turismo com calma, de maneira planejada.

— Volte mesmo, se precisar lhe dou umas dicas — Falamos sobre o projeto, um pouco da empresa e de Tóquio. A hora do almoço passa rapidamente — Rapazes, preciso comprar um remédio, voltem para o escritório e a gente se fala depois — Eles se despedem e sigo meu caminho, procurando por uma farmácia.

Infelizmente, perto da La Rinascita, não tem nada, tive que andar dois quarteirões para encontrar uma loja. Procuro por um remédio chamado Riopan para azia e saio feliz da vida pela nova aquisição. Chega de sofrer!

Ao atravessar a rua, vejo duas pessoas que me chamam a atenção. Não pode ser, digo a mim mesma! Devo estar delirando, não é possível. O carro estaciona a uns quinhentos metros. Gina e Antonella descem do carro conversando, sorrindo, parecem amigas íntimas de longa data. Escondo-me atrás de um poste, abaixo a cabeça e finjo estar no celular. Pela distância não consigo escutar o que dizem, mas fico mexida, intrigada. As duas não se conheciam. Por que são amigas agora? Tem alguma coisa errada, um alerta soa em minha cabeça. E lembro-me de algo que Luca disse, que estava só bebendo num bar com Antonella e apagou sem explicação, sem lembrar de nada. A desconfiança martela sem parar, fico inquieta, desconfiada. Como se tivesse algo mais naquela amizade estranha e descabida.

Caminho atrás das duas, sem que percebam, tento me aproximar o máximo possível sem ser vista. Mas com o barulho dos veículos e sons da rua, é quase impossível escutar com clareza. Só consegui escutar uma única frase com nitidez, antes de me esconder novamente.

“Aquele cara me paga, nem sonha com o que lhe espera” — Anuncia com uma maldade e acidez, que estremeço com o tom de sua voz. É maligno e assustador. Sem nem um pinga de remorso ou sentimento. Tenho uma sensação que se trata de Luca, não sei porque. Mas começo a desconfiar que as duas podem ter algo a ver com aquele dia.

Fico escondida por um tempo, observando a interação de ambas e uma ideia se forma em minha cabeça. Ligo para o escritório avisando que não ficarei a tarde. Lorenzo, pergunta se estou bem, digo apenas que esqueci de fazer um exame.

Chamo um táxi e sigo focada em tentar descobrir a verdade.

Capítulo 18

Nina

No interior do veículo, quando estou mais calma e centrada. Pego o celular e ligo para Luca. Precisamos conversar cara a cara. Quando ele foi até Tóquio, comentou que encontrou com Antonella e depois não se lembrava de nada. Será que a cretina fez algo? Essa dúvida irá me corroer até o fim, se não fizer nada. E a amizade com a Gina, como podem ter ficado tão íntimas se não tem nada em comum? Aí tem coisa!

O telefone toca três vezes e ele atende animado, parece surpreso.

— Oi Nina, tudo bem? — Atende com um tom de voz carinhoso, terno. Sorrio, porque ele parece feliz por tê-lo procurado.

— Tudo bem e você? — Procuro ser simpática também.

— Melhor agora — Responde galanteador — o que devo a honra?

— Você está na empresa? — Pergunto porque estou seguindo para lá.

— Sim, estou trabalhando. Por quê? Está precisando de alguma coisa? — Questiona afobado e parece preocupado.

— Estou indo até aí, na verdade, estou no táxi — Anuncio um pouco sem graça. Afinal, nem perguntei se podia aparecer. Dessa vez fui impulsiva e só agi — Tem algum problema?

— Não, imagina! Mas está tudo bem? — Questiona hesitante e um tanto curioso.

— Está sim, a gente só precisa conversar — Sou enfática e isso parece lhe causar certa desconfiança.

— Está tudo bem mesmo? Você tá estranha.

— Foi algo que vi agora a pouco, e fiquei um pouco abalada — Respondo sem dar muitos detalhes. Prefiro falar quando estivermos frente a frente, quero ver suas reações, analisar como se comporta.

— Tá bom, te espero, pequena — Desliga, mas ainda fico alguns segundos na linha. Temendo o que irei descobrir. Sei que Gina não está bem psicologicamente, mas se juntar com Antonella para aprontar, é demais! Juro que não irei perdoar se for verdade. Quando fui embora, estava disposta a me afastar. Agora então, pode ter certeza que não a verei nem pintada de ouro!

Vou o caminho inteiro divagando e mastigando o assunto. E se for verdade, o que farei diante da nova informação? E a palavra perdão me vem à mente. Continuo olhando pela janela, com a mente longe, um turbilhão de sentimentos confusos.

Ao chegar no prédio, anuncio em qual andar irei. Tenho a passagem liberada e subo para o décimo segundo. Logo na entrada, vejo um lindo e grande letreiro imponente. “Rome catering”, se chama a empresa. Me dirijo até a recepcionista e peço para falar com Luca. O andar todo é ocupado por funcionários, de longe vejo várias baias com pessoas trabalhando freneticamente. Não pensei que a empresa fosse tão grande, constato surpresa.

Luca se materializa, saindo detrás de um painel grande de madeira. Sorri, mas percebo que tenta disfarçar. Seus olhos não conseguem esconder a preocupação, acho que o deixei com medo. Deve estar achando que pedirei para se afastar, ou algo do gênero.

Me dá um beijo no rosto, e com sua mão grande e forte, guia-me para sua sala no fim do corredor.

— Quer beber alguma coisa? — Pergunta gentilmente.

— Não obrigada! — Não consigo relaxar, estou tensa, quero resolver logo esse mistério — Posso sentar? — Pergunto para quebrar o gelo. Luca ri e estende a mão numa permissão muda.

Ficamos alguns segundos nos observando e Luca toma a dianteira.

— Você disse que queria conversar cara a cara, então... pode falar — Se mostra solícito, mas percebo nervosismo na voz. Então decido falar logo e acabar com a tortura.

— Vi Antonella e Gina na rua agora há pouco, estavam indo numa confeitaria juntas. Pareciam amigas íntimas, de longa data. Então fiquei desconfiada e vim aqui conversar.

Luca respira aliviado, como se tivesse acabado de receber a notícia de estar curado de uma doença maligna.

— Achei que fosse me dar um chute, pequena. Caramba! Ligou cheia de suspense — Confessa rindo e passando a mão no rosto. Sinto remorso por deixá-lo desse jeito.

— Desculpe, eu devia ter adiantado o assunto.

— Tudo bem! — Sorri com um semblante sincero e transparente — É que ultimamente ando pisando em ovos com você — Anuncia me fazendo rir.

Dou de ombros, e vou diretos ao assunto.

— Me conta o que aconteceu naquele dia — Peço tentando achar a ponta do iceberg.

Luca franze os lábios, como se a lembrança de algo que o desagradasse e começa a falar.

— Primeiramente, quero dizer que sei que as duas armaram. Mande Antonella embora há alguns dias e na hora da raiva, ela se entregou, depois tentou voltar atrás, mas foi tarde — Então Luca me conta cada fato, e detalhe. Desde o episódio do bar, ao acordar de manhã e não lembrar de nada. Ao desligar a megera da empresa, até o confronto com ambas na porta de Antonella. Fico boba de como fui enredada naquela armadilha, digna de vilões de novela.

— Só tenho uma dúvida — Pergunto coçando o queixo — Como achou seu celular? O dono do pub te ligou também?

Luca franze a testa em descrença e responde:

— Não! Eu liguei para o meu número, e o bartender atendeu. Fui até o Irish pub e o peguei, simples assim. Por quê?

Conto a história da ligação do dono do bar e Luca fica tão desconfiado quanto eu.

— O bartender não contou que tinha ligado para você. Que filho da puta, será que a Gina pagou para ele inventar aquela história?

— Só pode, não vejo outra explicação — Constato pensativa.

— Vou até o pub agora — Luca anuncia irritado, bravo. Me preocupo com seu estado de

espírito. Provavelmente irá arrumar confusão na certa.

— Vou com você — Afirmo determinada.

— Não — Retruca inflexível — Você está grávida e não pode se aborrecer. Dessa confusão, cuido eu.

Lhe encaro e dou uma risada de lado, sarcástica.

— Quero ver quem vai me impedir? — Lhe enfrento com o rosto sério, sem brincadeiras ou humor.

Ficamos nos confrontando com olhares por alguns segundos, Luca percebe que não irá me vender e bufa.

— Tá bom, teimosa! — Diz exasperado — Está me saindo uma pequena, turrone — Pontuando e balançando a cabeça, como eu fosse um caso perdido.

Pego a bolsa e seguimos para o subsolo. No carro, ele liga numa música romântica e no fundo até agradeço. Assim os ânimos se esfriam até chegarmos ao nosso destino.

Ao som de “Guns N’ Roses - Patience”. Seguimos em silêncio. A letra da música mexe profundamente comigo. Não sei se foi uma estratégia de Luca para amolecer meu coração, mas surtiu muito efeito.

*Derramei uma lágrima, pois estou sentindo sua falta
Continuo bem para sorrir
Garota, eu penso em você todo dia agora
Houve um tempo em que eu não tinha certeza
Mas você acalmou minha mente
Não há dúvida de que você está no meu coração agora*

*Eu disse: Mulher, vá devagar
E tudo se resolverá por si só
Tudo que precisamos é apenas de um pouco de paciência*

Viajo na letra e sinto uma vontade tão grande de me jogar em seus braços, sentir seu cheiro, lhe tocar a pele morna e firme. A saudade surge devagar, emergindo aos poucos, mas de maneira voraz. Toco em sua mão, que está apoiada na coxa, vejo que se arrepia, parece tão mexido quanto eu.

Só de sentir seu corpo, fico úmida, excitada. O carro encosta rapidamente numa calçada qualquer. Sinto o clima se alterando, os feromônios se alastrando pelo interior do veículo. Como se estivéssemos em uma dança de acasalamento, numa prévia de consumir o ato físico. Lambo os lábios secos, e isso lhe desperta mais desejo. Fita minha boca sem disfarçar, os lindos olhos azuis agora são duas labaredas ardentes que queimam livremente. A fome está lá estampada, sinalizando que será saciada há qualquer momento. E isso me agrada, porque o que vejo, é reflexo do que sinto.

Luca ataca minha boca com uma gana, que quase chega a machucar. Língua e lábios se encontram. O sabor do seu beijo me deixa sem chão, extasiada. Gemo de prazer e isso parece incentivá-lo, puxa-me para seu banco e automaticamente abro as pernas para me encaixar. Nos tocamos e sentimos sem pudor ou receio. E o paraíso parece ter chegado a terra. Mãos quentes e grandes percorrem os lugares certos, sensíveis e prazerosos. Cada toque e aperto desencadeia um prazer delicioso, quente e sexual. O desejo é tão grande, que esquecemos que estamos numa avenida movimentada em plena tarde. Até que um carro da guarda de trânsito passa, buzina e

estaciona a uns poucos metros de distância. Droga, fomos pegos no flagrante!

Pulo para o banco de carona rapidamente. Tenho certeza de estar vermelha e nem preciso me olhar no espelho. Que vergonha!

O agente desce do carro e diz que se não sairmos agora, irá nos multar e guinchar o carro.

Luca acena com a cabeça e arranca com o carro. Logo a frente me olha de relance e diz:

— Essa nossa conversa ainda não acabou — Faz o gesto de nós dois com a mão — Aliás, depois que sairmos do Pub, vamos terminar lá em casa — E tensão volta a girar dentro do carro. Com a promessa de nos entendermos mais tarde.

Capítulo 19

Luca

O clima tenso e sexual ainda paira no interior do veículo, era quase palpável o desejo que exalava entre nós. Podia sentir o coração acelerar num ritmo frenético, a respiração ofegante, a excitação presente. Só de sentir seu cheiro, o calor da pele, fiquei fora de mim, descontrolado. Nina, sempre despertou meu lado mais selvagem, desde a primeira vez que nos esbarramos. Mas ainda não posso me deixar levar, pelo menos não agora. Não quero que reste dúvidas quanto a minha inocência, então será necessário confrontar o bartender.

Ao chegarmos no Irish Pub, alerta.

— Deixe que eu falo, porque ele vai tentar desconversar e escorregar pela tangente — Anuncio saindo do carro e caminhando para a entrada.

— Você acha que ele está envolvido? — Nina pergunta pensativa — Não podemos julgar sem ter certeza.

— Só pode. Quem mais teria ligado? — Pergunto enfático.

— Elas podem ter outro comparsa — Nina especula — Pense bem! Como elas saberiam onde te achar? — Penso no que ela diz e faz sentido. As cobras tramaram tudo com perfeição. Se não fosse pela boca grande de Antonella, nunca ia descobrir.

— Você tem razão, mas vamos interrogá-lo do mesmo jeito, talvez tenha algo útil para nos contar, alguma pista.

Assim que entro, varro o lugar com os olhos a sua procura. Está no lugar de sempre, o balcão.

Sigo em sua direção focado, com um objetivo em mente, tentar descobrir alguma coisa.

— Olá amigão, lembra de mim? — Interajo simpaticamente.

Ele me olha com reconhecimento e sorri, não parece assustado ou receoso, tampouco mostra-se devendo algo.

— Claro que lembro! Você foi o rapaz que bebeu demais e veio buscar o celular no dia seguinte — Comenta de maneira descontraída e sem nenhum julgamento. Deve estar cansado de ver clientes bêbados. Rotina de trabalho.

— Sim, sou eu mesmo — Falo com a voz baixa. Sinto Nina se aproximar, sem nem virar a cabeça — gostaria de te pedir um favor — Anuncio, enquanto empurro uma nota de 50 euros. Minha experiência diz que pessoas bem remuneradas, costumam cooperar.

O bartender olha o dinheiro, e logo em seguida o coloca no bolso. Parece satisfeito.

— Estou a seu dispor — Sinaliza com simpatia, fazendo uma reverência com as mãos.

— No dia que bebi demais. Você lembra de ter visto alguém acompanhando aquela morena que estava comigo?

O bartender franze a testa num gesto pensativo.

— Não, ela estava sozinha. E até me pediu ajuda para te levar no carro, porque você estava

quase sem condições de andar.

Nina se intromete de imediato.

— Foi você quem me ligou para avisar que o celular estava aqui?

O rapaz faz uma careta engraçada e nega.

— Deixei o aparelho ligado para o que o dono ligasse, não avisei ninguém. Na verdade, nem sei como esse aparelho apareceu aqui. Porque quando ele foi embora, não tinha nada na mesa e nem no chão. E no dia seguinte, o celular apareceu em cima do balcão. Como um passe de mágica.

E o fato de que as duas tem um comparsa, faz sentido. Balanço a cabeça em concordância e agradeco. Saio com passos largos, carregando Nina pelo braço.

— Se você não tinha condições de andar, como chegou até seu apartamento? — Nina abre a questão que estava povoando minha cabeça.

— Bingo! — Falo — Isso prova que as duas tiveram ajuda de um homem. Pois sou realmente pesado, elas não conseguiriam me carregar.

Entramos no carro e Nina fica calada, introspectiva. A cabeça está longe. Temo que mesmo com tudo isso, ainda não queira me perdoar, tenha se arrependido do nosso beijo.

— Que foi? Acabei de provar minha inocência, Nina, não me diga que ainda quer ficar longe....

— Não é nada com você — Me corta — Só tô com medo, ok?

Fala rapidamente atropelando as palavras de maneira estabanada.

— Não fique nervosa, pequena. Aquelas cretinas não passam de duas amadoras, se acham tão espertas e nem foi preciso tanto para descobrirmos — Lhe puxo para meus braços e dou um beijo na testa, tentando desfazer os músculos sobressaltados do ombro. Mas mesmo assim, Nina, mostra-se tensa e apreensiva.

— Gina está doente, e precisa ser detida. Não posso fingir não ver suas loucuras. O que será da próxima vez? — Ela pergunta exaltada, com uma ruga de preocupação no meio da testa.

— Se ficar longe dela e sempre confiarmos um no outro, ficaremos bem. Vai por mim, elas vão se cansar — Digo apenas para lhe fazer relaxar. Infelizmente, com gente desequilibrada, nada é previsível.

Parece surgir efeito e Nina se acalma. Seguimos direto para casa.

Ao abrir a porta do apartamento, a festa dos cachorros foi geral. Madona se joga em cima de Nina, como se a reconhecesse. E roliço oferecido, não fica atrás.

— Quem é esse outro cachorro? — Nina pergunta sorrindo, lhe fazendo carinho na cabeça.

— Eu o adotei tem alguns meses. Ele apareceu aqui na porta todo estropiado, era pele e osso, estava doente. Não consegui deixá-lo na rua — Comento lembrando o dia que o encontrei.

Nina continua brincando com eles e depois se vira em minha direção. Recebo um olhar terno, meigo, de admiração. Acho que ganhei alguns pontos com meu gesto.

— Você realmente está diferente — pontua, não num tom de crítica ou julgamento. Parece verdadeiramente surpresa — E qual é o nome desse rapazinho?

— Esse é o roliço — Os apresento formalmente. Nina gargalha com espontaneidade, só de vê-la sorrir, sinto-me mais leve.

— O nome combina direitinho, olha o tamanho dessa barriguinha, só não está maior que a minha — Nina lhe faz um afago na pança e o pequeno malandrinho se derrete, gostando da atenção.

Ficamos cerca de meia-hora lhes dando atenção, depois sigo para dentro de casa para colocar mais comida. Deixo Nina na sala, e tento me equilibrar nesse interim. Ou serei capaz de pular sobre seu corpo feito um alucinado.

Nina

Tremo de ansiedade e expectativa. Apesar de saber o que faremos daqui a pouco, sinto-me quase virgem novamente. Afinal, faz 4 meses e alguns dias que não transo. Vou até o banheiro dar uma conferida no visual. Retoco o perfume, passo os dedos no cabelo para deixá-los soltos e desembaraçados. Coloco uma bala de menta para renovar o hálito e saíu tentando dar um ar despretenso. Ao abrir a porta, dou de cara com Luca aguardando-me no corredor. Diante de seu olhar predador, felino, sei que estou perdida. Ele sente a mesma urgência que eu, não consegue se conter. Nos atacamos da mesma forma que no carro, sou encostada sem cerimônia na parede. Língua, lábios se moldam numa dança sensual e erótica. Mal respiro. A bala é jogada num canto a outro da boca.

— Estou um pouco nervoso — Luca admite e me imprensna na parede — Desde que terminamos não transo, pequena. Nem sei se vou conseguir me conter por muito tempo.

Arregalo os olhos, porque não esperava por esta confissão. Sua sinceridade me pega de surpresa. Esse novo Luca me surpreende, é como se estivéssemos nos tocando pela vez, nos conhecendo de verdade, somente agora. Após tantos desencontros é libertador, magnífico.

— Não importa quem vai gozar primeiro, só me toca — falo queimando de desejo — eu preciso te sentir dentro de mim — Ele me suspende em seu colo, fico pequena diante de seu tamanho e força. Caminha enquanto me carrega, e nos beijamos sofregamente. Abre a porta do quarto e sinto a macies da cama em minhas costas.

Nos desgrudamos por alguns segundos, apenas o suficiente para tirar as roupas. O físico de Luca, não mudou nada. Continua forte, com músculos e abdômen reto, fico com água na boca. Seu cheiro, a textura da pele, tudo me deixa em êxtase. Pronta para degustar de cada centímetro desse corpo esculpido.

Luca me deita com carinho, vejo que luta para se controlar. Sempre gostamos de sexo forte, duro. Mas com o bebê, não posso abusar.

— Minha vontade é de meter com tudo, te deixar assada de tanto trepar. Mas precisamos ter cuidado com a Manu. Então vou me controlar ao máximo — Sua voz grossa e rouca treme, num esforço contido e calculado.

— Vem — chamo num miado estridente, parecendo uma gata no cio, fora de mim. Ao senti-lo me penetrar é como um paraíso. Como pude aguentar por quatro meses?

Nos movemos desavergonhadamente, encontrando um ritmo rápido e delicioso. Procurando

por prazer, sem pudor ou reservas. Nada era proibido.

— Empina a bundinha para mim, vou te comer de quatro — Comanda como um macho alfa que é. Viril, sexy e dominador. Me entrego a sensações profundas. Sexo de reconciliação é tão maravilhoso quanto dizem. Sinto cada toque e investida com mais ardor. O prazer do gozo surge devagar, aumentando gradativamente e tomando tudo no caminho. Luca abaixa a cabeça e chupa um dos mamilos, causando uma reação em cadeia, onde todos os músculos se contraem ao mesmo tempo. Um rugido rompe em sua garganta e na minha. Desabo exausta, satisfeita e percebo que estamos em sintonia. Um orgasmo que aliviou ambos.

— Como é bom ter você de volta — Luca diz e me abraça apertado, com amor. Não para de demonstrar que está feliz, em paz. Abaixa-se, beija minha barriga e fala com a Manu — Papai não vai sair mais de perto, filha. Você vai até enjoar — Minha barriga se mexe sem parar. Sorrio, essa menina realmente gosta do pai — Ela se movimenta bastante? — ele pergunta.

— Às vezes, mas com você, ela não para. É uma puxa-saco — Sinalizo rindo.

E ficamos ali, curtindo, conversando, nos tocando sem parar. Como se a vontade de estar junto, nunca passasse ou fosse suficiente.

Adormeci em seus braços, com uma sensação de calma que há muito não sentia. Só uma palavra descreveria esse momento “Completa”.

Capítulo 20

Nina

Acordo assustada, estranhando a cama e tudo ao redor. Cerro os olhos procurando algum fecho de luz para saber onde estou. Após uns segundos, minha visão se acostuma e consigo distinguir os contornos dos móveis. E lembro-me da maravilhosa noite anterior, sorrio como uma boba, feliz por estar com o homem que amo e principalmente por saber que é inocente, que não me traiu na primeira oportunidade como acreditei.

Viro para o lado e Luca está de bruços, músculos relaxados, dorme pesado. Fico ali, lhe vigiando e zelando por seu sono. Como é lindo! Constató. Cabelos entre o castanho claro e o loiro, corpo esculpido por muita musculação, nem uma gordura fora do lugar. É gostoso sem ser exagerado. Aproximo-me para sentir seu cheiro bom, morno e fecho os olhos de prazer.

A urgência de ir ao banheiro me desperta e corro ao banheiro, preciso atender as necessidades físicas.

Volto ao quarto, o encontro acordado, de barriga para cima. Pleno e perfeito. Estou nua e me aproximo um pouco envergonhada. Afinal meu corpo está diferente, mais arredondado, seios maiores. Sou escrutinada sem o menor pudor, vejo que não perde nenhum detalhe, e nem faz questão de esconder sua animação. Com a ereção, seu pênis chega quase ao umbigo de tão grande. Fico com água na boca! Ele sorri, porque sabe que também estou afim.

— Acordou com disposição — Sinalizo para seu amigo debaixo. Ele dá risada e estende a mão.

— Com você desfilando pelada, quer o quê? Vem aqui me dar bom dia de pertinho — Vencida pela excitação, cedo. Sou agarrada sem pudor, com vontade. Transamos como se não tivéssemos feito nada na noite anterior.

Olho de vislumbre para o relógio e já são 09:00 horas. Nossa como o tempo voo! Tento me soltar de seus braços.

— Onde pensa que vai? — Ele questiona, sem nem mexer os braços que me prendem.

— Tenho que trabalhar, Luca. As responsabilidades me esperam na empresa, preciso ganhar a vida — Lhe encaro com carinho e dou de ombros, fazendo um pequeno afago na barba rala.

— Não pode pegar um dia de folga? Afinal, você é sobrinha da dona — Comenta com ar esperançoso e maroto.

Lhe encaro com o semblante sonhador e aceno uma negativa.

— Eu gostaria muito, mas não posso. Tenho buchas acumuladas em cima da mesa. E Lorenzo está me aguardando para tomar algumas decisões — Vejo que a simples menção do nome lhe desagrada — Que cara é essa? — Pergunto despreocupada, porque no fundo sei do que se trata.

— Esse Lorenzo — Pronuncia, como se o nome lhe fosse amargo na boca — Não gosto dessa proximidade toda, tenho a sensação que ele só está esperando uma oportunidade. Se faz de amigo, braço direito, mas está é armando o bote — Constata com o dedo em riste.

— Ele é sócio da Kira, sua empresa faz parte do conglomerado agora. Não tem o que ser feito, precisamos trabalhar juntos e fazer as coisas darem certo.

Luca faz uma careta, mas depois me puxa num abraço carinhoso.

— Eu tenho ciúmes de você. É estranho te ver como uma executiva, toda poderosa. Estava acostumado com a fisioterapeuta. Aquela garota meiga, e que precisava de mim — Seu jeito de falar transparece sinceridade e insegurança ao mesmo tempo.

— Eu entendo que esteja estranhando. Mas eu mudei, Luca. Sou desse jeito agora e acredite, sou bem mais feliz. Kira, depende de mim para lhe ajudar, não posso recuar. Tudo aquilo um dia será dos nossos filhos — Vejo que mencioná-lo para meus planos futuros, lhe deixa feliz.

— Então teremos outros filhos? — Pergunta malicioso e com o olhar afiado.

— Não sei, tudo depende.... — Sou calada com um beijo delicioso e quente. Preciso trabalhar, mas com esses amassos, ele está sendo desleal.

— Aceito — Responde com os olhos brilhantes e lhe encaro não entendendo nada.

— Aceita o quê? — Pergunto sorrindo.

— Aceito o papel de marido e pai dos seus filhos.

Dou risada novamente com a brincadeira.

— Cadê o homem que não gostava de compromisso, foi abduzido por uma nave alienígena?
— Falo com sarcasmo.

Ele revira os olhos.

— Quando esse cara viu que ia perder tudo que mais importava, se arrependeu e está aqui, querendo uma nova chance para ser feliz.

Seus olhos dizem que não está brincando, tampouco mentindo. São palavras honestas e verdadeiras.

— Sei... — Retruco fingindo não acreditar, quero que ele se abra, que demonstre os sentimentos. Não irei facilitar!

— Não te culpo por não acreditar em mim, na verdade, até eu ficaria desconfiado. Mas é a mais pura verdade, pequena. Quero que nossa família dê certo, quero te fazer feliz. Porque eu... eu... — Luca gagueja, parece nervoso, sei o que quer dizer e lhe dou um empurrãozinho.

— Você me ama, é isso? — Ele ri envergonhado.

— É isso sim, eu te amo, pequena — Quando a frase finalmente sai da boca, ele parece aliviado. Mas em seguida surge um vinco de dúvida no meio da testa. — Você me ama também, não é?

Dou risada, tenho vontade de lhe torturar, com uma cara de quem não sabe. Mas desisto! Chega de joguinhos. Pretendo sempre ser honesta e transparente em nosso relacionamento.

— Você sabe que sim — Respondo sem rodeios, direta.

— Então repete — Ele pede e faz uma cara engraçada. Bufo e balanço a cabeça em descrença.

— Eu te amo, Luca. Feliz agora?

Ele ri e me dá um selinho.

— Agora, sim. Pode ir trabalhar — Levo um tapa no bumbum e juntos tomamos banho.

Luca deixa-me na porta da empresa.

— Passo na sua casa mais tarde, vamos passar o fim de semana juntos — anuncia antes de eu descer — Tenho uma surpresinha para amanhã — Ficamos aparados nos encarando.

— Já estou me corroendo de curiosidade — Digo comprimindo os lábios — Dá uma pista pelo menos — Imploro.

— Não mesmo! — Nega com os dedos — Aprenda a esperar, curiosa.

Nos beijamos e sigo direto para meu andar, enquanto caminho, penso em qual problema resolverei primeiro. Afinal, são tantos me aguardando.

Ainda não tenho secretária, então Lorenzo divide a sua comigo. Mas não sei porque, a moça parece não simpatizar comigo. Nunca lhe fiz nada, eu hein! Minha sala fica no início do corredor, perto de uma pequena recepção improvisada. Tem um sofá de tamanho médio, uma mesa para uma futura secretária e alguns quadros para enfeitar o ambiente.

No pequeno sofá, tem uma pessoa que não esperava ver tão cedo. Na verdade, não gostaria de ver nunca mais.

Gina se levanta e dá um sorriso de lado. Caminha em minha direção de maneira segura, tranquila. Nada parece abalar suas estruturas.

Estaco no lugar e pareço ter pedido a voz. Sua presença pegou-me de surpresa. Droga! Pedi para Diana, a secretária de Lorenzo, anunciar os visitantes antes.

Gina se aproxima, com aquele perfume doce e enjoativo. Se inclina, como a me dar um beijo no rosto. Não suporto seu toque e dou um passo para trás.

— Olá, Nina! Quando soube de seu retorno, não pude deixar de vir. Podemos conversar?

Fico ali lhe encarando, paralisada no lugar. Um medo ruim, uma premonição de algo maléfico me desce pela espinha. Como um mau agouro.

Capítulo 21

Nina

Vejo que olha insistentemente para minha barriga, não disfarça, nem tenta ocultar os sentimentos. Ela sorri de maneira terna e comprime os lábios de felicidade. Parece não acreditar no que vê. Estranho seu jeito. Porque achei que ficaria brava, descontente. Mas não!

Respiro fundo, buscando equilíbrio para lidar com Gina. Não quero demonstrar que tenho medo, que sua presença me intimida. Fazer isso, é lhe dar artilharia. Com certeza irá se aproveitar de minhas fraquezas, usá-las a seu bel prazer. Força, Nina! Digo a mim mesma, numa tentativa *Hérculea* de buscar energia das profundezas do meu ser.

Ergo a cabeça para fitá-la nos olhos, sem hesitar ou recuar.

— Como entrou aqui? — Sou direta, sem rodeios. Faço questão que perceba o desagrado estampado em meu rosto.

— Nossa, quanta hostilidade! — Retruca com sarcasmo — Pelo tempo que não nos vemos, e até pela circunstância da sua fuga, achei que seria bem-vinda — Grunhe uma reclamação descabida, como se eu lhe devesse satisfações.

— Não fugi! — Digo indignada — Fui embora, porque precisei de um tempo, de novos ares. Só isso! Esse assunto de fuga, é coisa da sua cabeça — Lhe respondo a altura e transparecendo pouca paciência.

— E o motivo da busca de novos ares é o loiro Belzebu?

Tenho vontade de lhe estrangular, mediante tanto fingimento e dissimulação. É uma tola se acha que cairei em sua conversa mole, nas falsas ações de amiga preocupada. A Nina, boba e ingênua já era! Agora enxergo as pessoas como são, sem filtro.

Finjo não saber a verdade, não quero que descubra que voltei para Luca. Aliás, não quero que saiba de nada importante da minha vida. O mínimo possível é mais seguro. Com esta louca, todo cuidado é pouco.

— Fui embora para ficar com minha família, Gina. Ao contrário de você, eu valorizo os laços de sangue — Ela se irrita, toquei no calcanhar de Aquiles. Mas pouco me importo, não lhe convidei, então que ouça a verdade.

— Por que tanta agressividade, fiz alguma coisa? — Me olha triste, parece atordoada. Vejo que pretende se aproximar, invadir meu espaço pessoal — Deixe-me te dar um abraço, somos amigas ainda, não somos?

Recuo um passo, não a suporte e vê-la pessoalmente é bem pior. Gina percebe meu distanciamento.

— Você não pode ter esquecido nossa história, os momentos maravilhosos que passamos juntos — Súplica com olhos marejados, perturbada, sem um pinga de sanidade. E por um momento, sinto medo. Entretanto, recomponho-me e trato de fazer, o que já devia ter feito. Mas antes abro a bolsa e enquanto ela me encara, envio uma mensagem para Lorenzo.

Nina: Pode vir na minha sala? Preciso me livrar de uma visita indesejada. Please!!! — Coloco um emotion de choro e torço para que chegue logo e me socorra.

— Vamos até a minha sala — Convido educadamente. Gina demora a se mover, anda devagar, passos lentos. Parece temer pela conversa.

Não sorrio, tampouco sou simpática. Entro quieta, sisuda. Guardo a bolsa, ligo o computador e posiciono-me.

— Não faz isso com a gente! — Murmura com lágrimas escorrendo pelo rosto. A alguns meses atrás, eu sentiria pena. Hoje, não sinto nada. Só quero me livrar desse amor doentio e de pessoas desagradáveis.

— Não existe a gente, Gina. Não viaja! — Estouro e lhe jogo na cara — Somos amigas de infância, nada mais. E aliás, nem isso vai rolar. Porque você estragou tudo, com essa obsessão maluca e descabida — Coloco o dedo em riste, em sua direção — Sou hétero, consegue entender? Assim como você, nasci desse jeito. Não tenho desejo por mulheres e nunca terei. Não vejo enigma nesse quesito. É simples! Por que você não consegue entender?

Ela para de chorar, fica em silêncio. O semblante não demonstra nenhuma emoção. Abaixa a cabeça, parece pensar, refletir. Vira o rosto para o meu lado, seu olhar arde de sentimentos que não conheço e nem quero conhecer. Continua calada, numa calmaria que não cheira bem.

— O que foi? — Falo um pouco mais alto que o normal.

Ela ri de modo estranho, desequilibrado. Balança a cabeça numa negativa. Depois gargalha descontroladamente.

— Você voltou para ele — Não é uma pergunta, é uma afirmação — Depois de tudo, teve coragem de perdoá-lo? — O rosto se transforma de descrente, para furioso, duro. Sem nenhum resquício do humor que vi há alguns segundos. Parecem ter duas pessoas em uma, dupla personalidade.

— Não sei o que está falando — Faço-me de desentendida.

— SABE!! — Ela grita a plenos pulmões — É UMA BURRA, QUE NÃO SE VALORIZA!!

Levanto num salto e me encaminho à porta. Estou tremendo, apavorada. Não ficarei sozinha com está doida, nem por todo dinheiro do mundo. Gina é mais rápida e bloqueia a porta.

— Pensa que vai me descartar como lixo? — E sacode o dedo num sinal de negativa — Não será tão fácil, Nina. Aquele porco musculoso me paga! — Ameaça deliberadamente — Continuem acreditando que vão brincar de casinha — E começa a caminhar em minha direção. Corro para trás da mesa, preciso de algo que nos separe. Seu olhar malicioso varre meu corpo, sinto arrepio, asco. As intenções nojentas estão estampadas, não esconde.

— Quem sabe um beijinho, não te faz mudar de ideia, hã? Uma pegada mais forte. Não é disso que gosta? — Pego um peso de papel em forma de bola e seguro com força. Gina é bem mais alta e forte, mas não é duas.

— Se encostar em mim, lhe abro a cabeça. Sou pequena, mas sei brigar!! — Anuncio com raiva, nervosa. Procuro não demonstrar o pavor.

— Adoro gatinhas bravas, são as melhores — Faz piada e um barulho esquisito com a língua. Preparo-me para o combate. Mesmo grávida, vou lutar.

E quando se aproxima, a porta abre e Lorenzo chega, como um lindo salvador.

Ele percebe que tem algo errado, que estou vermelha, nervosa e em posição de ataque. Nem preciso dizer nada, que meu amigo toma às vezes de dono do pedaço.

— É melhor você ir embora ou chamarei a polícia — Seu semblante fechado e sério, mostra que não é brincadeira, que não pensará duas vezes para cumprir o que disse.

— Outro príncipe no cavalo branco? Você está disputada, Nina — Destila o veneno — Pode ficar tranquilo, estou saindo — Coloca os braços para cima, num sinal de rendição e caminha até a porta, mas antes se vira e fala:

— Terminamos essa conversa depois — Ri de lado e sai rebolando, talvez para chamar atenção. Só não sei de quem!

Lorenzo bufa, passa a mão no cabelo. Mas como é educado, espera que me acalme e conte o que aconteceu.

— Quer uma água ou outra coisa que te ajude a acalmar? — Vem ao meu socorro. Não consigo me segurar e choro. Agora posso demonstrar fraqueza, medo. Não corro mais perigo — Hei! Tá tudo bem, ela já foi — Ternamente, Lorenzo me abraça. Sua atitude não é maliciosa ou com conotativo sexual. Ele simplesmente parece preocupado com meu estado — Sente um pouco, você está tremendo muito — Aconselha de modo protetor, zeloso. E agradeço profundamente ter sua amizade. Lorenzo é um cara amoroso, cuida das pessoas de coração. Espero um dia vê-lo feliz, apaixonado e curtindo do lado de alguém que o mereça.

— Obrigada! — Falo de coração, num fio de voz — Você salvou minha vida — E choro nervosamente.

— Calma, Nina! Vai passar mal desse jeito, pense na Manu — Me adverte e aos poucos consigo me tranquilizar. Faço exercícios de respiração, controlando o pânico — Melhor? — Questiona com o cenho franzido.

— Sim — Respondo secando o rosto — Você deve estar se perguntando quem é essa garota, não é?

Lorenzo arqueia as sobrancelhas, comprime os lábios e sorri.

— Não vou mentir! Estou realmente curioso. Porque sei que você é não é de briga ou violência.

— Não sou mesmo. Mas hoje seria minha primeira vez — Comento dando de ombros — Mesmo estando grávida.

— Nem brinca — Ri alto — Separar mulher brigando, não é minha praia — Rimos juntos — Então me conte o que aconteceu?

Então relato desde o começo, tudo que me lembro da Gina. Nossa infância, adolescência e a fase adulta. Vejo que Lorenzo se surpreende, e parece preocupado no relato final.

Ele segura o queixo pensativo, parece digerir o que escutou.

— Fique o mais longe possível dessa garota. Ela é doente, e isso é fato! Na verdade, te aconselho a procurar a família dela, e expor a situação. Gina é um problema deles, não seu! Ela precisa de ajuda psicológica urgente — Sinaliza a realidade.

—Antes de viajar, conversei com Paolo, mas pelo jeito de nada adiantou. Agora serei mais

direta, pretendo conversar com os pais também. E você tem razão. Vou conversar com o Luca primeiro e depois ligarei para os pais dela. Obrigada mais uma vez — Sorrio, aliviada em desabafar.

— Você voltou com o pai da Manu? — Parece surpreso e um pouco desapontado. Comprimo os lábios e assinto positivamente.

— Estamos tentando fazer dar certo, porque nos amamos — Respondo timidamente.

— Claro! E vocês possuem um vínculo para o resto da vida, nada mais justo que tentar novamente — Comenta sem graça e percebo que fica triste. Acho que Lorenzo tinha esperança que pudéssemos ter algo — Não saia sozinha, ok! Espere seu namorado aqui dentro — Me adverti e sai da sala com um aceno de cabeça.

Gostaria de ter conhecido Lorenzo antes, com certeza teria me apaixonado. Mas a vida tem seu próprio caminho e designo.

O dia passa lento e moroso, as horas parecem travadas no ponteiro. Olhei para o relógio o dia todo. No fim do dia, ligo para Luca me buscar. Estou cansada e exausta emocionalmente.

— Oi, pequena. Pronta para minha surpresa? — Pergunta animado, cheio de expectativa. Mas depois do que aconteceu, murchei. E não tô afim de nada, só de ficar quietinha. Sei que não devo deixar os outros ditarem minha vida. Mas agora, não consigo ficar animada.

— Estou cansada! Será que a surpresa pode passar para amanhã? — Pelo tom da minha voz, ele percebe a apatia.

— Que foi, amor! Aconteceu alguma coisa?

Respiro fundo e conto o episódio com a Gina. Luca fica transtornado, de cabeça quente. Quer procurá-la, tirar satisfação. Mas não permito e com jeito consigo desmotivá-lo. Tenho pavor de um confronto com ambos, jamais incentivarei nada parecido.

— Tô indo te buscar agora, mas espera na sua sala — Nos despedimos carinhosamente e fico ali, respondendo alguns e-mails. E resolvendo umas pendências. Graças a Deus que hoje é sexta!

Batem na porta e Lorenzo entra. Traz umas pastas, com novos fornecedores de transporte aéreo. Ficamos conversando, e nem vi o tempo passar. Quando já estava para sair, lembrou de uma informação importante. Se aproximou, e mesmo em pé abriu um dos documentos.

— Temos que despachar um lote para Lisboa na segunda-feira. E os preços de frete da Cargo Air, são os melhores. O que acha, fechamos com eles? — Lorenzo me questiona, se inclinando sobre a mesa, estamos próximos. A porta abre lentamente e Luca entra, está distraído, pensativo. Demora um pouco para ver que não estou sozinha e pior, não consegue disfarçar a carranca, ao notar Lorenzo. Os olhos se inflamam ao vê-lo inclinado.

— Vamos! — Decreta como se eu fosse uma criança pega aprontando. Sinto uma raiva descomunal, mas não farei barraco na frente de ninguém. Meu amigo não merece presenciar nada do tipo.

— Pode fechar com a Cargo Air, eles estão competitivos — Anuncio sem graça, tentando ser rápida. Lorenzo percebe a hostilidade de Luca e tenta amenizar o clima, sendo gentil.

— Oi, Luca. Como vai?

Meu namorado lança um olhar ameaçador e responde seco, sem um pinga de gentileza.

— Vou bem — E volta sua atenção em minha direção.

— Vamos, Nina. Que demora! — Dessa vez o olhar ameaçador vem de mim. Lorenzo se despedi e sai rapidamente, sentiu que era o pivô do ciúme.

Seguimos calados até o elevador e pressinto que ao ficarmos sozinhos, as coisas vão ferver.

Capítulo 22

Nina

O clima no elevador é péssimo, tensão no ar, cada um em um canto. Nada do entrosamento que tivemos nos últimos dias, a harmonia esquecida. Oh gênio miserável! — Penso. Mas não dou o braço a torcer, não iniciei a confusão, ele que dê o primeiro passo. Chegamos ao subsolo e o carro se encontra estacionado próximo, mal caminhamos.

Com raiva e aborrecida, pego meu fone de ouvido, posiciono nas orelhas e coloco uma música animada. Vou ignorar esse esquentado, talvez se acalme e deixe de besteira. Enquanto estou curtindo o som, sinto um puxão do lado esquerdo.

— Sério? — Mostra-se indignado — Quantos anos você tem?

— Tenho 23. Mas você meu amigo, parece não ter saído da adolescência. Confiança Luca, é uma via de mão dupla. Pediu-me uma chance e no primeiro obstáculo, já desconfia, julga-me e condena sem pestanejar — Ficamos em silêncio, ele parece não ter argumento para retrucar e não consigo me manter calada — Coloquei os fones sabe por quê? — Ele não responde, continua dirigindo mudo, pensativo — Porque detesto briga. Mas você parece dar um braço para entrar em uma. Homem turrão! — Vocifero impaciente — Eu entendo que não confie em Lorenzo, fique com o pé atrás. Mas nunca desconfie de mim, ok? Já te dei provas demais da minha fidelidade. Se a Antonella ainda trabalhasse na sua empresa, eu sim, teria motivos para ter crises de ciúmes. Afinal, vocês transaram. O que não é o meu caso. A maior intimidade que tive com Lorenzo, foi almoçarmos juntos. Olha a diferença! — Ironizo sem me intimidar.

Continua quieto, depois tenta colocar a mão em minha perna. Recuo na mesma hora e lhe impeço tal intimidade. Estou zangada.

Luca respira pesado, parece incomodado. Começa a falar e para. Depois começa novamente.

— Eu sou esquentado, Nina. Desculpe! Não desconfio de você, tampouco do seu caráter ou índole. Na verdade, eu tenho medo... — Fica quieto de novo e lhe incentivo a dizer o que sente. Luca é travado para falar sobre sentimentos, tem dificuldade para se mostrar.

— Pode falar. Do que tem medo? — Peço com um olhar manso e tranquilo. Demonstrando que preciso da sua sinceridade.

— Eu estava acostumado com a outra Nina. Aquela que era fisioterapeuta, classe média, indefesa e precisava de mim. Essa de agora, me assusta! Porque é forte, independente, de família milionária e pode seguir com a vida, sem nem lembrar que existo. Entende porque me sinto ameaçado e faço tudo errado? Fico apavorado que perceba que não sou o suficiente, que pode conhecer alguém do meio da sua família, que lhe seja mais adequado.

Viro o rosto para lhe encarar enquanto dirige. Percebo que aperta as mãos no volante, até os dedos ficarem esbranquiçados.

— Sou a mesma garota que conheceu. Apenas aprendi a me defender e lutar pelo que acredito. O amor que sentia antes, só amadureceu, tornou-se sólido. Nada mudou Luca. Continuo te amando do mesmo jeito e acho que isso nunca vai mudar — Ele me olha com o brilho

renovado, mais leve. Parece aliviado por minha confissão.

Sorri e cruzamos os dedos em sinal de reconciliação.

— Promete que nunca vai me deixar? — Pergunta ansioso, com o olhar preocupado.

— Prometo! — Lhe asseguro com o semblante sereno. Demonstrando amor sincero.

— Vou me desculpar com o Lorenzo — Anuncia, pegando-me de surpresa. Por essa não esperava.

— Verdade? — Questiono com as sobrancelhas arqueadas — Ah! Você tá só brincando — Digo desconfiada, não acreditando.

Eli ri e confirma com a cabeça.

— Pode parecer brincadeira, mas não é! E além do mais, devo uma para ele. Afinal, colocou aquela doida para correr. Então merece meu respeito.

Sorrimos juntos e ficamos conversando sobre assuntos sem importância.

— Pra onde estamos indo? — Vejo que seguimos em direção ao bairro de Domenica. Mas pode ser somente o mesmo caminho para outro lugar. Desde que voltei do Japão, ainda não nos vimos.

— Pra casa da minha mãe. Escutei um sermão, porque ainda não a levei até lá. Acredita? Dona Domenica é uma puxa-saco declarada.

Dou risada e sinto-me afortunada. Porque tive sorte com sogra e sogro, não posso reclamar. Muito pelo contrário, preciso levantar as mãos ao céu. Isso sim! Tá cheio de imprestáveis por aí. Graças a Deus não foi meu caso.

Do nada, me bateu uma vontade de tomar sorvete. Mas não foi uma vontade qualquer. Foi à vontade. Aquele desejo irresistível de se esbaldar numa taça.

— Hum!! Tô com uma vontade tomar sorvete de massa. Mas quero um sabor diferente, sabe! Nada tradicional, tipo morango, chocolate... Quero alguma coisa exótica — Lhe encaro com um sorriso travesso.

Luca me olha com o semblante aliviado.

— Ainda bem que são 19 horas. Imagina se o desejo fosse as 3 da manhã — Gargalhamos.

— Tem uma sorveteria ótima, no caminho. Aí você pode matar à vontade — Anuncia, enquanto nos acariciamos com intimidade.

— Você também vai tomar? — Eu pergunto relaxadamente.

— Claro! Sorvete eu nunca dispenso.

Estacionamos e saio apressadamente, doida para me esbaldar e saciar à vontade. Ainda bem que não engordo com facilidade. Porque ultimamente como por dois.

Luca logo me alcança e brinca.

— Calma, pequena!! Tem bastante sorvete ainda — Comenta apontando para os diversos baldes expostos na vitrine horizontal.

Se achou que ficaria envergonhada. Perdeu a viagem! Nem liguei e fui direto ao que interessa.

Paro no balcão, admirando os diversos sabores acomodados um ao lado do outro. A boca se

enche d'água. Sou uma gulosa assumida!

— Hum...olha tem sorvete de manjeriçã, de queijo e amendoim. Nossa que delícia! — Comento animada e pareço uma criança diante dos doces — Quero esses três — Sinalizo para o atendente.

— Não te fará mal comer esses sabores esquisitos juntos? E ainda três bolas, é muito, Nina — Luca me adverti. Porém, meu olho grande é maior que o bom senso.

— Não! Eu quero os três — Respondo com birra — E deixe de vigiar meu doce, olhe o seu — O repreendo na brincadeira, mas falando a verdade.

Como feito uma louca e só consigo tomar metade. Luca tinha razão, eu estava com olho grande.

— Não aguento mais — Falo lhe encarando — Quer? — Ofereço solicita.

Luca me encara e comprime os lábios em desagrado.

— Só está oferecendo, porque não aguenta mais. É uma olho grande, pensa que não sei! — Comento rindo alto. Dou de ombros e sorrio também.

— Toma! — Lhe empurro a taça — Não gosto de jogar comida fora.

Bufa e pega a taça. A primeira colherada quase vomita.

— Credo que mistura horrível! O manjeriçã, o queijo e o amendoim virou uma gororoba — Seu semblante de asco é engraçado — Como pode tomar metade desse grude?

— Eu acho gostoso — Digo — Não seja exagerado. Não é ruim — Constato fazendo cara de deboche.

— Grávida são criaturas estranhas, acabei de descobrir. Isso aqui — Ele aponta para taça — Nem o roliço e a Madona iam querer.

Dou de ombros e seguimos para casa da minha sogra.

Ao chegarmos na porta da frente, escuto uma verdadeira algazarra dentro da casa. Parece haver uma festa. E na verdade, tinha mesmo.

A sala estava cheia, era gente de todo lado.

— Tem alguém fazendo aniversário? — Pergunto curiosa. Luca ri sem graça e nega.

— Não! Mamãe quis fazer uma festa para te apresentar para a família — Anuncia e fico vermelha como um morango.

— O quê? — Arregalo os olhos surpresa — Porque não me disse, assim teria me arrumado melhor, Luca — Choramingo sem graça.

Não estou mal arrumada, mas teria passado em casa e dado uma caprichada no visual.

— Você tá linda, pequena! Não precisa de nada para melhorar — Entro na casa receosa, sem graça. Olhando ao redor. Aos poucos fui sendo apresentada a todos. São a típica família italiana, falam alto e todos ao mesmo tempo. Sinto-me bem recebida e agradeço mentalmente aos céus, pela sorte de ter encontrado pessoas integras pelo caminho. A avó de Luca, mãe de Domenica é a mais animada com a neta. Diz que será bisavó pela segunda vez e não vê a hora.

Minha sogra me carrega para o andar de cima, diz que essa noite terei duas surpresas

maravilhosas. Entro num quarto no final do corredor, que até onde sei, era direcionado para hóspedes. Logo na soleira da porta, abro a boca em surpresa.

— Que lindo, Domenica! — Entro no cômodo deslumbrada. O quarto foi todo decorado para uma menina. As cores branco, lilás e bege estão em toda parte. No papel de parede de ursos e balões. E nos móveis, estrategicamente posicionados, para harmonizar com a decoração. Toco em minha barriga emocionada, acariciando minha filha. Manu nascerá num lar repleto de amor e zelo. Rodeada por parentes amorosos e saber disso, me enche de uma paz sem igual. Uma lágrima me escapa os olhos — Até me emocionei — Digo sorrindo.

— Quando quiser deixar a Manu comigo, ela já tem um quartinho na casa da vovó — Anuncia animada e cheia de planos.

— Com certeza vou aceitar! Não tenho minha mãe, vou precisar da sogra — Falo um pouco triste, mas sei que ela entende minha colocação.

— Te considero como uma filha, Nina. Vou ajudar no que precisar — Abraça-me carinhosa e logo me libera com um sorriso estampado — Agora vamos a surpresa número dois.

Caminhamos de volta para sala e ao chegar, Luca está no centro do ambiente. Num canto escondido, vejo minha irmã Clara e Enzo. Eles acenam timidamente, sorriem. Estranho a presença deles ali.

Todos se calam e nos olham com expectativa.

— O que foi? — Viro-me e pergunto para minha sogra. Não gosto de ser o centro das atenções. Ela ri feliz, dá de ombros, mas não responde.

Luca vem em minha direção, parece nervoso, ofegante. A testa com pequenas gotículas de suor.

Ao parar na minha frente, se ajoelha. No mesmo momento compreendo o que está acontecendo. Não é uma festa de apresentação, na verdade, é um noivado. Meu estômago se contorce de nervoso e apreensão. Tremo da cabeça, aos pés.

Ele tira uma pequena caixinha cinza de veludo do bolso e abre, como em uma cena de filme de romance.

O tempo para, e sinto o ar preso na garganta. Ofego de expectativa.

— Sei que fazer isso é meio clichê e alguns até dizem que é fora da moda. Mas sou um cara das antigas, que acredita que demonstrar que ama, não tá ultrapassado. Então decidi fazer uma festa de noivado, mesmo não sabendo se quer casar comigo — Luca permanece ajoelhado, aguardando minha resposta e pareço uma pamonha congelada. Nada digo. Até que seu rosto muda e parece apavorado. Oh meu Deus, esqueci de responder.

— Claro que aceito! — Falo com a voz tremida, emocionada.

Recebemos cumprimento de todos. E a festa foi geral naquela noite. Aliás, festa é com a família “Ferrarezi” sem dúvida.

Capítulo 23

Nina

Era cerca de dez da noite e a casa encontrava-se completamente lotada. Será que ninguém trabalha amanhã? Não é possível!

Sinto um ligeiro enjoo, uma sensação chata de estômago cheio, nem comi tanto. Volto a conversar e tento me distrair. A náusea aumenta e começa a incomodar. Levanto-me e procuro por Luca, que está num canto com o pai, seu irmão e cunhado.

— Luca, não estou me sentindo bem. Podemos ir embora?

Todos olham-me alerta, preocupados.

— Não é nada sério, só estou com enjoo. Na verdade, exagerei na comida. Grávidas costumam comer bem — Dou de ombros de maneira travessa, para demonstrar que não é nada preocupante.

— Quer que eu peça um antiácido? — Meu sogro se oferece gentilmente.

— Obrigada, Benito! Mas não sei se posso tomar. Infelizmente, grávidas tem restrições à vários medicamentos.

— Então vamos para casa. Qualquer coisa, eu ligo para sua médica.

E saiu fazendo toda uma procissão, para me despedir da família inteira. Uma prima de Luca me dá uma dica de medicação. Diz *Motilium e Meclin* são ótimos, marco os nomes no celular.

No caminho a náusea piora muito, fica quase insuportável.

— Para o carro, preciso vomitar — Alerto esverdeada.

No mesmo instante, ele estaciona e pulo para fora rapidamente. Só tenho tempo de me ajoelhar no acostamento e colocar tudo para fora. Seu frio, as mãos tremem e o estômago se retorce. Luca chega por trás e segura meu cabelo. Tenho a impressão que as entranhas saíram pela garganta, que o regurgitar não cessará nunca. Que sensação horrível!

Fico alguns segundos parada na mesma posição, aguardando o desenrolar do organismo. E graças a Deus, o mal-estar cede e dá vez ao alívio.

— Sente-se melhor? — Luca pergunta, segurando pela cintura.

— Sim — Respondo num fio de voz, com a garganta dolorida de fazer força.

— Consegue levantar?

— Acho sim — Respondo fracamente.

— Se apoie em mim — E faço o que me manda. E logo estamos indo para casa novamente.

— Pare na farmácia, vou comprar um dos remédios que sua prima Flávia indicou.

Luca nega veemente e argumenta.

— Não se medique sem falar com a médica, você sabe que é perigoso. Vou ligar e tiraremos a dúvida. Aguardo e assim que Lilian atende, Luca a coloca no viva-voz e explica o que aconteceu.

— Ela pode tomar *Meclin*, 02 comprimidos de 50 mg por dia, não mais que isso, ok? — Aconselha. Como estou amuada, nem me pronuncio. Deixo que ele resolva — Luca! Avise a Nina que a consulta é daqui há dois dias. Estou aguardando.

— Obrigado, Lilian! Nós estaremos aí, com certeza — E encerra a ligação.

Seguimos direto para farmácia. Luca faz tudo, desce compra o necessário, e passamos num empório para comprar frutas cítricas. Dizem ser ótimas para enjoos. Imploro para irmos embora logo.

— Já estamos indo, pequena — Tranquiliza-me.

Os cachorros fazem festa ao entrarmos. Nem dou atenção, estou exausta e com um pouco de náusea. Tomo a medicação e vou direto ao banheiro tomar uma ducha. Sinto-me suja e malcheirosa. Eca!!

Logo, o corpo relaxa e amolece, esses medicamentos geralmente dão sonolência e não luto contra. Pego uma camiseta dele e sinto-me confortável, pronta para mergulhar no mundo do sono.

Nem percebo que adormeci. Devo ter apagado, enquanto caía na cama. Acordo e vejo que ainda está de noite, só tem silêncio e calmaria ao redor. Movimento a mão para o lado, sinto Luca deitado, nem se mexe. Com o tempo os olhos se acostumam e consigo visualizar alguns contornos no escuro. O enjoo passou, ainda bem. Porém, sinto o estômago roncar. Reviro os olhos brava, por sentir-me faminta o tempo todo. Levanto e caminho a passos lentos à cozinha. Os cachorros dão as caras sem demora, brincamos um pouco e levanto-me para comer algo. Acendo a luz, afim de procurar por guloseimas, nada me deixaria mais feliz, sorrio.

Encontro um pedaço de pizza, esquecida numa vasilha de vidro. Hum, isto vai servir!! Esquento no micro-ondas e sento-me para comer. Quando se tem muito fome, tudo parece delicioso. A fatia de pizza de calabresa, é como uma iguaria feita por um chef internacional. E fico ali distraída, esquecida de todo o resto. Sinto algo me tocar na nuca, uma descarga de medo, pavor arrebatava-me e grito.

— Calma, amor!! Sou eu — Luca tenta me acalmar, rindo.

— Isso não se faz, porra! — Ralho zangada, não me importando em falar um monte de palavrões. Ainda estou tremendo quando desato a reclamar — Grávidas não podem se assustar, Luca. Que brincadeira idiota foi essa?

— Não foi brincadeira, pequena — Explica ainda dando risada — Eu tenho mania de andar sem fazer barulho, não fiz na maldade.

Vejo que diz a verdade, mas bufo irritada, sem conseguir me conter.

— Jesus! Achei que fosse algo ruim tentando me pegar — Confesso sem nem pensar no que estou dizendo.

— Algo ruim tipo o quê? Um fantasma, bicho papão...

— Sei lá, Luca!! Tenho a mente fértil e fantasio demais as coisas. Uma vez vi um filme chamado, “Invocação do mal”, fiquei uns três dias, imaginando a entidade surgindo de dentro do meu banheiro do quarto, só dormia de luz acesa. Acredita?

Ele gargalha alto e me abraça.

— Quem disse que o mundo espiritual não existe? — Pergunto séria, não brinco com esse assunto.

— São historinhas, para meter medo em gente como você — Ele conclui cético.

— Te asseguro que não são, Luca! — Falo séria e lembro-me do encontro com minha mãe. Aquilo não foi só um sonho, foi muito mais. A sensação foi forte demais, para não ter sido verdadeira. Em meu interior, sei que aconteceu — Eu vi minha mãe num sonho, tenho plena convicção — Afirmo sem nem pestanejar.

Luca olha-me surpreso, parece cético, incrédulo.

— Amor — Fala cauteloso, medindo as palavras — Seu cérebro acredita que era sua mãe, não quer dizer que é verdade. Às vezes, a saudade e tristeza causam delírio.

Bufo indignada e argumento.

— Mesmo que ninguém acredite, Luca, sei que foi mamãe que falou comigo. Que no mundo espiritual, há muito mais coisas, que os nossos olhos podem enxergar — E lembro-me de imediato, da senhora que me alertou sobre a gravidez enquanto passeávamos na região de Cinque Terre. Rosita surge na memória — Você se lembra da Rosita? Aquela senhora que nos ajudou a resgatar a Madona? — Luca assenti que sim — Então, ela foi a primeira pessoa a me dizer que estava grávida e esperando uma menina. E o mais impressionante, foi mencionar que podia confiar na minha família que tinha acabado de aparecer. Como ela sabia de tantos detalhes?

Ele parece surpreso, sem argumentos. Pensa e vejo que tenta achar algo concreto, racional.

— Fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos. Só acreditar naquilo que está no meu nariz, não é fé, Luca — Advirto, porque tenho pena das pessoas que não acreditam em nada. Pois cedo ou tarde, irão descobrir que não temos controle da nossa vida. Ninguém está isento das mazelas do destino.

Luca volta a contra-atacar.

— Ela pode ter chutado e deu certo — Insiste em tal teoria descabida.

— Nossa!! Ela deveria jogar na loteria, porque tem um palpite certo — Ironizo.

— Ah, Nina! Vamos dormir, outro dia terminamos esse assunto — Desconversa, para fugir do tema. Bufo, e deixo para lá. Espero que mude de ideia, que entenda que a vida ao redor, é muito maior e complexa que aquilo que podemos ver e tocar.

Capítulo 24

Nina

Acordo cedo e animada. Afinal, agora sou uma mulher noiva e comprometida. Encaro meu anel de ouro, com três pedras de diamante e sorrio feliz, exultante. Nunca imaginei que casaria com meu primeiro amor. Parece até coisa de filme ou livro!

Luca já está de pé e neste exato momento, está no banheiro tomando uma ducha. Apesar do sono e preguiça. Resolvo fazer uma surpresa. Vi na internet que homem adora sexo no banho, então vou lá checar se os relatos são verdadeiros.

Caminho vagorosamente e entro de maneira sorrateira, sem me denunciar. Sorrio, porque Luca está de cabeça baixa, distraído e nem sonha com a minha presença. Pensa que ainda estou dormindo. O vapor está denso, uma cortina. O que facilita passar despercebida.

Aproveito que se encontra de costas para a porta, e entro no box sem fazer barulho. Nesse tomento me aproximo e lhe toco a cintura. Luca dá um pulo de surpresa e bufa assustado.

— Que susto, pequena! Avisa que tá entrando — Me repreende sério. Faço cara de menina travessa e respondo:

— Ué! Você fez a mesma coisa comigo ontem. Achei que não se importaria de receber a mesma cortesia — Luca continua me fitando sem demonstrar nada. Depois sorri de lado.

— Você é uma pestinha, sabia? Tá me saindo mais geniosa que imaginei, mas não tem problema. Eu domo essa onça. Sinaliza rindo e me empurra no box. Fico pressionada, sem escapatória e adorando tal confinamento.

Seus lábios me buscam com vontade, anseio. Deixando um rastro de sedução e sensibilidade onde passa. Recebo leve mordiscadas no pescoço e ombros, e me transformo numa massa de pernas bambas, com o desejo a flor da pele. Quero ser tomada sem rodeios, senti-lo dentro de mim, é uma necessidade que precisa ser satisfeita urgentemente.

— Vem logo — Imploro desavergonhadamente, deixando o orgulho de lado. Na hora do sexo sou submissa e não tenho vergonha.

— Você me deixa louco, pequena! Tô doido para te comer, sentir teu buraquinho latejando, essa carne apertada me sugando — Fala palavras sujas e eróticas, deixando-me a ponto de bala, insana.

— Ah Luca.... — Nem consigo terminar a frase, quando me vira de frente para o box e se gruda nas minhas costas. Sinto o calor da respiração. É intenso e arrebatador. Arfo sem fazer som algum, não tenho forças para nada. Fico curtindo o momento.

— Abre as pernas, não vou te machucar, mas não serei lento — Luca me penetra sem preâmbulos. Mantêm um ritmo continuo e vigoroso, sem parar. Não sinto desconforto, tampouco dor. As únicas sensações são prazer e satisfação. Uma fome que precisa ser alimentada, saciada — Isso, curte cada pedacinho do meu pau. Tô aqui para dar prazer, te amar — hoje ele está falando, cheio de energia. E agradeço aos céus, por me dar um homem assim, que é mais que eu pude imaginar um dia.

— Ah Luca! — Urro de prazer e me quebro em mil pedaços. Como um vulcão em erupção, explodindo para todo lado. Luca me segue, num grunhido rouco, animalesco e do fundo da garganta.

— Que delícia, porra! — Choraminga enquanto goza e termina os últimos movimentos de vai e vem.

Ficamos ofegantes, lutando para nos mantermos em pé.

— Você está bem? — Pergunta preocupado e beijando novamente minhas costas — Tenho tanta gana de te pegar, que me deixo levar.

— Eu tô bem, amor. Vamos fazer um acordo — Lhe encarando de forma carinhosa — Se machucar. Eu prometo que aviso, tá bom?

Ele ri charmosamente e acena positivamente. Tivemos um fim de semana maravilhoso.

— Agora preciso me arrumar, para ir trabalhar. Aliás, tem como passar na minha casa? Não dá para ir trabalhar com a mesma roupa de sexta-feira.

Ao chegar em casa sou recebida por Snop, que corre na minha direção para demonstrar saudade.

— Oi querido! Quase não tenho ficado com você. Desculpe! Prometo que te levo para passear no próximo fim de semana! — Ele balança o rabinho numa alegria verdadeira, autêntica e sem fingimento. Cachorro e criança, sempre demonstram o que sentem, é um sentimento genuíno, de coração.

— Vamos rápido, Nina! Tenho muita coisa para fazer no escritório — Luca adverti. Entro correndo, sem tempo a perder. Tentando montar um look mentalmente, para não errar no visual.

Abro o guarda-roupa e arranco o primeiro vestido de manga que encontro, pego uma meiacalça fio 80. Porque o dia está gelado. Um blazer preto para combinar com o vestido cor de ocre. Visto-me rapidamente, adiciono um maxi colar, brincos pequenos. Uma bota de cano curto preta. E estou pronta para ir.

Ao chegar na sala, Luca está vendo televisão e brincando com Snop. Na verdade, mais brinca com ele, que vê televisão.

— Quando a gente se casar. Quem ficará com o Snop? — Comprimo os lábios pensativa. Não tinha pensado no assunto. Clara, não é das pessoas mais cuidadosas. Sei que ele ficará muito melhor comigo. Mas o cachorro não é só meu, temos que conversar para chegar num denominar comum — Eu gostaria de ficar com ele, mas preciso conversar com a minha irmã antes.

— E a Madona e o Roliço?

— O que tem eles? — Pergunto, não entendendo onde Luca quer chegar.

— Será que eles vão se adaptar? — Questiona preocupado.

— Os dois são animais sofridos, foram maltratados. Talvez fiquem desconfiados no início, com ciúmes. Mas depois vai passar. Só ficará um pouco apertado lá no seu apartamento — Sinalizo o que Luca já sabe. Teremos problemas com espaço. Seu apartamento é ótimo para um casal! Agora que a família aumentará, o lugar ficará bem tumultuado.

— Então, sobre o quesito apertado. Entrei em contato com uma corretora, e pensei em olharmos algumas casas. Quero que a Manuela e os cachorros tenham espaço para brincar. O que

acha? — Eu já estava querendo procurar um lugar maior. E agradei a iniciativa de tomar a frente e procurar por um lar.

— Acho ótimo e agradeço que tenha se adiantado para procurar uma corretora. E quando marcou para fazermos visitas?

— Não marquei nada ainda. Quero saber sua agenda?

— Amanhã tenho consulta com a Dra. Lilian. Podemos ir na quinta ou sexta. Ou sei lá, se estiver com muito serviço, marcamos para o sábado.

— Sexta-feira está ótimo, vou ligar para agendar.

Seguimos direto para empresa e Luca me deixa na porta do prédio. Aliás, me deixou no hall do edifício. Antes de sair, pedi algo inusitado.

— Ao chegar no escritório, veja se Lorenzo está disponível. Quero me desculpar! — Anuncia de forma calma e tranquila. E sorrio feliz, sabendo que estava se esforçando para mudar.

— Vou verificar, e se ele estiver livre. Te ligo e passo a ligação.

Nos despedimos com beijos carinhosos e carícias. E subo para meu andar, caminhando como em nuvens. No caminho desvio para a sala de Lorenzo. A mal-humorada da secretária, estava lá, com a mesma cara de sempre. Parecia estar com um espeto enfiado na bunda constantemente. Não liguei e nem lhe dei confiança.

— Bom dia! — Falo com frieza, pois é nítido que não gosta de mim. Não ficarei sorrindo para quem não merece. Lhe tratarei, com a mesma recíproca.

— Bom dia! — Responde comprimindo os lábios em desagrado.

— O Lorenzo chegou? — Pergunto com o mesmo tom de voz.

— Sim, mas está ocupado no momento — Responde com petulância e não aguento. Quem essa garota pensa que é? Sou sócia dessa bodega, ou seja, sua chefe também. Essa criatura não está entendendo com quem está falando.

— Eu não perguntei se ele está ocupado ou não! — Retruco num tom de voz duro e enfático — Para mim, que sou sócia dessa empresa, Lorenzo sempre estará disponível.

Diana arregala os olhos e percebe que foi longe demais. Tenta remediar.

— Eu não quis dizer que não ia recebê-la, é que... — A corto sem dar chance de continuar.

— Suas atitudes não me agradam em nada, Diana. Nunca se esqueça que também mando aqui — Deixo bem claro minha autoridade. E ela percebe que falou demais, e apenas assenti com o rosto aterrorizado.

Caminho de forma elegante e não olho para trás. Só sinto seus olhos de raiva queimando minhas costas.

Capítulo 25

Nina

Entro e encontro Lorenzo ao telefone, parece aborrecido, chateado. Ao me ver balança a mão, num pedido silencioso para sentar-me. Procuro ser discreta e não atrapalhar, seria falta de educação interromper a ligação. Mesmo não querendo, fico a par do assunto. Discute com um dos fornecedores, ainda bem que não é nada pessoal. Ficaria totalmente sem graça, em escutar assuntos pessoais. Com certeza, voltaria mais tarde.

Demora cerca de 10 minutos, num embate sangrento com uma companhia aérea que não embarcou uma carga urgente. Desliga o aparelho de maneira brusca, está fervendo de raiva.

— Não embarcaram a carga para Madri? — Pergunto preocupada, porque sei que o material da Shinzo, precisa chegar a tempo para uma feira do setor de moda.

— Não, você acredita? — Bufa puto e bate na mesa. Nunca vi Lorenzo tão bravo. No geral é um cara tranquilo, sereno. Mas as aparências enganam e pelo jeito é bem mais esquentado que imaginei.

— Exigi que fosse no próximo voo, ou não trabalharemos mais com eles. É um absurdo!! — Reclama indignado e possesso.

— E chegará a tempo para a feira de moda? — Pergunto temendo pela resposta.

— Por milagre, estamos mandando esse lote com antecedência, chegará cinco dias antes. Mas mesmo assim, será corrido para entregar aos fornecedores. Teremos que ficar em cima do pessoal de distribuição, para nada mais sair do controle — Sinaliza insatisfeito e ainda aborrecido.

— Fique tranquilo!! Ficarei de olho nesse assunto — Tento tranquilizá-lo para amenizar o clima tenso.

— Obrigado, Nina! Precisarei de um help sem dúvida — Fala sorrindo e logo muda de assunto — Mas em que posso ajudar? — Pergunta solícito.

— Tenho dois assuntos e acredito que sejam de certa forma chatinhos — Anuncio sem graça e dou de ombros.

Lorenzo me olha sério e comprime os lábios pensativos.

— Pode falar — Responde de maneira direta. Gosto dele, porque é homem que não tolera rodeios, é como eu.

— O primeiro assunto, é Diana e seu comportamento. E o segundo é sobre o modo como Luca te tratou — Explano a situação — Qual você quer escutar primeiro?

Ele ri num gesto de tanto faz, e resolvo abordar sobre a secretária.

— Diana tem tido um comportado inadequado e não é de hoje. E pior, deixou que Gina entrasse sem me avisar. Agora mesmo, tentou barrar minha entrada e sempre que peço algo, não faz direito, tampouco prioriza as urgências. Vou solicitar ao RH que contrate outra pessoa, está insustentável o convívio. Não sei o que acontece, nunca fiz nada para esta criatura. Simplesmente

não vai com a minha cara!

Lorenzo se remexe desconfortável e pressinto que há algo por trás.

— Eu... — Ele parece envergonhado, mas depois desanda em falar — Eu ando tendo um rolo com ela, e acho que Diana levou isso sério demais.

Bingo! Eu já imaginava, penso rindo. Ela se sentiu ameaçada e me atacou como pode.

— Ela está com ciúmes? — Pergunto para Lorenzo.

— Com certeza! — Ele responde sem hesitar.

— Eu não tenho nada com a sua vida, Lorenzo. Você pode sair com quem quiser, inclusive com as funcionárias. Mas Diana, vem me desrespeitando há algum tempo. Peço que a chame e lhe ponha em seu devido lugar. Ou vou exigir que seja mandada embora — Sou enfática, não sorrio ou brinco enquanto falo. Quero que veja, que não admitirei ser desrespeitada em minha empresa.

— Eu farei isso ainda hoje, Nina. E desculpe o transtorno. De certa forma, isso é culpa minha. O fato de estarmos saindo, lhe deu a sensação que nunca será dispensada, que tem segurança para fazer o que bem entende.

— Não é sua culpa, não! — Dou minha opinião sincera — Ela deveria saber seu lugar de funcionária. Ter discernimento que sou sócia e uma das donas. Que não deve bater de frente comigo. Entendo que tenha ciúmes. Mas nunca viu nada de mais entre nós, simplesmente achou e resolveu atacar.

— Você tem razão. Mas prometo que resolverei isso hoje — Enfatiza cheio de certeza.

— Ok, confio em você! Mas vamos ao assunto dois. Agora é minha vez de pedir desculpas — Explano a situação — Luca se comportou muito mal, mas felizmente reconheceu o erro. Ele quer te ligar para se desculpar formalmente. Tem algum problema?

Lorenzo nega com a cabeça.

— Não é necessário, Nina. Imagina! Eu entendo o receio dele. Diga que não tenho ressentimentos, que já passei uma borracha — Responde calmamente, mostrando ser o cara bacana e de bom coração que conheci.

— Bom! Então estamos entendidos — Digo sorrindo, feliz que entramos num consenso — Ah! Vamos almoçar hoje? É por minha conta — Aguardo sua resposta.

— Vamos sim. Só me interfone, porque ando meio desligado.

— Pode deixar. Meio-dia em ponto, te ligo — Mas antes de me despedir, ele me pede um favor.

— Pedi para Diana, vir aqui. Vou resolver isso agora — Lhe aceno um adeus e saio com grande satisfação estampada em meu rosto. Vou adorar que está abusada tome uma bordoadada.

— Diana! — Lhe chamo com autoridade. Ela me olha arredia, assustada — O Lorenzo quer falar com você — Por alguns segundos a encaro e dou um sorriso maléfico. Como quem diz, se prepare que a batata vai assar. Ela parece entender o recado e vejo que engole seco. Saio caminhando calmamente, sem nem olhar para trás. Dona de mim.

A manhã passa voando. O estômago ronca alto. Graças à Deus estou sozinha. Olho no canto

direito do computador e vejo que são 12:10. Por isso a fome está apertando desse jeito.

Ligo no ramal de Lorenzo.

— Oi — Ele atende — Já está na hora do almoço? — Pergunta incrédulo.

— São 12:10 — Digo — Vamos?

— Pode esperar 5 minutos? Preciso enviar um e-mail urgente — Avisa.

— Sem problemas, passa aqui — E fico mexendo no computador, entro num site de notícias do mundo. Vejo várias coisas interessantes sobre Estados Unidos, União Europeia e a saída da Inglaterra do bloco, entre outros assuntos importantes. Mas algo me chama a atenção. Um documentário sobre a guerra na Síria. Não entendo muito sobre este assunto, mas tenho pena dessas pessoas. O fato de serem obrigados a fugir do seu país, somente com alguns poucos pertences, deve ser a coisa mais difícil a se fazer. Nem posso imaginar como se sentem. Mas Lorenzo aparece na porta e seguimos para almoçar.

— Então, onde vamos almoçar? — Ele pergunta, enquanto descemos o elevador.

— Tem um restaurante novo aqui perto, cerca de duas quadras. É comida turca, topa? — Pergunto animada, já saboreando mentalmente a deliciosa culinária da Turquia.

— Eu nunca comi nada daquele país. A comida é boa?

Sorrio, lembrando da viagem que fiz com minha vó e Kira. E das delícias que tive oportunidade de comer.

— Humm!! Só de lembrar fico com água na boca — Comento sorrindo como uma boba e torcendo para que aceite.

— Não vou negar nada para uma grávida — Dá seu veredito final e comemoro.

— Eba! Vou me aproveitar da situação — Falo brincando.

E seguimos andando sem pressa. Apesar do horário, o restaurante ainda não está lotado, tem várias mesas vagas. É bonito, bem decorado. Nada chique, mas tudo de bom gosto e charmoso. Uma moça vem nos atender, deve ter por volta de 25 anos e nos recebe de maneira simpática, alegre. Confesso que é até difícil ver gente tão bem-humorada assim, coisa rara.

— Boa tarde! — Ela nos cumprimenta, e percebe-se o leve sotaque estrangeiro — Esse é o cardápio e meu nome é Samia, irei atendê-los — Avisa-nos cordialmente.

— Obrigada, Samia! — Respondo — O que nos indica? — Peço uma ajudinha para saborear o prato mais popular.

— Geralmente os clientes pedem “Kofte”, que é uma carne no estilo da almôndega, que pode ser bovina ou de carneiro, com arroz e salada. Ou “Shish Kebab”, que é o famoso espeto, com os mesmos acompanhamentos do prato anterior — Descreve os mais pedidos.

— Vou querer o “Kofte” — Respondo — E você Lorenzo?

Ele pensa um pouco e pedi o “Kebab”.

— E o que você tem de tradicional para beber sem álcool?

— Chá preto e suco de Romã — Samia anuncia sem hesitar.

Eu e Lorenzo respondemos ao mesmo tempo — Suco de Romã — E a moça sai para buscar

os pedidos.

— Ela tem sotaque de estrangeira — Comento com Lorenzo — Mas é engraçado, porque não parece com a maioria dos mulçumanos.

— Ela parece sim, mas é uma versão mais bonita e de traços delicados, com uma beleza exótica — A descreve com uma destreza impressionante. Dou risada e não perco de lhe tirar uma onda — Caramba! Viu tudo isso em poucos minutos. Homens, não lhes escapam nada!!

Lorenzo dá uma gargalhada e desabafa.

— A garota é linda! E não sou cego — Dá de ombros, numa justificativa despreocupada.

— Concordo! Ela é bonita e uma simpatia. Se a comida for boa, digo com propriedade que ganharam novos clientes.

Nossos pratos chegaram rápido. E Samia os entregou conforme pedimos. O cheiro que levantou era maravilhoso e fez meu estômago se manifestar desavergonhadamente.

Comemos em silêncio, porque estava tão bom, que não havia tempo de falar. A fome era maior.

— Meu Deus, que comida boa! — Exclamo surpresa e quase saciada.

Ele ri e concorda:

— Não dei nada, confesso. Achei que seria um prato comum, como tantos que já comi por aí. Mas este, estava delicioso. Bem temperado e a carne no ponto — Lorenzo elogia e avisa que ainda tem espaço para sobremesa.

— Eu topo, preciso comer um docinho — Sou ré assumida que adoro uma besteira, principalmente açúcar.

— Vamos chamar, Samia e olhar o cardápio — Lorenzo sugere.

A garota passa pela mesa e percebo que está de cabeça baixa. Parece tentar esconder os olhos. Chamo-a e ela vem logo em seguida. Os olhos estão vermelhos e levemente inchados. Ela sorri e tenta disfarçar que andou chorando. Mas não consigo ver ninguém triste ou sofrendo. É mais forte que eu, sou assim e sempre serei. Sou incapaz de ignorar as dores do próximo, sem tentar auxiliar de alguma forma.

— Está tudo bem, Samia? Será que posso ajudar? — Nessa hora, Lorenzo que parecia não ter percebido nada. Gruda seus olhos na garota e a olha preocupado.

— Não é nada, senhora! Foi só um cisco que entrou no olho — Responde forçando um sorriso, que se percebe não ser autêntico. Na verdade, luta para segurar as lágrimas.

— Sei que não me conhece, mas tem certeza que não posso ajudar? — Reforço com sinceridade. Não sei explicar porque, e nem de onde veio isso. Mas algo dentro de mim, diz que Samia implora por socorro e ninguém a enxerga.

Ela pensa por alguns segundos, parece relutante, com medo.

— Sou refugiada da Síria, da cidade de Aleppo para ser específica. Em 2014 meus pais e meu irmão caçula foram assassinados pelo Estado Islâmico, e minha irmã do meio foi sequestrada e vendida como escrava. Por um ano, me escondi e vaguei pelo que sobrou da cidade, tentando encontrá-la. E quando percebi que não a acharia dessa forma, dei um jeito de chegar na fronteira

com a Itália e permaneci, até conseguir asilo. Venho trabalhando em dois empregos, juntando dinheiro para tentar encontrá-la. Mas nada! Os caras que me ajudam, só pedem mais dinheiro e não tenho nenhuma pista, nem algo concreto. Estou desesperada! Meus recursos já se esgotaram. Mas não posso deixar de procurá-la, minha irmã é tudo que tenho nessa vida. Perdi contato com todos meus parentes tios, tias. Não sei se escaparam também — Fala num lamento sincero, de quem sente dores na alma e parece a ponto de se quebrar. Vejo-me em Samia, na época que fiquei só e sem família. Sua dor me deixa com as entranhas congeladas. Não consigo mensurar o desespero de não saber se a irmã está viva, ou bem. Se me tirassem, Clara, tenho certeza que mergulharia num desespero sem fim, permaneceria numa escuridão sem fundo. Lamento profundamente por aquela garota tão jovem e ingênua.

Lorenzo está petrificado, olhando-a com pesar, tristeza e algo mais que não sei identificar. Parece ter ficado tão mexido quanto eu, ou até mais. Abaixa a cabeça e tenta disfarçar, mas os olhos ficaram marejados, mediante uma tragédia tão grande.

Ele levanta a cabeça, e vejo que vesti uma máscara de homem forte, que não se abala com nada e surpreende-me totalmente.

— Você aceita minha ajuda para encontrar sua irmã? — Pergunta com a voz calma, tranquila. Sem hesitar.

Samia arregala os olhos e mostra-se desconfiada. Com certeza, não acredita em ninguém com facilidade. Sabe Deus o que já passou até aqui!

— Obrigada! Não se incomodem comigo. Vou conseguir me virar sozinha — Responde de maneira educada. Rejeitando qualquer proximidade de estranhos — Com licença, já volto — Dá um jeito de fugir e outra garçonete nos atende.

— Lorenzo! Eu ia me oferecer para ajudar. Não precisa fazer isso — Digo. Mas não sei porque, ele teima e encerra o assunto.

— Não, Nina! Eu vou ajudá-la. Você daqui a pouco estará com sua filha, com a cabeça cheia. Deixe que faço isso — Acho estranho seu interesse na causa da garota. Mas aceito o argumento com certo receio.

Espero que Lorenzo, não esteja com as intenções erradas. Pois se tiver, se verá comigo!

Capítulo 26

Lorenzo

Não quero ir embora do restaurante, sem antes conseguir mais informações sobre Samia. Não faço ideia onde mora, ou os lugares que costuma frequentar em seus dias de folga. Minha única chance é descobrir qualquer coisa, com alguém que trabalhe com ela.

A outra garçonete nos traz a conta. Nina paga conforme prometido e se levanta para ir embora.

— Me espera lá na frente que vou ao banheiro — Aviso Nina, que acena de maneira positiva.

Sigo atrás do meu alvo e logo o encontro, o único garçom do restaurante. O abordo discretamente.

— Quer ganhar 50 euros por uma informação? — Pergunto sem rodeios. Ele me encara desconfiado e dá de ombros, como quem diz “Faça a pergunta”.

— Qual o horário de saída da Samia? — Ele ri maliciosamente e retruca:

— Tá de olho nela também? — Revela, sem se preocupar com nada.

— Quem tá de olho nela? — Não sei porque, questiono com certa irritação, levemente incomodado.

— O dono daqui, o senhor Ahmed. Fica atrás dela desde a abertura do estabelecimento. Samia não lhe dá audiência, mas isso parece deixá-lo mais determinado.

Comprimo os lábios num desagrado explícito. O safado deve vê-la como alvo fácil, transa garantida e fica investindo. Aguardando uma brecha ou tentando criar uma.

— Qual o horário de saída? — Volto ao assunto principal e procuro esquecer aquilo que não me diz respeito.

— Saímos às 17 horas — Anuncia e estende a mão, aguardando o tão esperado prêmio.

Pego a carteira e lhe ofereço a nota conforme prometido, mas antes faço outra pergunta.

— Uma última pergunta — Ele ri novamente e levanta a sobrancelha.

— Sabe onde ela mora?

— Não sei onde é! Mas por outra nota dessa, posso descobrir — Encaro o rapaz ambicioso e sorrio também.

— Ok, a gente se fala em breve — E sigo para porta, afim de ir embora com a Nina.

No caminho para o escritório estou calado, pensativo.

— Como vai convencê-la a aceitar sua ajuda? — Nina que não é boba, percebe minha inquietação.

— Ainda não sei, mas darei um jeito — Sorrio simpaticamente, sem revelar nada que me comprometa. Ocultando, o fato de ter ficado mexido com Samia.

— O que você quer, Lorenzo? — Nina parece ler minha mente. Pressente que gostei da

garota, desde de que botei os olhos nela.

— Como assim? Vou ajudá-la a encontrar a irmã. O que mais poderia ser? — Faço-me de desentendido. Doido para que acredite e dê o assunto por encerrado.

Mas ela me surpreende, se mostrando sagaz e astuta. Totalmente diferente da garota ingênua e frágil, que pensei que fosse.

— O santo Lorenzo, não tem nenhuma intenção oculta ou que não seja nobre? — Pergunta com um leve sarcasmo — Pode falar, não sou santa e não vou te julgar.

Dou uma gargalhada, mas prefiro manter a descrição. Nem eu sei o que quero de Samia. Na verdade, ainda não quero pensar nos meus motivos. Prefiro deixá-los de lado, sem uma definição maior.

— Já te falei — Teimo em dar a mesma explicação anterior — Tenho recursos para ajudar. Conheço figurões ligados ao governo, que podem mexer os pauzinhos e conseguir informações importantes.

Nina, continua me encarando, como se a explicação não tivesse colado. Depois dá de ombros e seguimos falando sobre coisas sem importância. Mas ao chegarmos ao nosso andar e antes de cada um partir para seu lado. Foi enfática e direta.

— Não bagunce com aquela moça! Samia não precisa de mais um para lhe magoar — Suas palavras me atingem em cheio, fazendo-me compreender que não devo me aproximar mais que o necessário. É uma garota sofrida, machucada pelas mazelas do destino. Não devo ser mais uma pedra em seu caminho.

Olho para Nina, e respondo com toda sinceridade e honestidade que encontro.

— Fique tranquila! Não vou magoá-la, prometo! — Nos fitamos sem hesitar e depois ela se retira com um aceno de cabeça.

Respiro fundo e caminho pelo corredor. Nunca imaginei, que levaria uma reprimenda de uma menina bem mais nova. Mas mereci, não vou reclamar.

Sento-me e começo a resolver uns assuntos pendentes. Cobro o setor financeiro, referente a uns recebidos que estão em aberto desse mês. Olho para o calendário e vejo que falta poucos dias para o natal. Exatamente dez dias. Sorrio e penso nessa comemoração tão importante. Uma época em que ficamos juntos da família, daqueles que amamos e queremos bem. E sem que perceba, ou me dê conta, penso em Samia sozinha, sem ninguém para comemorar ou celebrar este dia tão importante. Muito pelo contrário, só terá tempo para amargar suas perdas e decepções. Uma dor cortante me varre de cima abaixo. Sou tão afortunado por ter nascido num país pacífico e livre, por ter pais e familiares que sempre zelaram por meu bem-estar. Não consigo imaginar, não ter ninguém, nenhuma pessoa para me conectar. Deve ser horrível e triste. E sinto-me mais compelido e impulsionado a ajudar aquela menina.

Mesmo que não queira e lute contra.

Às 16:40 desligo o computador e sigo para o subsolo. Tenho um destino em mente, uma tarefa a ser resolvida. Encosto na frente do restaurante, faltando cinco minutos para às 17:00. Aguardo ansioso, com o coração a mil. Ainda não sei o que irei falar, nem qual estratégia tomarei. Fui despreparado, sem um plano em mente.

Desço do carro e aguardo encostado na porta. Ela aparece andando rápido pela calçada, não

percebe minha presença, está distraída, avoada. De longe posso vê-la por completo, contemplar todos os detalhes. Os cabelos longos, pretos e esvoaçantes, balançam sem parar, sacudidos de um lado a outro pelo vento. É linda, sensual! O corpo é perfeito! Magra com curvas nos lugares certos, voluptuosa. A bunda é redonda e empinada, os seios redondos e firmes, o suficiente para enlouquecer qualquer homem. Fico lá, babando como um tolo e depois de uns segundos desperto de minha hipnose e atravesso a rua correndo.

— Oi, Samia! — Digo esbaforido, tentando acalmar a respiração do trote rápido.

Ela estaca no lugar, olha para os lados desconfiada, como se esperasse por alguma surpresa ruim.

— O que está fazendo aqui? — Questiona sem hesitar, parece arredia, irritada.

— Será que podemos tomar um café, tomar um lanche aqui perto?

Samia olha-me surpresa, os lábios se separam levemente. Vejo a luta interior, a vontade de negar salta pelos olhos.

— Eu acho que não é uma boa.... — Lhe interrompo antes de negar. Uma ideia me surge a cabeça, talvez seja a única maneira de me aproximar, de quebrar suas barreiras.

— Antes de negar, vamos conversar. Tenho uma proposta de trabalho muito boa, ótimo salário, mais benéficos. E com certeza, irá te ajudar a custear a busca por sua irmã.

Ao mencionar isso ganho sua atenção, fica pensativa, compenetrada.

— Mas onde eu vou trabalhar? Não vou me prostituir, já te aviso — Anuncia decidida, com a cabeça erguida.

Preocupa-me o que me diz, com certeza foi aliciada por algum maldito mal-intencionado.

— Não é nada disso, Samia!! — Falo tentando lhe transmitir sinceridade, honestidade. Não posso nem ficar bravo com a desconfiança — Vou te oferecer uma vaga na empresa da minha família. Trabalhará de segunda à sexta-feira, em horário comercial. Aprenderá coisas novas, com oportunidade de crescer profissionalmente.

Ela ainda parece não acreditar, sua expressão corporal demonstra incredulidade.

— Vamos num café aqui perto, sentar e conversar sem compromisso. Pode ser? O máximo que pode acontecer é você negar — Falo com a voz calma, demonstrando seriedade.

Samia me encara e depois responde que sim.

— Meu carro está ali do outro lado, vem — Chamo-a e lhe mostro onde entrar.

Mesmo arredia, arisca, faz o que mando e entra no veículo. Sigo até uma confeitaria a cerca de 20 minutos dali. E agradeço aos céus, por ter ganhado essa primeira batalha. Mas prevendo que terei uma guerra pela frente, para ganhar a confiança de Samia.

Capítulo 27

Lorenzo

Samia se remexe desconfortável, sinto que está incomodada, desconfiada. Coloco uma música para amenizar o clima, quebrar o gelo. Quero deixá-la relaxada e confiante, assim se abrirá, e dirá o que sente. Farei de tudo para lhe propiciar segurança.

Prometo mentalmente.

— Tudo bem deixar nessa música? — Pergunto com gentileza.

Ela acena a cabeça discretamente, quase de maneira imperceptível e volta a olhar para fora.

Enquanto o veículo corta o trânsito do fim de tarde, fica um silêncio confortável entre nós. Cada um parece estar em sua própria dimensão, longe dali. Porém, as aparências enganam e comigo é diferente. Estou ligado nela, conectado com sua linguagem corporal. Enquanto estou ao volante, me pergunto porque fiquei impressionado com essa garota. O que Samia tem, que me deixa com vontade de ficar próximo? É como se o desejo me corroesse de dentro para fora, me tirasse a opção de ter vontade própria. Nesse exato momento, travo uma verdadeira luta para não ter pensamentos inadequados, vê-la pelo prisma da solidariedade. Mas é quase impossível sentir apenas isso! Samia mexe em algo profundamente erótico e sexual. O simples fato de estar sentada ao meu lado, sem fazer nada e nem me dirigir a palavra, deixa-me excitado, duro e com vontade de lhe pegar com vontade. Luto para mudar o rumo das fantasias. Penso em vovó Gemma, assim bloqueio as ideias sujas e sexuais.

— Por quê? — Pergunta decidida.

— Não entendi — Respondo, lhe encarando de lado, sem tirar a mão do volante.

— Por que está ajudando uma desconhecida? Nunca me viu na vida, nem sei seu nome. Você é rico e eu sou uma pobretona estrangeira, que mal tem dinheiro para pagar o aluguel e se sustentar.

Ela desanda a falar nervosamente, mas ao mesmo tempo, parece curiosa. Necessitada de saber o motivo daquilo.

— Não tenho muitas respostas, Samia. A única coisa que posso te dizer, é que algo está me compelindo a te ajudar. Não sei se é Deus, o destino ou qualquer outra coisa. É uma força que me empurra para você, que mostra que devo estar por perto. Consegue entender? É mais forte que eu — Digo com uma sinceridade que nunca senti antes, um sentimento forte e arraigado, que é impossível descrever — Sei que não acredita, que tem certeza que sou um mentiroso tentando tirar proveito. Mas com o tempo, vou provar que é verdade. Mas primeiramente, saiba que não me deve nada. Estou fazendo isso de coração, sem esperar nada em troca. E tenho fé que em breve teremos notícias da sua irmã.

Enquanto falo, Samia arregala os olhos, parece desconcertada, sem chão. Mas tenta ocultar as emoções, esconder os sentimentos. Porém, por breves segundos a vejo como é. Frágil e inocente. No fundo, ela grita por socorro, clama por um auxílio e nada me passa despercebido.

— É, você tem razão, eu não acredito!! — Responde séria, com o rosto inexpressivo — Mas

na situação em que estou, outro emprego cairia bem. Me ajudaria a custear as buscas por Aisha — Qual seria a função? — Interpela sem expectativa. Finge desinteresse, mas vejo que é uma máscara, uma armadura para se esconder.

— Você seria secretária da Nina, aquela moça que estava comigo no restaurante — Explico — O serviço não é difícil, basta dedicação, atenção e comprometimento. E como eu disse, trabalhará de segunda à sexta-feira, e terá os fins de semana livre.

Mostro as vantagens de trabalhar na empresa, torno a proposta atraente para que não pense em recusar.

— Tenho um bom conhecimento de informática e falo inglês num nível intermediário quase fluente. Será que ajuda? — Pergunta concentrada em meu rosto.

— Claro que ajuda!! Todo conhecimento a mais, será bem-vindo — Respondo sorrindo. Mal ela sabe, que falar inglês era imprescindível. Recebemos e fazemos ligações para diversos países. Samia, não conseguiria se comunicar sem tal conhecimento — Mas antes de tudo, me chamo Lorenzo. Já que trabalharemos juntos, nada mais justo que saber o nome do seu empregador.

Samia sorri, mostrando lindas covinhas e meu coração acelera de desejo.

Respiro aliviado e trato de fazer comentários sobre a empresa, para deixá-la mais à vontade e confiante.

Chegamos na confeitaria, Samia olha tudo com curiosidade. Mas por incrível que pareça, não se mostra intimidada ou amedrontada. Muito pelo contrário, sabe se comportar, desempenha bem seu papel ao me acompanhar. Percebo, que talvez tenha tido uma boa educação enquanto morava com os pais. Que os familiares fossem de classe média, pessoas bem com cultura.

— Como era sua vida antes da guerra?

Ela ri triste, com amargor no olhar e uma pitada de dor.

— Aleppo era é uma cidade normal, como aqui em Roma. Eu tinha uma vida comum para uma garota de 18 anos mulçumana. Claro! — Dá de ombros timidamente e seu semblante de saudade é encantador — Meu pai era professor universitário e mamãe dona de casa e cuidava dos três filhos. Quando tudo aconteceu, eu estava no primeiro ano da faculdade de direito, queria ser advogada. Era só uma menina boba, sonhando com um futuro cheio de conquistas — Sua expressão volta a ficar carregada, nebulosa, sofrida — Metade do bairro que morávamos já estava destruído, papai havia decidido que iríamos embora. E uma noite, nossa casa foi invadida por rebeldes contra o governo. Queriam recrutar meu pai e irmão. Mas ao recusar sua oferta, assinou a sentença de morte. Os dois foram mortos na frente de todas nós. Minha mãe lutou com o agressor e foi alvejada em seguida, mas antes de desabar morta, gritou para que fugíssemos. Escapei por um triz, fiquei escondida, aguardando por Aisha. Mas ela não teve a mesma sorte, depois de uns minutos, vi o grupo saindo com ela como refém. E aquela foi a última vez que a vi.

As lágrimas grossas e pesadas, mancham sua linda pele levemente bronzada. Samia, abaixa a cabeça, luta para esconder a fraqueza e fragilidade. Meu coração dói por tanto sofrimento. Seus olhos apáticos denunciavam que está menina, viu sofrimento demais para um ser humano aguentar. Não suporto tanto desespero e seguro sua mão, numa tentativa vã de dizer que tudo ficará bem, que nada de ruim lhe acontecerá novamente. Por um tempo ela aceita o consolo, me deixa tocar em sua mão quente, de pele sedosa. O contato me faz sentir coisas que já imaginava. Que sinto um forte desejo físico por ela, uma fissura pra lá de racional.

Samia puxa as mãos rapidamente e se recompõe, numa tentativa tola de mostrar que está bem e não precisa de piedade.

— Sinto muito por sua família, Samia. Ninguém deveria passar por isso — Constatato com sinceridade.

— Obrigada, Lorenzo. Mas está tudo bem! Estou aprendendo a lidar com minhas perdas — Fala engolindo a saliva com dificuldade, num leve tremor de lábios. Que após o choro, parecem ainda mais lindos e apetitosos — E quando posso começar? — Pergunta ansiosa, querendo mudar o rumo da conversa.

— Quando quiser. Você precisa de uns dias para finalizar seu contrato com os outros empregos?

— Sim, posso começar segunda-feira?

— Pode sim! Me dê seu telefone, porque o Recursos Humanos irá ligar e passar a lista de documentos necessários. Você tá legalizada aqui na Itália, não é? — Tenho até medo da resposta, mas para minha felicidade, ela diz que sim — então até semana que vem — Anuncio.

— Até segunda e obrigada pela oportunidade, prometo que farei de tudo para ser uma ótima funcionária.

— Eu tenho certeza que sim! Mas vou te dar uma carona, não me custa nada — Aproveitarei a oportunidade para saber onde mora.

— Eu trabalho aqui perto, num fast-food há três quadras. Vou andando, não se incomode — Acena um adeus com a mão e sai caminhando graciosamente. Fico ali, como um tolo, admirando sua beleza e graciosidade.

Samia é diferente de qualquer mulher que conheci e isso me inquieta e agita, como se acabasse de entrar numa nova fase da vida. Mas não é algo ruim, muito pelo contrário. Conquistá-la será um jogo que farei de tudo para não perder.

Capítulo 28

Lorenzo

Retorno para casa, pensando naquela garota que me inquieta e mexe por demais comigo. Sua beleza exótica, a alegria genuína, o jeito tímido e sexy. Tudo é diferente, mas não de uma forma ruim. Pensando em cada palavra que disse, lembro-me de algo muito importante. Ela é mulçumana. Como vou lidar com isso? Será que é religiosa ou pode beijar na boca antes de casar? Ou pior, ter sexo?

Putz! Onde fui me meter. Divago agitado, pensativo, sem saber como agir.

Moro com meus pais ainda e vou direto para o quarto de papai, onde se recupera do acidente de uns dias atrás.

— Olá, boa noite! — Cumprimento meus pais. Dona Ana se levanta sorrindo e me abraça.

— Boa noite, filho! Como foi o dia? — Pergunta com voz a terna de sempre.

— Foi tudo bem — Respondo sorrindo e lhe dou um beijo no rosto — E aí, como está se sentindo hoje? — Vou até junto a sua cama e faço o mesmo. Papai é um cara mais turrão, fechado e nada simpático. A empresa quase foi a derrocada, por sua teimosia e falta de empreendedorismo. Graças a Deus, que Kira surgiu e nos fez uma proposta imperdível. Hoje a empresa parece ter deixado os dias tenebrosos para trás.

— Estou cansado de ficar nesse quarto. Filho, diga para Ana que já estou bem e cheio de saúde para trabalhar — Gargalho com o comentário e balanço a cabeça não acreditando no gênio difícil.

— Pai, o senhor teve um acidente sério, ficou em coma por uns dias e quebrou uma perna. Por favor, entenda que precisa se recuperar, seguir as instruções do médico. Nada de esforço! Lembra?

Ele comprime os lábios num ato de desagrado e retruca:

— Mas não farei esforço, eu ficarei sentado o dia todo. Prometo!! — Atesta como um menino que promete a mãe, não aprontar nunca mais. Dona Ana também ri, mas não acredita em nada.

— Hum... sei — Ela fala e acaba com sua alegria momentânea — Pode esquecer, querido. O médico disse que é necessário repouso.

— Estou vendo que vocês estão juntos nessa — Murmura bravo e muda de assunto — Como está indo o novo departamento e Nina?

— Está tudo correndo conforme o esperado, tem um problema ou outro, mas você sabe que faz parte. E Nina pegou o serviço rapidamente, é uma garota esperta, tem foco, garra. Não tive contratempos para lhe passar o andamento das coisas.

— Eu ainda tenho um pé atrás com essa menina, parece que a tia a colocou ali para nos espionar — Anuncia de maneira rabugenta como sempre. Seu Gildo às vezes tem mania de perseguição, acha que o mundo é um campo de batalha com diversos inimigos.

— Pai, não viaja! A Nina, nem sabe o trabalho direito, ainda está apendendo, não reclama de

nada, acata ordens. É um absurdo o que está dizendo. Olha, vou relevar porque está se recuperando — Finalizo a conversa e saíu aborrecido.

— Lorenzo! Espera filho!! — Não lhe dou chance e vou direto para o quarto. Estou cansado e doido por um banho.

Enquanto vou tirando a gravata e blusa social, mamãe entra e tenta apaziguar a conversa calorosa.

— Não ligue para o que ele diz, você sabe que ele é rabugento e cheio de manias — Põe panos quentes.

— Ele tem sempre a mania de julgar as pessoas, sem nem mesmo conhecê-las, detesto isso! — Enfatizo meu desagrado.

— Eu sei, meu bem! Eu também não gosto. Mas lembre-se, nós estamos na vida dele, para lhe suavizar o lado ranzinza. Graças a Deus, que você puxou a mim — Pontua e pisca sorrindo.

— Eu agradeço de coração a natureza — Os dois riem de forma cúmplice e ela se vira para perguntar.

— Vamos jantar? Assim conversamos melhor.

— Vou tomar um banho e já desço — Ela desce e fico sozinho, me pego sonhando com aquela menina com corpo pecaminoso. Ah Deus, não sou de ferro!

Ao descer a escada, sinto o cheiro bom de comida caseira, molho fresco bem temperado e o estômago dá sinal de vida.

— Opa que cheiro bom, desse jeito vou engordar — Reclamo, mas ela sabe que não falo sério.

Enquanto jantamos só nós dois, ficamos em silêncio, curtindo a comida deliciosa feita por Inês, a cozinheira da família.

— Está tudo bem mesmo? — Mamãe pergunta, conhece-me como a palma da mão.

— Está sim, é que... — Hesito, não sei se devo contar sobre Samia. Mas resolvo falar, porque sempre tivemos uma relação amigável, transparente. Ao contrário dos meus amigos, ela sempre soube da minha vida íntima com as garotas. A primeira transa, quando tive relacionamentos sérios. Nunca senti vergonha de contar.

— Conheci uma garota hoje, mas ela é diferente das outras — Falo sem saber como contar sua história trágica.

— Diferente como? Ela tem alguma deficiência? — Pergunta curiosa, mas não vejo nenhum tipo de recriminação.

— Não é isso! — Adianto — Ela diferente de outro jeito — hesito, mas deixo de besteira, e lhe conto logo — Ela é refugiada da Síria — Espero por uma reprimenda, ou um olhar arregalado. Mas não! Ela sorri terna e me incentiva a contar mais. E narro como a conheci e sua história triste. Mamãe chora e comprime os lábios de tristeza. É como eu, sente as coisas com uma força tão grande, que por vezes nos sentimos tolos, por sofrer pelos outros.

— Pobrezinha!! Não posso imaginar tanta desgraça para uma moça passar. Querido, chame-a para passar o natal conosco — Anuncia sem nem pensar duas vezes, seu coração grande não permite.

— Não somos íntimos, mãe. Só me ofereci para ajudá-la.

Ela arqueia sobrelance com sarcasmo.

— Não são íntimos ainda, mas tenho certeza que está louco para ser.

— Não sei como agir com ela, Samia é mulçumana. Tem os costumes diferentes dos nossos. Nem sei se pode namorar — Desabafo meus temores.

— Filho, dê um passo de cada vez, se conheçam e depois pense nesses detalhes. Você não sabe se ela era religiosa como pensa, se seguia tudo à risca. E principalmente, depois de tudo que passou, se irá continuar agindo como antes — Dona Ana tem razão, não devo sofrer por antecedência.

Assinto e continuamos falando de coisas do dia-a-dia.

Nina

Chego no escritório no dia seguinte e já tem um monte de e-mail na minha caixa de entrada. O telefone toca e vejo que é do Japão pelo identificador, deve ser Kira.

— Oi — Atendo feliz.

— Oi, Nina — Vó Keiko reponde do outro lado. Sorrio feliz em escutar sua voz.

— Oi vó, que saudade. Quando vocês chegam? — Pergunto porque as duas virão passar o natal conosco.

— Daqui a 5 dias, queremos chegar uns dias antes do natal, para não pegar o aeroporto tão lotado.

— Faz muito bem, essa época fica um caos.

— E como vocês estão? — Ela pergunta calmamente, lembro-me do dia que liguei e avisei que Luca tinha me pedido em casamento. Foi uma festa, até Kira comemorou. Disse que já sabia que ficaríamos juntos. Depois me confidenciou, que estava ajudando, Luca. Quase caí para trás com a revelação.

— Estamos todos bem. Ah, deixa eu te avisar. Domenica, nos chamou para passar o natal em sua casa. O que acha? — Sei que vovó não é chata, que vai topa.

— Pode aceitar, Nina. Não tem problema! — Minha vó e Kira são simpáticas, fazem amizade fácil.

— Tá ok, vou confirmar — Ficamos conversando por mais um tempo e desligo.

Alguém bate na porta e Lorenzo entra. Parece hesitante.

— Podemos conversar?

— Claro, senta — Aponto para cadeira — Pode falar.

Ele pigarreia e começa a falar rápido. Aliás, dispara.

— Espero que não fique brava, ou que acha que passei por cima da sua autoridade como sócia. Mas ofereci a sua vaga de secretária, para Samia — Termina num fôlego só.

Pela expressão do rosto e postura corporal, está tenso, desconfortável e tenho vontade de rolar de rir.

— Relaxa, Lorenzo! É obvio que não estou brava. Você acredita que naquele dia no restaurante, ia oferecer a vaga para ela? — Foi uma tremenda coincidência, que ele tenha pensado na mesma coisa.

Ele relaxa os ombros e ri aliviado.

Capítulo 29

Luca

Combinei de buscar Nina às 16 horas, faltam apenas 20 minutos, mas acredito ser o suficiente para chegar com certa folga. Odeio andar correndo!!

Ao chegar ao subsolo, já aciono o alarme para entrar no carro. Estou distraído, com a cabeça longe, e nem noto uma presença desagradável próxima ao carro. Só escuto a voz esganiçada, quando está bem atrás, quase colada. Dou um pulo de susto, não imaginava encontrar Antonella por aqui.

— O que tá fazendo aqui? — Pergunto enfezado, de maneira bruta.

Ela me olha séria, não sorri, nem faz as piadas costumeiras. Parece preocupada, assustada. Levanta as mãos em sinal de rendição.

— Calma, Luca! Eu vim em paz, não quero brigar ou arrumar confusão. Na verdade, vim te ajudar.

Arqueio as sobrancelhas em sinal de incredulidade, não acreditando nem um pouco, em sua boa vontade. Gargalho, não consigo conter-me.

— Isso é algum tipo de piada, ou armadilha? — Pergunto cinicamente — O inferno está cheio de boas intenções, sabia?

— Sei que tem motivos para não acreditar. Aliás, nem eu acreditaria. Mas escuta o que tenho para dizer — Implora — Eu tô indo embora de Roma — Anuncia com os olhos marejados — Não me sinto segura morando na mesma cidade que a Gina.

Depois de falar isso, desperta minha atenção.

— Problemas no paraíso entre as amiguinhas? — Debocho — Ela faz cara de cansaço e diz:

— Se não quer saber tudo bem. Tô caindo fora — E começa a caminhar para saída do estacionamento.

Resolvo escutar o que diz, para julgar se alguma informação é boa ou mentirosa.

— Pode falar, você tem 10 minutos — Sentencio.

Ela se vira, engole seco e desata a falar.

— Gina está totalmente desequilibrada, criou uma obsessão gigantesca pela Nina. Queria que eu ajudasse a sequestrá-la — Engulo com dificuldade e tenho vontade de vomitar. Nunca imaginei que aquela garota seria capaz disso, que iria tão longe nessa loucura — Eu fiquei com medo, não sou criminosa e declinei. Disse que não topava e fui ameaçada. Ela avisou que se eu abrir a boca, não iria durar muito tempo. Mas tenho carinho por você, Luca. Por isso vim te contar. Cuidado! Não se descuide da sua namorada e do bebê. A Gina é perigosa, sem escrúpulos e pode machucar a Nina, por se sentir rejeitada.

Fico tonto e seguro-me no teto do carro, as pernas fraquejam como gelatina. Antonella se aproxima e pergunta:

— Você está bem?

— Tô sim, só preciso de um tempo para assimilar estas merdas todas — Ela assente, mas não me toca. Percebe que não aceitarei nenhum contato físico.

— Bom, eu preciso ir embora, ainda vou fazer minha mala. Meu voo sai hoje à noite — Anuncia triste — Eu espero que vocês sejam felizes — Acena com a cabeça e vai saindo. Mas antes lembro-me de algo importante e pergunto. A curiosidade é maior.

— Como você conseguiu armar toda aquela palhaçada no bar? Alguém deve ter ajudado. Porque sou um homem pesado, e só você e Gina não conseguiriam me carregar para meu apartamento. Ela sorri triste e revela a verdade.

— Gina contratou um investigador para ficar na sua cola, e o mesmo cara me deu o boa noite cinderela e ajudou a te carregar para seu apartamento — Sinto-me um idiota por não ter percebido antes. Obvio que tinha um cúmplice! E achei que era o cara do Pub. Mas encaro Antonella com toda indignação e aconselho.

—Espero que tenha aprendido a lição. Andar com gente sem caráter, tem consequências – Ela acena a cabeça envergonhada e caminha para saída da garagem.

Fico ali, olhando enquanto ela some. Uma raiva sem medida me varre de cima abaixo. Uma vontade de quebrar tudo, de pegar aquela garota maluca, e lhe encher de umas boas porradas. Fazer o que provavelmente a família não fez.

Tomo uma decisão, não contarei nada a Nina, não quero que sofra, ou que se sinta acuada. Está com cinco meses de gravidez, não é saudável tanta preocupação ou temor.

Vou dirigindo e divagando, tantos pensamentos enchendo a cabeça. Paro em frente ao trabalho dela e fico aguardando no carro. Ela entra linda, radiante, nem imaginando no perigo que corre.

— Oi, amor. Tudo bem? — Aproxima-se feliz e me dá um selinho nos lábios — Demorou, tá atrasado — Comenta.

— Me enrolei no serviço — Minto e tento sorrir, mas está difícil esconder o medo.

— Que foi? Está estranho! — Pergunta com o cenho franzindo, olhando-me desconfiada. Nina, é esperta, preciso disfarçar melhor.

— Problemas na empresa e fico estressado, não é nada demais — Puxo-a e lhe tasco um beijo caloroso, cheio de carinho. O gesto surti efeito e a distraí — Vamos — Digo.

Ela assente positivamente e vamos conversando sobre as coisas do dia.

Nina me conta do episódio do restaurante, sobre a moça síria. Dou risada. É sua cara fazer isso, ajudar todos ao redor. Tenho sorte! Minha pequena é uma menina de coração nobre.

— Então agora tem uma secretária? — Ela ri feliz, com os olhos vibrantes. E penso que tomei a decisão certa, vou protegê-la sem que saiba. É melhor coisa a fazer.

— Sim, conversei com o Recursos Humanos e Samia comerá na segunda-feira — Anuncia contente, satisfeita — É moça sofrida, precisa de uma oportunidade.

Falamos mais um pouco sobre a tal Samia e logo chegamos à clínica.

A sala de espera está lotada, alguns poucos homens com as esposas, todos com cara de tédio,

rodeados de revistas sobre gravidez e mulheres falando sobre filhos.

Fico no celular, procurando por empresas de segurança pessoal. Nunca busquei por esse tipo de serviço, mas infelizmente, será necessário daqui por diante. Colocarei alguém vigiando Nina, sem que tenha conhecimento. Vasculho e encontro vários, amanhã ligarei para algumas. Enquanto isso, vou pedir ajuda a Lorenzo, deixá-lo por dentro. Assim ele fica de olho em Nina, em horário comercial.

Somos chamados e dra. Lilian nos recebe.

— Como você está Nina? — Pergunta e escreve no computador.

— Estou bem, não tenho sentindo nada fora do normal — As duas falam sobre coisas, que eu nem sonho sobre o que seja. Mas fico quieto, na minha — Vou te encaminhar para fazer ultrassonografia, com a doutora Melissa.

Seguimos com uma enfermeira para outra sala, onde a tal dra. Melissa nos aguarda. Nina troca de roupa e veste um avental horrível bege, típico de clínica ou hospital.

A ultrassom começa e logo podemos escutar o som do coração de Manu. Emociono-me novamente, é tudo perfeito, inacreditável. Nunca imaginei que ser pai, me desse uma sensação tão maravilhosa, tão exultante. Saber que o coração da minha filha, faz aquele barulho tão alto, me faz sorrir como um bobo. Nina fica de olhos marejados.

Ao sairmos da clínica, a convido para jantar e comemorar seus cinco meses de gravidez. Quero curtir os momentos de paz e tranquilidade, e principalmente, esquecer momentaneamente a bomba que descobri hoje à tarde.

Quando Nina adormeceu, peguei seu celular escondido, que graças aos céus não tem senha e achei o número de Lorenzo. Amanhã, vou pedir sua ajuda e deixá-lo ciente de toda situação.

Capítulo 30

Luca

No dia seguinte, ligo para Lorenzo assim que entro em minha sala. Confesso que não morro de amores por ele, mas pela segurança da minha mulher, faço qualquer coisa e passo por cima do orgulho. Talvez até seja cisma minha, desconfiança boba sem fundamento, mas ainda não consigo dizer que confio de coração.

Ele atende, parece surpreso e confuso quando me identifico, mas educado como é, jamais iria me destratar.

— Oi, Luca! Em que posso te ajudar? — Pergunta-me de maneira solícita, polida. Ah esse cara me irrita, com esse jeito de lorde inglês!

— Você tá ocupado, pode falar por um minuto? — Me adianto, porque não quero atrapalhar.

— Claro! Pode falar — Responde.

— Gostaria muito de pedir sua ajuda, em relação a segurança da Nina — Meu comentário desperta sua atenção e por mais benéfico que seja, isso me deixa um pouco enciumado.

— O que está acontecendo? É algo sobre aquela garota que esteve aqui outro dia? — Bingo!! O engomadinho acerta na mosca! Pelo menos é inteligente e saca as coisas com facilidade. Gosto de gente assim.

— Acertou! Gina, anda aprontando e ontem descobri que tem intenção de sequestrar a Nina — Lorenzo fica em silêncio, nada diz — Lorenzo, está me escutando? — Pelo silêncio, acredito que a ligação tenha caído.

— Estou escutando, é que não tô acreditando ainda — Manifesta sua incredulidade — Mas qual o problema daquela garota? — Pergunta indignado — É bonita, atraente. Se gosta de mulher, vá procurar alguém que compartilhe do mesmo desejo. Oras!!

— Concordo com você. Mas Gina tem problemas psicológicos. Desenvolve obsessões pelas pessoas. E infelizmente, a bola da vez é minha mulher. Mas e aí, posso contar com sua ajuda?

— Pode sim, Luca. Mas qual é seu plano?

— Vou contratar dois seguranças, que irão se revezar, para vigiá-la. Mas preciso que vocês dê acesso para perambular pela empresa. E quando saírem para almoçar, por favor fique de olhos abertos — Peço com sinceridade.

— Pode contar comigo. Nina é uma amiga muito querida e farei o que estiver ao alcance para ajudar vocês — Anuncia com sinceridade e pela primeira vez, sinto simpatia por ele — Só peça para os novos seguranças, pedirem para falar comigo.

— Combinado! E obrigado pela ajuda. Não sei como agradecer.

Ele ri e diz na brincadeira, que um dia irá pedir um favor em troca.

Trocamos mais algumas amenidades e desligo.

Converso com três empresas de segurança privada e fecho com a segunda. Os rapazes

começarão amanhã.

Nina

Finalmente sexta-feira chega. Ufa, que alívio!! Com o avanço da gravidez, sinto cansaço o tempo inteiro. Dores nas costas, pés inchando um pouco. Isso porque estou apenas com cinco meses, não quero nem imaginar aos oito.

Caminho lentamente pelo corredor e vejo um rapaz estranho, que nunca vi antes, veste um terno escuro e tem semblante sisudo. Olha-me, cumprimenta e continua parado no corredor.

Sigo para sala de Lorenzo, passo pela secretária sem nem lhe dirigir o olhar. Fiquei sabendo que levou uma bela chamada, com direito a advertência.

Dou uma batida forte e recebo ordem de entrar.

— Oi — Digo baixinho.

— Oi— Ele responde — Por que está andando assim?

Lorenzo pergunta, quando me vê.

— Não é nada sério. É que minha lombar está doendo, Manu é pesada — Justifico sorrindo de lado — Pelo jeito será grande como o pai.

Ficamos conversando sobre uns boletos que não foram pagos, por um dos nossos clientes. Mudo de assunto e mato a curiosidade.

— Quem é este cara no corredor?

Lorenzo se remexe e não me olha enquanto responde.

— Andou entrando gente estranha aqui no prédio. E por precaução, coloquei um segurança no andar — Comenta despreziosamente, mas não sei porque, algo me soa estranho.

— Sério? Não sabia disso — Estranho que não tenha comentado nada, mas deixo para lá. Porque provavelmente esqueceu — Samia, começa segunda-feira. O RH te avisou?

— Avisaram sim — Ele sorri radiante — Espero ajudá-la ao máximo que puder — seu olhar mostra mais do que deseja — Conte a história dela para mamãe, que cismou em lhe chamar para passar o natal conosco.

Olho surpresa, não imaginei que Ana, fosse tão generosa assim.

— Sério? Estava pensando em chamá-la também, não quero que fique sozinha nas festas de fim de ano — Digo sem acreditar, nas várias coincidências que tem acontecido ultimamente.

— Mas não se incomode! — Retruca enfático, descartando-me automaticamente — Sua tia e vó estarão aqui, não se preocupe com Samia.

— Mas não tem problema! Ficarei na casa da minha sogra, teremos uma festa enorme de natal. Aliás, seria uma ótima oportunidade para apresentá-la para várias pessoas de sua idade. Luca tem primos e primas jovens — Falo para provocar, quero ver a reação que terá. E dito e feito!

— Samia está lutando para reconstruir a vida. Com certeza, não perde tempo com coisas

superficiais — Retruca ríspido e seco. Sei que não teve intenção de soar de maneira rude, mas o ciúme falou alto. Homem não sabe disfarçar o lado territorial.

— Desculpe!! — Falo debochada — Não falei por mal, só quero ajudar.

— Não se preocupe com ela, eu cuido de tudo — Finaliza a conversa e tenho vontade de gargalhar. O educado e contido Lorenzo, vira uma onça, quando o assunto é Samia.

— E como irá fazer para descobrir onde a irmã está? — Questiono curiosa.

— Ainda não sei, estou batendo cabeça por onde devo começar.

— Boa sorte! Não será tarefa fácil — Comento triste, lamentando pela moça desaparecida. Que sabe Deus onde está!

Capítulo 31

Luca

Combino de pegar Nina na empresa, após o almoço, hoje iremos visitar algumas casas, solicitei a corretora para selecionar imóveis nos melhores bairros de Roma. Claro, que a maioria é próximo onde mamãe mora no Parioli. Pretendo juntar o útil, com o agradável e nada mais cômodo que morar perto dos pais.

Ligo antes de sair para saber se está livre para sair.

— Oi — Atende animada — Está vindo?

— Liguei para saber se já posso passar aí?

— Pode sim, quando chegar avise, que desço.

— Combinado!! — Respondo eufórico, com a perspectiva de começar uma vida nova juntos. Numa casa do nosso gosto, grande e com bastante espaço para Manu e os cachorros brincarem. Só de pensar, sinto um frescor correr pelas veias, uma sensação boa de evolução. Como se estivesse crescendo, virando adulto e sorrio feliz.

Antes de sair, passo na sala de Ângelo para me despedir.

— Tô indo — Aviso bem-humorado — Marquei com a corretora e vamos olhar umas casas.

— Vai mesmo morar em casa? — Pergunta de cenho franzido — Você tem maior chamego com aquele apartamento. Decorou tudo do seu jeito, nada podia ficar fora do lugar.

Sorrio com a lembrança, que agora, parece ser de muitos anos atrás, de uma época distante.

— Para você ver como eu mudei. Não sou mais aquele cara — Sinalizo — Agora sou um homem diferente. Feliz, com mulher, filha e alguns cachorros — Comento dando risada — Quando você conseguir adotar seu pequeno, lembrará do que disse e logo estará morando em uma casa também.

Ele acena a cabeça em concordância e responde:

— Você tem razão!! E Marcelo, sempre me dobra. Não será nada impossível. Mas mudando de assunto, e garota maluca. Deu algum sinal de vida?

— Por enquanto não, mas não dou moleza na segurança da Nina, os rapazes estão de olho — Enfatizo.

— E vai ser sempre assim, a Nina sem liberdade nenhuma e sem saber do que acontece ao redor? Acho errado não lhe contarem a verdade, ela tem que saber como está a situação na integra, mesmo grávida.

— Não vou discutir com você, Ângelo, estou fazendo o que acredito ser o certo. Mesmo que meus métodos não agradem a todos.

— E quem mais reclamou dessa encenação? — Meu irmão pergunta com cara de deboche.

— A tia da Nina e a mamãe. Disseram que ela não é feita de papel, que irá aguentar a notícia. Mas não quero correr o risco, já tá com cinco meses, não pode se aborrecer.

Ângelo bufo indignado e dá de ombros.

— Você quem sabe, precisando de ajuda, me avisa — Se oferece solícito.

— Obrigado, mano — Lhe dou um abraço e sigo para o estacionamento.

No caminho já ligo para Nina descer. Ela entra no carro tão animada e exultante como eu. Parece uma criança que ganhará um brinquedo novo.

— Onde iremos olhar as casas? — Pergunta curiosa.

— Tem duas casas no bairro da mamãe, no Parioli. E outras três ali na redondeza. Decidi que morar perto dos meus pais, seria bom para nós — Anuncio e espero que Nina, não se aborreça.

Ela ri contente e acena de maneira positiva. Demonstra estar bem com a informação.

— O bairro da Domenica é excelente. Parece ser tranquilo, arborizado e tem um monte de casas lindas — Ela descreve as qualidades do lugar e vejo que fiz bem.

— Sim, você gostará da vizinhança — Reforço ainda mais.

Passo na imobiliária e dou carona para a corretora que se chama, Daniela.

Seguimos para o primeiro endereço, que justamente é no Parioli. E a casa já ganha nossa atenção.

Tem cinco quartos, todos com suíte e uma sala ampla de jantar e estar. Sala de ginástica, que mais parece uma academia. Sauna, piscina e um quintal imenso, que se parece com um campo de golfe. O lugar é o sonho de consumo de toda família, e Nina, parece partilhar da mesma opinião. Está embasbacada, não para de suspirar de surpresa. Tudo é de bom gosto, uma casa moderna. Construída com materiais de qualidade, nada parece feio ou antiquado. Muito pelo contrário, se parece com as casas de revista.

— Eu amei, Luca — Nina manifesta a opinião — É perfeita para nós. Tem espaço de sobra e já consigo nos ver morando aqui.

Sorrio, porque teve a mesma impressão que eu. Também amei o lugar. Mas quero visitar os outros endereços. Talvez achemos a mesma coisa da casa seguinte.

Daniela se aproxima de maneira discreta, é do tipo de corretora que te deixa à vontade. Mostra a casa e lhe dá espaço para digerir o que vê. Gosto de gente assim, detesto me sentir coagido.

— E aí o que acharam? — Questiona educadamente.

— Nós gostamos muito — Respondo com o semblante relaxado — Até conseguimos nos ver morando aqui — Ela ri e acena como se entendesse. Afinal uma casa daquela, qualquer pessoa gostaria de morar.

— Eu entendo, essa casa é realmente espetacular e está à venda há apenas uma semana.

Fico esperto com a informação, aquela casa linda, não ficará disponível por muito tempo. Pretendo me decidir logo.

— Alguém já ofereceu algum lance? — Pergunto curioso.

— Sim, mas era muito baixo e os donos não aceitaram.

Como eu esperava, a concorrência será grande.

Seguimos consecutivamente para todas as outras casas, conforme o cronograma. Eram bonitas e grandes. Mas nada especial como a primeira. Aquele lugar nos ganhou, assim que entramos. Foi amor à primeira vista. E Nina, pensa como eu. Depois de deixarmos a Daniela na corretora, seguimos para o meu apartamento, conversando sobre as casas que vimos e qual escolheríamos.

— Então o que achou? — Pergunto para ela, mas no fundo já sei a resposta.

— A primeira casa, com certeza, sem a menor dúvida — Enfatiza sua decisão, sem pestanejar.

— Não quer olhar mais por aí ou ver outros bairros? — Insisto para que não se arrependa no futuro.

— Claro que não! Por mim, teria fechado ali na hora. Você que quis olhar as outras casas — Me acusa brincando.

— Você tem razão! Vou ligar para Daniela e fechar negócio.

Faço isso na hora. A corretora fica de entrar em contato com os donos e nos dar uma resposta mais tarde.

Estamos felizes demais com a perspectiva de morar naquele lugar, que parece ideal para começar uma família. No caminho, Nina pede que passe na sua casa, precisa pegar mais roupas para o fim de semana.

— Quer que eu suba? — Pergunto, porque não quero que pegue peso.

— Vou colocar as roupas na mala de rodinha, não precisa — Diz de maneira prática — Será bem rápido — Ela desce, segue para portaria e fico no carro aguardando.

Um carro pequeno encosta na esquina, não sei porque, fixo meu olhar tentando ver quem dirige e quando foco melhor, tenho o desprazer de ver Gina ao volante.

Ela não percebe que fiquei no carro, e muito menos quando desço e me aproximo.

A raiva e indignação me varre de cima abaixo, fico cego, fora de mim. Só consigo lembrar que Gina pretende sequestrar minha mulher, pegá-la a força. E pensar nisso, deixa-me fora do prumo, desestabilizado. Minha vontade de lhe socar a boca, é maior que a razão. Nunca sequer cogitei machucar uma mulher, ou alguém mais frágil que eu. Mas enxergo em Gina, um oponente perigoso, não uma garota indefesa e inocente.

Abro a porta do motorista com brusquidão, sem qualquer delicadeza. E lhe arranco do volante. Ela arfa surpresa, nunca esperou me encontrar ali. No mínimo nos seguiu e agora pretendia espreitar Nina. E saber disso, deixa-me mais enlouquecido. A empurro na lateral do veículo, não dou espaço para que se mova. Fica encurralada.

— Me solta, seu diabo loiro! — Sussurra baixo. Parece não querer chamar atenção.

— O que tá fazendo sua vadia. Estava nos seguindo? — Pergunto sem rodeios, não estou com paciência.

— Nada não, só vim dar um passeio — Responde com sarcasmo, não parece com medo.

— Não sou otário, sei muito bem dos seus planos. Mas deixa eu te contar uma coisinha. A minha mulher tá bem vigiada, se chegar perto, leva bala — Anuncio e ela ri sem parecer surpresa.

— Eu tô sabendo que um passarinho andou te fazendo fofocas — Volta a rir, e lhe encarando

de perto, percebo que parece uma louca. Está malvestida, descabelada, cheira mal. Sinto asco de estar próximo, mas não a largo — Mas é uma pena que o passarinho não irá cantar mais — Fala e faz cara de deboche. Fico um pouco confuso sobre o que ela quer dizer. Que passarinho? E por um milésimo de segundo lembro de Antonella, que estava de partida, porque tinha medo.

— De quem você tá falando? É da Antonella? — Lhe aperto o braço, e não soltarei até que me conte a verdade.

— Não sei do que está falando. Ela não foi embora? — Pergunta dissimulada, mas vejo que tem mais do que demonstra.

— Não se faça de besta. Você tá falando de passarinho que fez fofoca. É a Antonella, não é?

Ela dá de ombros e não responde. Uma sensação ruim me ataca a boca do estômago, tenho um pressentimento que Antonella, não está bem, que algo lhe aconteceu.

— O que você fez, hein? — Lhe sacudo o corpo, estou descontrolado e nem me importo lhe sorrir até contar.

— Está me machucando — Fala alto — Socorro! — Grita como se fosse a vítima.

— Você gosta de encurralar os mais fracos, quando pega alguém forte, amarela?

Começamos a discutir sem nos preocupar com os transeuntes. Até que escuto a voz de Nina.

— Solta ela, Luca!! — Ela me olha surpresa, mas não vejo repreensão ou qualquer coisa parecida. E isso me desperta como num transe e percebo que é isso que Gina quer. Um espetáculo em que ela saia como vítima.

— Ele estava me machucando. Você viu? — Gina se faz de inocente — É com esse cara que vai casar?

Mas pela graça dos céus, Nina, não morde a isca e lhe dá uma escovada.

— Cala a boca!! — Nina grita — Tô cansada de ver sua cara, você é pior que um vírus, que a gente toma antibiótico e a doença não morre. Se refaz e ataca com mais força. Será que não percebe que não gosto de você, que nunca vou gostar? Eu nem te conheço mais!! Essa garota aqui na minha frente, não é nem de longe a amiga que tive na infância. Parece que foi abduzida por um alienígena, que esta carcaça não é a Gina que cresceu e brincou comigo. Nossa amizade foi quebrada, não sobrou nada para colar. Faça um favor para nós duas, suma do mapa, desapareça. Porque a menina que cresceu comigo está morta e não exista mais.

Primeiro Gina chora, parece desesperada. Tenho a impressão que as palavras de Nina, foram como facadas em seu peito. É deplorável ver tanta obsessão, porque aquilo nem de longe pode ser amor.

Só que após as lágrimas, vem a raiva. A Gina que está na nossa frente, não se parece com a anterior. Assistir isso me dá arrepios! Pareço estar vendo aquele filme fragmentado, que o ator principal, tinha 23 personalidades distintas e uma não sabia da outra.

Ela encara Nina, com um ódio que transborda pelos olhos e exala pelos poros.

— Você não passa de uma putinha que gosta de apanhar. É uma pena! Se soubesse que era sua praia, teria te dado umas chicotadas — Minha mulher recua um passo, enojada e toca na barriga, como se defendesse a filha.

— Não fala com ela — Advirto bravo e lhe empurro novamente.

— E você — Gina me encara com o queixo levantando, sua ira se expande ainda mais — Nem sonha o que te espera. Vai sofrer tanto, que vai implorar para morrer — Sua voz é firme, como quem tem certeza do que planeja. Um certo temor me percorre, mas não posso fraquejar, tampouco demonstrar na sua presença. Mantenho-me firme. Focado!

— Não tenho medo de você! E aqui vai um último aviso, se aproxime dela — apronto para Nina — terá sérios problemas. Não tenho escrúpulos e farei o que for necessário para me livrar da escória. Espero que a mensagem tenha sido clara — Solto-a em seguida.

Ela volta para dentro de carro, não demonstra medo, ou receio. O semblante está calmo e sereno. E isso me deixa como mais temor. A garota é uma bomba relógio e sem ninguém para freá-la.

Assim que vai embora, Nina parece abalada, mas pega o celular e faz uma ligação.

— Paolo, é a Nina. Podemos conversar?

Capítulo 32

Nina

— Oi — Ele responde e parece surpreso — Quanto tempo não é! Achei que ainda estivesse no Japão.

— Voltei para ficar, Paolo. Desculpe a indelicadeza, mas preciso ser direta. Quero conversar com você e seus pais. Será que tem como? — Não tenho tempo para rodeios, ou amenidades. Essa conversa já deveria ter acontecido há muito tempo.

— O que foi Nina? Por acaso a Gina aprontou de novo? — Sua voz demonstra que está de saco cheio, sem paciência. Mas pouco me importo, Gina não é problema meu, nego-me a ficar passando raiva para não lhes incomodar.

— Sim! — Meu tom é sarcástico — E aliás, ela vem aprontando faz tempo e ninguém toma atitude alguma. A garota é uma bomba relógio, um perigo para quem cruzar o seu caminho — Não passo vontade, e solto o verbo, sem frear a língua.

— Não seja dramática. Que perigo Gina oferece a alguém? — Ele gargalha, como se eu tivesse dito uma piada absurda.

— Ela tentou me beijar a força, Paolo. E não contente, me ameaçou e ao meu noivo. Tem me perseguido, vigiado. O que devo fazer? Esperar que ela compre uma arma e termine o serviço? Seus pais precisam intervir. Gina tá doente, perdeu completamente a realidade das coisas. Estou grávida, não posso viver dessa forma, com tanta tenção. Sem saber o que nos espera na próxima esquina. Se vocês não tomarem uma atitude, vou dar parte à polícia e me precaver legalmente. Não me importo que vá presa! — Enfatizo minha revolta, para que veja que não é brincadeira, que a tolerância chegou ao fim. Agora é guerra! — Eu espero que tudo esteja bem claro, Paolo. Se vocês não fazem nada.... — Ele me corta e responde:

— Vou conversar com meus pais, Nina. Por favor não faça nada!! Te prometo que tomaremos uma atitude. Só me dê até a noite. Eu te ligo com uma solução.

— Ok, é o prazo máximo — Sentencio e desligo. Luca está no telefone, parece nervoso, inquieto. Passa a mão no cabelo e anda de um lado a outro. Me aproximo e escuto somente o fim da conversa.

— Se tiver novidades me avise, Giorgio — Desliga e me encara com o semblante tenso, está pálido e apático.

— É minha culpa, ela sumiu por minha causa, para me ajudar — Balbucia e não entendo bulhufas.

— Do que tá falando, Luca? — Questiono preocupada, vejo seu desespero e fico perturbada também. Será que aconteceu alguma coisa que alguém da sua família?

— Antonella. Eu não te contei, porque está grávida e não quis te aborrecer. Desculpe!! — Fico ressabiada em saber que aquela cretina se aproximou dele, mas não deixo o ciúme falar mais alto.

— Mas o que ela queria? Aguardo a resposta. E ele narra tudo que aconteceu. Ao contar as

intenções de Gina, sinto uma vertigem e seguro-me em seus braços. Fico aterrorizada com o rumo da situação. E entendo o motivo de ter omitido a informação. Ando sensível, frágil — Por isso que você estava quase lhe batendo?

Ele acena que sim, mas se mostra avoado, estranho. E logo faço a assimilação. A pessoa que sumiu e o ajudou foi Antonella.

— Foi Antonella quem sumiu? — Pergunto, querendo que a resposta seja outra. Ainda incrédula, que aquela menina que brincou comigo a infância inteira, tenha se tornado essa coisa fria e sem alma.

— Foi. Acabei de falar com o Giorgio, o irmão dela — Na mesma hora lembro-me dele, que o conheci numa festa.

— Eu lembro dele — Comento cabisbaixa. Eu nunca tive simpatia por ela, mas não desejava que sumisse, que algo de ruim lhe acontecesse. Imagino o desespero dos familiares — O que aconteceu?

— Ela não pegou o voo, sumiu. A polícia está procurando por câmeras de vigilância perto do aeroporto, porque seu carro estava abandonado na redondeza.

Tremo de terror. E pressinto que ainda teremos notícias ruins.

— Vamos para casa, perdi qualquer vontade festejar — Ele anuncia derrotado, triste. Por mais inusitado que pareça, não sinto ciúme ou insegurança em sua tristeza. Muito pelo contrário. Eu entendo. Luca teve uma relação passageira com ela, trabalharam juntos. É normal que fique arrasado com seu desaparecimento.

— Não foi sua culpa — Ressalto — Infelizmente, Antonella se envolveu com a Gina porque quis. Nenhum de nós tem qualquer responsabilidade em relação a isso — Enfatizo para que enxergue com clareza.

— Eu sei! — Ele responde, mas a dor está presente no timbre rouco. Ficamos quietos e lhe deixo em paz.

Ficamos deitados no sofá. Rodeado pelos cachorros, que não saem do perto, quando estamos em casa. E ali, nossa pequena família se consola e apoia mutuamente.

Meu telefone toca, no visor pisca o nome de Paolo.

— Oi — Atendo ofegante, pilhada — O que decidiram?

— Vamos interná-la, Nina. Minha irmã já não demonstra nenhuma sanidade, tem se tornado perigosa até para si mesma. Procuramos o psiquiatra que a atendia e conversamos com ele.irá nos ajudar e também temos apoio jurídico, para interditá-la. Talvez demore um pouco, mas vai dar certo — Paolo constata num fio de voz. E sinto pena deles, são pessoas boas, decentes. Não merecem tal dissabor.

— Você pode me avisar quando acontecer? — Peço educadamente, sem exigir nada.

— Aviso, sim. Sem problemas. E desculpe pelos aborrecimentos. Deveríamos ter agido antes.

Eu os perdoo, não sou de guardar mágoa. E principalmente de pessoas que convivi desde criança.

— Não se preocupe. Tá tudo bem — Anuncio em paz.

Desligo e fico em silêncio. Infelizmente, não sinto pena, na verdade meu único sentimento é alívio, de me livrar daquela criatura insana e aterrorizante.

Dois dias depois, recebo a notícia que Gina está trancafiada num hospital psiquiátrico, longe de circulação por tempo indeterminado. Só sinto alegria e vontade de viver. Luca ainda não quer dispensar os seguranças, está obsessivo com meu bem-estar. Aceito para lhe agradar, daqui a pouco a neurose passa, e volto a ter liberdade. E os dias vão passando rapidamente, e a vida tomando seu rumo conforme o esperado.

Três meses depois...

Antonella sumiu de vez, já é dada como desaparecida. Gina foi investigada, mas a cretina tinha um alibi, estava acompanhada de uma garota de programa. Mas nada me tira da cabeça, que foi ela! Porém, a justiça é feita através de evidências. E sem corpo e sem provas, não houve crime.

Samia começou a trabalhar como minha secretária e se mostrou eficiente, esperta e dedicada. Nos tornamos amigas inseparáveis. A amizade foi natural, sem nada premeditado.

Luca e eu, criamos uma rotina de casal. Compramos a casa que mais nos agradou e fizemos uma pequena reforma antes de mudar. Exatamente no dia 10 de janeiro, entramos em nosso novo lar. Todos os dias, ele me aperta para marcamos a data do casamento. Mas não quero casar grávida. Quero que Manu esteja nas fotos e não na barriga. Compreende meu desejo de que minha bebê participe da cerimônia.

Graças a Deus Gina, permanece trancafiada. E espero que fique por lá eternamente.

Com oito meses de gestação, estou o rascunho da mulher cansada. Pés e rosto inchados, barriga gigante e dores constantes na lombar. Ninguém faz muita propaganda da parte ruim da gravidez, ainda bem ou fugiríamos veemente do cargo.

Não vejo a hora de Manu nascer, essa menina é grande demais para mim. Sinto que a pele da barriga não tem para onde esticar.

Luca, implora constantemente para que pare de trabalhar, diz que nessa reta final, preciso de mais descanso. Mas nego! Não quero ficar em casa. Por mais que o corpo implore por uma cama.

Hoje é um dia daqueles que desejo ter ficado em casa. Mas as responsabilidades não me permitem. Tenho diminuído o ritmo, desacelerado. Mas os problemas infelizmente não evaporam quando mais precisamos.

Estou mandando e-mails freneticamente desde cedo, nem percebi que as horas voaram e chegamos no fim da tarde. Samia entra com algumas pastas.

— A simpática da Diana trouxe estas pastas. Posso deixá-las aqui? — Ela questiona educadamente.

— Pode sim! E aliás, já está na hora de ir embora. Não precisa fazer hora extra — Digo a ela sorrindo.

— Você não precisa de mim? — Olha-me atenciosamente. Samia tem se mostrado uma ótima secretária, além das expectativas. Faz o seu trabalho e mais um pouco. Tenta adivinhar minhas necessidades.

— Não, querida! Pode ir pra casa descansar. Estou acabando aqui e Luca está vindo me buscar.

Samia se despede e vai embora.

O celular vibra e vejo a mensagem que meu noivo me espera no carro. Desligo o computador, junto as coisas e saio.

Aperto o botão do elevador e nada acontece. Parece não funcionar. Olho para trás, e o escritório já está vazio. Talvez, Lorenzo ainda esteja em sua sala. Mas não tô afim de andar até o final do corredor. Minha única opção é a escada, penso cansada em ter que descer oito andares. Mas vamos lá!

Escuto um barulho assim que abro a porta de incêndio. Olho todos os lados e não vejo ninguém. Devem ser funcionários de outros andares, que perceberam que o elevador travou. Com certeza, logo terei companhia para descer junto comigo.

Início a descida devagar, sem pressa. Não tenho como andar rápido mesmo! Vou no meu ritmo, a passos de tartaruga. Escuto barulhos de passos e olho para trás. Ninguém aparece. Acho estranho, porque juro que escutei. Mas volto a caminhar, Luca tá me esperando e preciso chegar logo ao térreo. Não sei de onde veio e nem quem foi. Sinto um empurrão, duas mãos nas minhas costas, me lançam escada abaixo, tento me segurar, mas não consigo, foi alavancada com bastante força. Grito em desespero! E rolo por quase dois lances de escada. Tento proteger minha barriga, mas é em vão, tudo se choca na queda. Quando finalmente aterrisso, perco a consciência, mergulhando num breu profundo e inquietante.

Capítulo 33

Acordo com um barulho insistente de pi.pi.pi. Que som chato! Parece um mantra, resmungo. Aos poucos abro os olhos, tento me mexer e uma dor lancinante me paralisa. Imediatamente coloco a mão no pescoço e sinto que uso um colar cervical, aquele objeto que é usado quando a pessoa machuca o pescoço. Estranho na hora e por poucos segundos, tento me recordar o motivo. As lembranças retornam como em uma enxurrada, e tudo fica claro. Alguém me empurrou da escada, eu bati com a barriga e coloco a mão no ventre. Outra dor fulminante me espeta, a barriga redonda e protuberante não está ali. E um medo atroz e aterrador me rasga por inteira. Cadê o meu bebê?

Olho ao redor e percebo que estou num hospital, mas nada me tranquiliza. Quero notícias, quero saber de Manu. O desespero espezinha-me, não tem ninguém por perto. E remexo-me mesmo urrando.

— Onde tá minha filha? — Grito alto. O gesto desencadeia outras dores, mas não me importo. Estou a ponto de levantar, quando uma enfermeira aparece. Ela sorri, e quando percebe minha inquietação, aproxima-se com agilidade.

— Calma, tá tudo bem! — Comenta num tom pacífico e tranquilizador. Mas não me deixo enganar.

— Cadê minha filha? Me ajude a sair daqui, quero vê-la!! — A moça me segura e finalmente diz algo importante:

— Sua bebê está bem. Como nasceu prematura, está em uma unidade neonatal por precaução. Mas como seu quadro é estável, acredito que logo seja liberada para ficar com você no quarto.

Arfo de alívio e alegria. Minha bonequinha está viva e bem. Obrigada meu Deus! Prometo que serei alguém melhor, pois o senhor cuidou da Manu — Faço uma pequena prece sincera.

Estranho o fato de Luca e nem Clara estarem ali.

— Tem alguém da minha família aqui no hospital? — Pergunto curiosa.

— Seu noivo e irmã estão na Neonatal. Não param de observar a bebê — A enfermeira comenta rindo — Nunca vi um pai tão coruja.

Sorrio também, imaginando como ela deve ser. Será que parece comigo ou com o pai? Quero me levantar daqui e vê-la o quanto antes.

— Eu posso ir ver minha filha? — Questiono ansiosa.

— Vou chamar o médico, e ele te dará um parecer — A moça anuncia de forma eficiente e sai do quarto.

Aguardo os minutos sem paciência, tenho vontade de levantar por conta própria. Mas tento acalmar-me e não piorar as coisas.

O doutor entra na sala, dá todo o parecer sobre meu estado. E graças a Deus, só tive uma leve concussão. Terei de ficar no hospital em observação por mais um dia, apenas como medida de precaução. Fora as escoriações pelo corpo e a torção do pescoço, não tive nada mais grave.

— Posso ver minha filha? — Falo ansiosa, respirando fundo.

— Pode ir na cadeira de rodas. É bom não fazer esforço nessas primeiras horas — Exulto de felicidade, sentindo minhas veias se energizarem. Expectativa me define.

Enquanto sigo pelo corredor, sinto o coração palpitar de anseio. Esperei 8 meses para ter minha boneca no colo, hoje. Manu é a coisa mais importante da minha vida.

De longe, vejo Clara em pé, junto ao vidro que separa os bebês. Luca não está à vista.

Ao escutar o barulho de conversa, minha irmã olha para trás, e ao me ver, vem ao meu encontro chorando. Coloca as mãos na boca e soluça de emoção.

— Quando soube do acidente, achei que ia te perder — Fala num fio de voz, entre uma arfada e outra.

— Estou bem, sou dura na queda — Digo e ligo as lágrimas — Hoje é dia de comemorar e não chorar — Sentencio — E cadê o Luca?

Clara ri, chora ao mesmo tempo.

— Ele não deixa as enfermeiras cuidarem da Manu, não quer largar a menina — Sibila e balança a cabeça — Daqui a pouco será expulso da ala — Rimos juntas e estico-me um pouco para vê-lo melhor. É a coisa mais adorável de ver. Está com a filha no colo, e a olha com verdadeira adoração. Como se nossa menina, fosse o maior tesouro do mundo. Sinto uma felicidade, uma paz, que nunca pensei merecer. Meus olhos brilham de satisfação e amor.

Quando levanta os olhos e me vê. Fica com os olhos lacrimejados e se aproxima do vidro. Quer mostrá-la para mim. Levanto da cadeira com dificuldade e mantenho-me de pé. Olho para aquele rostinho pequeno e sereno. Que dorme um sono tranquilo e pesado, e as lágrimas rolam sem que perceba.

Manuela é uma mistura minha e do Luca. Na verdade, mais dele. Por que de mim, parece ter somente o formato dos olhos, um pouco puxadinhos. É bem branquinha e os cabelinhos são alourados como do pai. É o bebê mais lindo que já vi. Geralmente, recém-nascidos não costumam ser bonitos. Mas Manu fugiu as regras, é maravilhosa.

A enfermeira diz que posso entrar na sala também, mas que Luca precisa ceder o lugar.

Ele sai e nos abraçamos com amor, saudade.

— Ah pequena, que susto! Desculpe não estar no quarto quando acordou. Acabaram de me avisar que você tinha acordado. Já ia descer para te ver — Se justifica sem graça. Mas entendo sua loucura de dar carinho a filha, eu sinto a mesma coisa.

— Não tem problema! Eu entendo — Ligo e pisco — Só me diz uma coisa. Quem me encontrou?

Ele respira fundo, como se a lembrança fosse amarga e difícil de digerir.

— Eu te encontrei. Você disse que estava descendo e não aparecia. Fiquei como um doido, te procurando de um lado a outro. Lorenzo estava na sala dele e me ajudou. Até que fui até a escada como última tentativa e te vi — Sua voz falha, parece embargado — Você estava sangrando tanto, eu quase tive um colapso nervoso. A sorte que Lorenzo foi frio e agiu com a razão — Descreve tudo com tanta dor e desespero, que vejo o quanto me ama. Mas preciso ser prática, e contar o que houve.

— Preciso que se acalme e me ajude — Aconselho — O que aconteceu na escada, não foi

acidente. Eu fui empurrada — Anuncio de maneira firme e direta — Luca engole seco e arregala os olhos — Não vi quem foi, não tive tempo. Mas senti duas mãos me empurrando com força. Com intenção de me jogar longe. A gente precisa chamar a polícia, para iniciarem uma investigação — Alerto.

— Tá bom! — Ele responde desnortado — Vá ficar com a Manu, que vou resolver isso — Sinaliza, saindo em disparada.

Minha irmã que está horrorizada, se pronuncia.

— Você acha que pode ser a Gina? — Não faz rodeios para expressar sua opinião.

— Não sei! Mas se ela estiver no hospital psiquiátrico, não temos como acusá-la — Faço uma careta de chateação. Porque ainda temo por suas loucuras — Mas vamos deixar a polícia fazer seu trabalho. Agora só quero curtir minha filha — Falo e me dirijo para entrada da neonatal. Coloco a roupa adequada, esterilizo as mãos e entro na ampla sala.

Sento e me ajesto de maneira confortável. O colar cervical incomoda, mas não deixo que isso ofusque nosso momento juntas. Ser mãe é a melhor sensação do mundo. Palavras não podem explicar, nem descrever, tamanho amor. Quando pego Manuela nos braços, tudo passa a ficar melhor. Não tem dor, nem desconforto. Passamos a ficar numa bolha, como se só nós duas existíssemos. Sorrio como uma boba, e olho tudo com curiosidade. Seu nariz, boca, orelhas, mãozinhas. Tudo é novidade! Fico me perguntando como aquela menina linda e perfeita, saiu de dentro de mim. São os milagres da natureza!

Ela parece sentir que está nos braços da mãe, se remexe e resmunga. Trato de falar, para que reconheça minha voz.

— Oi, filha! Mamãe está tão feliz com você nos braços. Logo, logo estaremos nós três em casa. Papai vai te mimar bastante. Ah você vai gostar dos cachorrinhos também. Tem o Snop, a Madona e o roliço. Tenho certeza que irão brincar bastante — Comento sorrindo e devagarzinho seus lindos olhos se abrem. Sorrio novamente, porque são azuis como do pai — É filha, pelo jeito de mim, só puxou o formato dos olhos — Constato na brincadeira.

E ficamos ali, curtindo nosso chamego juntas. Outra enfermeira se aproxima.

— Você quer tentar amamentar? — Se oferece solícita e aceno que sim. A moça me ajuda a achar a melhor posição e também a abrir a roupa de hospital. No começo doe, mas quando se sabe que é para o bem do bebê, tudo é suportável.

A conexão que a amamentação trás, é indescritível. Você sente que o bebê precisa de você para viver, e é a melhor sensação do universo.

E ficamos ali, juntas, ligadas. Compartilhando do mesmo amor e ternura.

Na hora de ir embora foi difícil, doloroso. Mas conversei com a pediatra antes de sair, e amanhã Manu, será liberada para ficar comigo no quarto e assim que eu tiver alta. Vamos todos juntos para casa.

Clara me faz companhia no quarto. Conversamos bastante, ela diz que Luca realmente me ama. Porque parecia sem chão, enquanto estive em cirurgia e não tinham notícias.

— Você pegou o Thor de jeito! — Comenta rindo — Fiquei com tanta pena, Nina. Ele parecia a ponto de se partir ao meio a qualquer momento. Quando sua sogra chegou, chorou como criança nos braços da mãe — Ela me conta as coisas que aconteceram, enquanto estive

desacordada.

— Eu espero pegar quem fez isso — Digo preocupada e inquieta. Falamos sobre outras coisas sem importância e depois de duas horas. Luca, chega.

Por mais que tente disfarçar, está com uma cara estranha, apático. E não está sozinho. A polícia está junto.

— O que foi? — Pergunto sem rodeios.

Ele não responde, só me encara sério.

— Fala, Luca!! Está me deixando nervosa — Falo irritada e a cabeça até dói. Não posso esquecer que tive uma concussão e cesárea a pouquíssimo tempo.

— Calma amor! Não pode se aborrecer — Levanta os braços em sinal de advertência.

— Então fala logo! — Retruco de forma bruta.

— É que... a Gina... ela — Gagueja e perco a pouca paciência.

— Fala cacete!

— Ela fugiu do hospital Nina, ontem à noite. Parece que alguém a ajudou.

Fico chocada e ao mesmo tempo, não. Desconfiei dela desde o início. Quem mais teria motivos para me empurrar. Uma mágoa grande me aperta o peito. Sei que deve me culpar por estar internada, presa. Mas tentar me matar e pior, machucar meu bebê. Foi a gota final para odiá-la de vez. Maldita!!

— A polícia tem alguma pista? — Dirijo meu questionamento para o policial que está ao lado de Luca.

O rapaz coça a cabeça, como quem se sente desconfortável em responder.

— Depois da acusação do seu noivo, fomos atrás da fita de segurança do prédio. E vimos que foi ela quem te empurrou. Agora a polícia está conversando com a família, tentando encontrar alguma pista de seu paradeiro — Aceno a cabeça sabendo que a justiça age como uma lesma. Que se depender da instituição, jamais estarei segura.

— Você trouxe os seguranças — Constato o óbvio, já que os vi lá fora no corredor.

— Sim, e todos nós teremos segurança. Até você, Clara — Ela resmunga e pareci aborrecida.

— Não reclama, Clara — Lhe chamo a atenção — Gina pode tentar te machucar para me atingir.

Ela entende nossos motivos e aceita.

Ficamos ali por mais alguns minutos, debatendo qual será o próximo passo. Até que uma enfermeira entra correndo no quarto, a reconheço na hora. É do setor Neonatal e sua cara não está nada boa. Um sinal de perigo toca na minha cabeça.

A moça parece assustada, pálida e desorientada. A ponto de desabar no chão a qualquer momento. Olha para todos os cantos do quarto, como se procurasse por algo.

— O que tá acontecendo? — Questiono alerta.

Ela demora a responder e gagueja.

— Você não tá com a bebê, não é? — Ao me perguntar isso, meu mundo desaba. Como se

todas as piores dores e dissabores que tive na vida, se juntassem naquele momento, naquele lugar.

Capítulo 34

Sinto-me sem ar, sem chão e a ponto de desmaiar. Grito, sem nem perceber altura da minha voz.

— Procurem pela minha filha! Aquela desgraçada do inferno a pegou! — Luca corre para o corredor em disparada, está tão abalado quanto eu. O policial o segue, e choro copiosamente junto com minha irmã. Clara, tenta me consolar com palavras de apoio, dizendo que tudo ficará bem. Mas dentro de mim sabia que precisava agir, tomar a rédea e lutar.

Gina não era mais aquela garota que cresceu comigo, que foi minha amiga por tantos anos a fio. Essa nova personalidade, parece ter drenado a antiga. Sugado tudo de bom que um dia existiu. É como se a Gina antiga tivesse morrido e dado vasão para uma outra desconhecida, implacável.

Não sei quem é esta garota de agora. Não a conheço, portanto, não lhe devo nada. Espero que morra num confronto com a polícia.

Preciso agir, digo a mim mesma e me levanto da cama.

— Onde estão minhas roupas? — Pergunto a Clara. Ela me olha de lado, como se não entendesse onde pretendo chegar.

— Estão ali — Mostra um pequeno armário simples, que se encontra no canto do quarto. Me dirijo até e as coloco.

— Onde pensa que vai, Nina? Está em recuperação, não pode ficar zanzando por aí — Esbraveja, achando que irá me deter.

— Não vou ficar aqui sem fazer nada. Enquanto aquela vaca está como minha filha.

— O Luca vai encontrá-la, você vai ver. Só tenha paciência — Tenta me fazer voltar a razão.

— E quando ele a encontrar, você acha que é só pedir educadamente, que a Gina vai entregá-la? — Clara faz cara de dor ao pensar no que disse, como se entendesse que as coisas eram mais sérias do que aparentavam — Se eu não estiver lá, Gina irá machucar a Manuela, tenho certeza — Sibilo num lamento de dor, chorando e tentando criar uma frieza onde não existe — Preciso salvá-la Clara, me ajude — Ela entende meus motivos e muda de atitude.

— Tá! Como vamos fazer para despistar o segurança que está aí na porta? Porque ele com certeza, tem instruções de não a deixar sair.

Penso numa ideia e conto a Clara, que rapidamente põe em prática.

— Socorro! — Minha irmã grita. Enquanto finjo um desmaio. O rapaz entra assustado no quarto, desnortado.

— Chame as enfermeiras, minha irmã desmaiou, está alucinando com febre alta — O segurança sai em disparada, nos deixando sozinhas. Agimos rápido e fugimos do quarto.

Entramos pela escadaria e seguimos direto para a ala neonatal. De longe, vejo que outros policiais estão no corredor. E trato de parar e recuar.

— Não podemos nos aproximar — Digo a Clara — Vão nos ver — Fico pensando onde devo começar minhas buscas.

Me encosto na parede, fecho os olhos e tento me concentrar. Deus me ajude! Continuo de olhos fechados. E do nada, vejo minha mãe, dentro da minha mente. Parece estranho, mas vejo-a com nitidez e riqueza de detalhes. Ela sorri, e não sei porque me acalmo, sinto paz.

— Vai ficar tudo bem! — Tranquiliza-me — Ela está no telhado. Mas seja esperta e use aquilo que ela mais deseja, seu amor.

Quando abro os olhos, eles estão marejados. Porém alertas.

— Eu sei onde ela está! — Digo para minha irmã. Que olha curiosa.

— Vá até os policiais e falem para me encontrar no telhado — Comando decidida, focada num destino. Vou pela escada, não consigo correr por conta da cesárea. Mas ando sem parar, mesmo sentindo dores pelo corpo inteiro.

Abro a pesada porta de ferro com cautela, preparando-me para o confronto. Tento manter a calma, a frieza. Pensando somente com a razão, com um único propósito. Salvar Manuela!

Meus passos são leves, para não chamar a atenção. Ando como um gato, de maneira sorrateira, e as encontro em um canto escondido, perto do parapeito. Congelo da cabeça aos pés. Gina está magra, desmazelada. E veste uma roupa que parecer ser duas vezes seu tamanho. Não percebe minha presença, e tento me aproximar o máximo possível. Mas por uma infelicidade, se vira repentinamente e me vê.

Parece surpresa, arfa pesadamente e aperta Manu com força. Tenho impressão que está a ponto de lhe machucar.

Reajo por instinto e corro ao seu encontro. Ela saca uma arma e aponta para minha filha. Estaco na mesma hora, pasma, sem acreditar. E pior, sem saber o que fazer, se avanço ela pode atirar, se ficar parada, pode endoidecer e jogar a bebê parapeito abaixo.

Pense, pense. Ordeno a mim mesma e lembro-me das palavras de mamãe:

“Mas seja esperta e use aquilo que ela mais deseja, seu amor.”

Decido jogar com a emoção, relembrar as coisas do passado, que passamos juntas. Mexer com o emocional e tirar proveito da situação.

— Gina não segure ela desse jeito, é pequeninha ainda. Os ossos estão em formação. Tenha cuidado, por favor!

Olha-me brava, desconfiada. E retruca:

— Não preciso ter cuidado com a cria daquele diabo loiro! — Sua voz sai esganiçada, parece mais louca do que nunca, fora de si. E temo ainda mais por minha filha. Ela parece ver Manu, somente como filha de Luca e não minha.

— Ela é minha filha Gina, veja os olhos — Apelo para o sentimentalismo — São iguais aos meus. Manuela é mais minha, que do Luca. Se machucá-la, vai acabar comigo — Isso parece ter lhe causado algum efeito. Porque olha para Manu com atenção e depois suaviza a expressão. Me aproveito desse pequeno momento brando, para dar mais uns passos. Porém, não abuso! — Lembra quando brincávamos de boneca e sempre fazíamos planos para os nossos filhos? — Ela acena a cabeça discretamente — Eu jamais machucaria um filho seu Gina, ou qualquer pessoa que você ama. Por que faria isso comigo? — Lembrar desses momentos de infância lhe afeta, e causa dor. Sua expressão facial é de desespero — Nós crescemos juntas, sempre nos amamos como irmãs. E você agora quer acabar com meu bebê, acabar comigo! — Procuro ser dramática,

para que de alguma maneira, afete seu coração, ou algo que restou.

Ela arfa com dificuldade e dentro de mim, uma chama de esperança brilha. Por mínimo que seja!

— Eu não quero acabar com você — Ela fala num sussurro quase imperceptível — Eu te amo, e não sei lidar com isso. Com a rejeição. Eu já fui deixada de lado minha vida inteira — Faz uma alusão a falta de amor dos pais, que sempre demonstraram gostar mais de Paolo.

— E você vai descontar a falta de amor que recebeu em mim? Na minha filha? Eu sempre fui sua amiga, Gina. Sempre te apoiei, incentivei, e lhe dei amor e atenção. Do meu jeito, como sua irmã de coração. Posso não te amar como mulher, mas te amo como um parente de sangue — minto para ganhar sua confiança, faço se sentir culpada — E o que ganho em troca, um empurrão na escada, ou ver Manuela ser machucada? É isso que mereço pelos anos que crescemos juntas?

O discurso que fiz lhe atinge em cheio, e a desestabiliza. Bingo!

Gina remexe afetada e pela primeira vez, em muito tempo, seus olhos parecem com o da menina que brincou a vida inteira comigo.

Ela vem em minha direção, tremo inteira, porque não sei suas intenções. Porém, mantenho-me firme, alerta. Mas por um milagre de Deus, entrega-me Manuela. A seguro em meus braços com determinação, com medo que nunca mais fosse sentir essa sensação boa de ter aquele corpinho pequeno comigo. Aconchegado ao peito.

— Obrigada! — Digo de coração. Mas não me atrevo a lhe dar as costas. Aliás, nem sei como agir.

Ela me olha chorando e fala:

— Me perdi completamente, Nina. E não sei mais voltar. A menina que eu era, morreu — Anuncia falando num sussurro tão sofrido e cansado. Que não consigo sentir ódio, raiva — Sou um estorvo para minha família, fui um fracasso nos meus relacionamentos. Só gosto de quem não me quer. Crio histórias que não existem na cabeça. E não sei evitar. Me diga. Pessoas como eu, servem para quê?

Não consigo dizer nada, fico travada, sem resposta.

Ela ri triste, me dá as costas e segue em direção ao parapeito. Entro em pânico, porque desconfio que fará alguma besteira.

— Gina, espera! Você só precisa de ajuda, de tratamento. Vai ficar bem, não se desespere na primeira dificuldade — Tento lhe provocar sentimentos de esperança. Apesar de tudo que me fez. Não desejo seu mal. O que falei antes que desejava sua morte, foi no momento da raiva, no calor do momento.

Ela não me escuta, sobe no parapeito e fica de pé. Arrepio-me inteira e tento me aproximar. Ela aponta a arma para mim e comanda.

— Não se aproxime, fique aí — Estaco no lugar, não me mexo — Você não tem culpa de nada, Nina. Aliás, você e Paolo, foram as únicas coisas boas na minha vida. Pena que só fiz burradas, não é mesmo? — Pergunta num tom triste e dolorido — Perdoe-me por tudo, não ando sendo eu mesma há muito tempo. Na verdade, nem sei quem eu sou mais.

— Não faça isso! — Suplico com lágrimas nos olhos — Para tudo tem jeito, não pode desistir.

— Eu tô cansada, não tenho forças — Fala com uma verdade tão grande nas palavras, que vejo que desistiu de tudo, que chegou ao fundo do poço — Antes de morrer, preciso confessar uma coisa — Por alguns segundos se mantêm em silêncio e revela a bomba — Matei Antonella antes que fugisse, não consegui controlar minha ira e raiva. Por favor, diga a polícia que o corpo está no quintal da casa de praia da minha família. Os pais dela merecem enterrar a filha — Fala num lamento profundo.

Nada pode descrever a tristeza que sinto. Sempre desconfiei que tinha feito algo com Antonella. Mas escutar de sua boca foi horrível.

A porta de ferro se abre num baque forte, olho para trás e parece tudo em câmera lenta. Vários policiais junto com Luca, invadem o terraço em que nos encontramos, ao olhar para frente, Gina está com a arma apontada para própria cabeça. Seus olhos nunca deixam os meus, como se precisasse de força para puxar o gatilho. Foi rápido e triste seu suicídio. Após o tiro, ficou um silêncio ensurdecedor no ar. Nunca vou esquecer a cena, seu corpo magro caindo sem vida do 10º andar. Fiquei parada, estática, sem voz ou ação. Não senti nada, parecia anestesiada.

Luca me abraça com força, tira Manuela do meu colo. Nem consegui reagir, tampouco protestei. Só choro e lamento seu destino. Por ter escolhido algo tão covarde, em vez de lutar para vencer a doença.

— Você tá bem? — Luca pergunta preocupado. Vê meu estado. Respondo que não, porque estou arrasada.

— Vamos sair daqui — Me conduz para dentro do hospital. Volto para o quarto.

Os dias passaram de maneira triste, como um luto. Todos respeitaram meu momento, depois que contei o que aconteceu, até Clara, que nunca gostou de Gina, ficou chocada e sentiu pena.

Pode parecer loucura, depois de tudo, mas senti muita pena do seu fim. Paolo ligou para pedir desculpas, disse que a mãe estava internada numa clínica, teve um colapso nervoso. Mas por essa mulher não lamento, devia ter cuidado da filha enquanto estava viva.

E a vida foi seguindo seu rumo conforme o esperado. Manuela cresce e se desenvolve com uma rapidez sem igual. Vovó veio passar um mês comigo, queria ajudar na minha recuperação. E foi maravilhoso, ensinou-me alguns macetes para cuidar da Manu. Pequenos detalhes que os mais velhos conhecem muito bem.

A pequena sabia que tinha atenção de todo lado, e fazia birra. Luca não a tirava do colo, tão pouco Domenica, vovó, Clara e toda a família. À noite, era eu quem pagava o pato. Manu se negava a dormir no berço, queria ficar no colo novamente. Foi difícil lhe tirar esse costume, sofri no começo. Mas depois deu certo!

Após quatro meses, chegou o momento de voltar ao trabalho. Confesso que meu instinto materno gritava para ser somente mãe, ficar em casa e criar minha filha. Deixar a empresa de lado. Mas não posso!! Um dia Kira irá se aposentar, e precisará de outro familiar para assumir seu lugar. E Clara, é muito jovem para encarar algo desse tamanho. O conglomerado é nosso, e um dia será dos meus filhos.

A vida é tão engraçada, tão surpreendente. O nascimento de Manuela, trouxe ainda mais luz para nossas vidas. Luca se mostrou um pai espetacular, acima do esperado. Dá banho, troca fralda e dá mamadeira, sem que eu precise pedir. Vejo que faz por pura satisfação, tem prazer de cuidar e zelar pela filha. Quem diria que aquele homenzarrão, se tornaria uma manteiga derretida

diante de um bebê.

Casamos quando Manuela fez exatamente um ano. E como eu imaginei, a cerimônia foi maravilhosa! Curtimos muito, nós três. Não quis nada grande ou suntuoso. Foi uma cerimônia pequena, somente para a família e amigos íntimos. Apesar de se tratando da família Ferrarezi, nada é simples. No final, tinha mais gente que o esperado, e a bagunça foi garantida.

Antes de sairmos para lua de mel. Fiquei sentada e olhando a festa se desenrolar. Todos pareciam alegres, curtindo e festejando nosso momento de felicidade. Casei com meu primeiro amor, com o homem da minha vida. E sinto-me a mulher mais abençoada da face da terra. Agradei à Deus em oração, pela oportunidade de ter uma família tão linda. Parentes amorosos, que cuidam uns dos outros e isso, dinheiro nenhum poderia me proporcionar.

Luca se aproxima e me dá um selinho cheio de carinho.

— Por que está aqui sozinha, tá arrependida? — Pergunta num tom de brincadeira. Repondo da mesma maneira.

— É, talvez não tenha feito um bom negócio — Sorrimos e nos abraçamos.

— Eu sei que está triste, porque seus pais não puderam vê-la casando. Mas tenho certeza que devem estar muito orgulhosos da filha que criaram, que se tornou responsável, de boa índole e uma mãe maravilhosa.

Meu coração se enche de ternura, por sua consideração.

— Obrigada, querido! O importante é que estejamos sempre juntos.

— Vamos estar, e logo, logo, teremos uma casa cheia de crianças, correndo de um lado para o outro. Sou um homem bem ativo sabe! Aliás, minha parte favorita é fazer os bebês. Se quiser, podemos tentar fazer um agora mesmo. O que acha?

Gargalho e lhe encaro.

— Você não tem jeito mesmo!!

Fim

Epílogo

Nunca pensei que pudesse ser tão feliz. Luca me completa de todas as formas. Sexualmente e na vida cotidiana. Não quer dizer que não brigamos e nem nos desentendemos. Temos discussão como qualquer casal normal. Mas nunca deixamos as dificuldades do dia-a-dia atrapalharem nossa relação, ou afetar o amor.

Fizemos cinco anos de casados e para comemorar, tomamos uma grande decisão. Algo que veio amadurecendo com o tempo e os meses, mexendo conosco profundamente. Com a presença de Samia, fiquei muito envolvida com o assunto dos refugiados Sírios. O que antes era totalmente desconhecido, se tornou parte da minha vida. Passei a ajudar ONGS que auxiliam pessoas que recebem asilo da Itália e precisam de um suporte. Nesse meio tempo, conheci um menino de 4 anos que perdeu todos os parentes e ficou completamente sozinho. Passei a visitá-lo com frequência, esporadicamente o levava até minha casa, Manuela o adorava. Luca se apaixonou instantaneamente. Kaled chegou devagarzinho e ganhou o coração de todos. Até meus sogros, se encantaram e passaram a apoiar a decisão que tomamos.

Hoje, Kaled veio morar em definitivo conosco. Agora como filho do casal Ferrarezi. Sua cara de felicidade é impossível de descrever em palavras. Para ele, nós mudamos sua vida. Mas é ao contrário, Kaled chegou para transformar todos ao seu redor. Graças a Deus, Manuela, é uma criança amável, de coração bom. E desde que o viu, lhe tratou bem, fez questão de recebê-lo com carinho. Agora os dois brincam e brigam como dois irmãos de verdade. E isso é a maior felicidade que uma mãe pode querer!

Sou completa, inteira e feliz. Com meu marido e filhos, aprendi que apesar das mazelas e dificuldades da vida, tudo pode ser contornado e superado. Desde que sempre estejamos juntos e unidos. Aprendi que o amor supera e reconstrói qualquer coisa.

Bônus - Amor Além Da Fronteira

Prólogo

Lorenzo

Sempre fui um cara tranquilo, de bem com a vida. Tive várias namoradas, mas nada sério ou que tivesse pensado num passo definitivo. Mas o destino é um bicho esquisito, lhe puxa o tapete quando menos espera. Faz as coisas mudarem da noite para o dia. Por algum tempo, achei que iria rolar algo entre Nina e eu, aliás, tinha quase certeza. Nos dávamos bem, agora trabalhávamos na mesma empresa, mesmos interesses. Apesar de estar grávida de outro, nunca me incomodei. Não sou do tipo ciumento demais, ou que não pode se relacionar com uma mulher com filho. Levaria numa boa, sem problemas! Mas com o tempo, percebi que Nina, só tinha olhos para o pai da sua filha. Que a relação não tinha acabado como imaginei. Confesso que no início fiquei um pouco decepcionado. Mas depois percebi que foi melhor assim. Somos melhores como amigos e colegas de trabalho, nossa relação com certeza não duraria e traria mal-estar no ambiente de trabalho.

E a vida foi seguindo seu ritmo. Até que um dia, tudo mudou...

Conheci Samia da maneira improvável e inesperada. Almoçando com a Nina, num restaurante turco. No qual ela era garçonete. Realmente o destino tem senso de humor!

Lhe notei no momento que pisei no lugar. Não tinha como não olhar, sua beleza exótica e sensual. Não era nada forçado ou provocativo. Ela chamava atenção sem nem perceber. A maneira de andar, o jeito sexy de mexer os cabelos. O gingado dos quadris ao caminhar rapidamente de um lado a outro. Claro que vi não ser o único. Vários clientes apreciavam a mesma cena que eu. Mas o que mais chamou a atenção, não foi a parte física, ou o lindo visual. Foi sua história que me tocou de maneira profunda, mexendo em sentimentos que nem imaginei ter. Samia, era uma, dentre milhares de sírios refugiados, que pedem asilo em países da Europa todo ano.

Ela vinha com uma história pesada, triste. Com mortes e perda. No ápice da guerra, viu os pais e irmão serem assassinados. A irmã do meio ser sequestrada. Era uma lutadora, sobrevivente. Vivia e respirava para voltar a encontrar Aisha. Dizia ser sua responsabilidade procurar pela irmã. A admirei e cobicei desde o início. Não posso dizer que minhas intenções são puras, sem desejos dúbios. Mas não consigo evitar, tentei de tudo para lhe tirar da cabeça. Mas não consigo! É como se tivesse entranhada dentro de mim, tomado meus pensamentos. A desejo e quero como nunca quis uma mulher antes.

Foi com esse pensamento, que tive uma ideia. Uma que talvez me arrependa amargamente, mas que parecia ser a melhor aposta no momento. Preciso aproximar-me e a melhor opção, é oferecendo um emprego. Um no qual posso tê-la por perto, conquistar sua confiança. Decido oferecer-lhe a vaga de secretária de Nina. Claro, que também irei ajudá-la conforme prometi. Sinto pena pela situação em que se encontra, e isso não é fingimento. Mas o desejo, foi o carro chefe para fazer a proposta. Perto dela, sinto-me desconcertado, sem saber como agir. Pareço até um maldito adolescente. Mas gosto do que causa em mim, ela me desafia e instiga.

Samia

Hoje é meu primeiro dia na empresa. Tremo inteira ao pensar nisso. Será que vou dar conta? Que conseguirei aprender o serviço? Me repreendo por pensar tão pouco de mim. Sou inteligente e esperta. Repito mentalmente como um mantra.

Chegar na Itália não foi nada fácil. Passei por bastante tempo num acampamento. Sofri preconceito, tentativas de estupro por parte dos próprios funcionários da fronteira. Minha beleza que antes era uma dádiva, agora mais parece um problema.

Pretendo trabalhar e somente isso! Aproveitarei a oportunidade que foi oferecida, para mostrar potencial, lealdade e competência. Nada nem ninguém, irá me desviar do meu foco e objetivo. Encontrar Aisha, é a única coisa que importa. Nada mais tem minha atenção. Nem homem, tampouco festinhas ou coisas do tipo. Não gastarei nem um centavo, que não seja na busca de minha irmã.

Não tenho roupas tão boas, muitas foram ganhadas e as poucas que comprei, são simples. Peguei uma única calça social e jaqueta mais arrumadas, e usei para trabalhar. Confesso que me senti mal, ao ver os funcionários bem-vestidos. Por ser a matriz de uma grande empresa, às pessoas tem bom gosto na vestimenta. Ninguém parece tão simplório.

Encolho-me na cadeira, para aguardar a moça que atendi no restaurante. Parece que serei sua secretária.

Depois de 20 minutos ela aparece sorridente, feliz. Gostei dela de cara. Mostra-se simpática, simples e aberta. Diz que por enquanto, aprenderei o serviço com outra funcionária, que ficará ao meu lado por uns dias, até que esteja segura para desempenhar sozinha.

Caminhamos por um corredor extenso e cheio de salas. Antes paramos na maior do corredor e entramos. Lá dentro está Lorenzo! Que ao me ver, sorri abertamente, levanta-se e vem me cumprimentar com um beijo no rosto. Ah os italianos, são verdadeiros beijoqueiros!

Afasto-me devagar, disfarço. Não quero muito contato com ele. Apesar de lindo e atraente, é meu chefe, e devo manter maior distância possível.

Não sou muito dada a contatos físicos. Principalmente de homem. Mesmo a Síria não sendo tão rígida como outros países mulçumanos, não tínhamos esse costume. Não havia toques de homens e mulheres sem serem casados. Não vivo mais como antes e preciso me acostumar com isso. Até o hijab, que é o véu que cobre o cabelo, eu abandonei de vez. Com toda essa desgraça, questioneei meus ensinamentos e modo de vida. Acredito, que os ocidentais, tem razão em várias coisas, principalmente que a mulher tem direito de escolher seu destino. Seu jeito de viver. E não ser apenas manipulada pelo pai ou marido. Aproveito minha liberdade, e faço as coisas a minha maneira.

Nina, mostra-me minha mesa e sua sala. Dá algumas diretrizes das funções que irei desempenhar. E melhor, mostra uma apresentação dos negócios da empresa. Fico de boca aberta. A “*La Rinascita*” é imensa e tem lojas em toda a Itália. Vejo o quanto tive sorte, trabalharei numa empresa estável e em crescimento. E antes de começar a aprender, recebo outra ótima notícia. Que comparada as outras, faz o dia ficar melhor.

— Como somos uma loja de departamento, damos um bônus de boas-vindas, a todos os funcionários — Ela estende a mão e mostra-me um envelope — Aqui está um cupom de vale roupas e acessórios. Para as secretárias, o limite é maior, claro. Porque devido o cargo, precisam se vestir de maneira social — Sinaliza com a mão — Pegue, pode comprar o que quiser nas lojas — Me entrega sorrindo e ganho o dia. Não precisarei mais me preocupar com roupa, arfo de alívio.

— Obrigada, Nina! Por essa eu não esperava — Comento com sinceridade — Vai me ajudar bastante.

Ela ri e diz que todos funcionários adoram essa parte.

Uma senhora chamada Irene, me ensina o trabalho. Por uma dádiva do céu, é uma mulher agradável e paciente. Ensina-me tudo com calma e tranquilidade. Graças a Deus, pego o serviço com rapidez e ganho vários elogios.

No fim da tarde, a secretária de Lorenzo, traz algumas pastas e praticamente joga em cima da mesa. Irene a encara brava e retruca:

— Não jogue as coisas desse jeito, Diana! Um pouco de educação não faz mal a ninguém — A senhora que até então era calma, perde as estribeiras.

— Diga à sua aprendiz que é melhor se acostumar. Comigo não terá moleza! — Fala se dirigindo a mim com bastante hostilidade. E sai rebolando, se achando a miss universo. Ridícula! Penso.

Irene me olha firme e aconselha:

— Não deixe que faça isso com você. É uma folgada, precisa que a ponham no seu devido lugar.

Olho para garota, que agora já está quase sumindo no corredor e aceno a cabeça de maneira positiva.

— Fique tranquila, Irene! Não deixarei que faça isso novamente.